

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL DOUTORADO**

JANDIRA TURATTO MARIGA

VIVENDO NO FEMININO: percepções da menopausa

SÃO LEOPOLDO – RS

2019

JANDIRA TURATTO MARIGA

VIVENDO NO FEMININO: percepções da menopausa

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais, ênfase em Identidades e Sociabilidades, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Steffen Vieira.

SÃO LEOPOLDO – RS

2019.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas da UNIOESTE)

M335v Mariga, Jandira Turatto
Vivendo no feminino: percepções da menopausa. / Jandira
Turatto Mariga. – São Leopoldo, 2019.
122 fls.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do
Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação *Stricto
Sensu* em Ciências Sociais, 2019.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Miriam Steffen Vieira.

1. Mulheres. 2. Menopausa. 3. Fenomenologia. 4.
Envelhecimento. I. Vieira, Miriam Steffen. II. Universidade do
Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação *Stricto
Sensu* em Ciências Sociais.

CDD 20. ed. – 305.40952

JANDIRA TURATTO MARIGA

VIVENDO NO FEMININO: percepções da menopausa

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais, ênfase em Identidades e Sociabilidades, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Steffen Vieira.

SÃO LEOPOLDO – RS

2019.

JANDIRA TURATTO MARIGA

VIVENDO NO FEMININO: percepções da menopausa

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais, ênfase em Identidades e Sociabilidades, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

São Leopoldo/RS, 29 de julho de 2019.

Profa. Dra. Miriam Steffen Vieira – (Orientadora) UNISINOS

Profa. Dra. Magale Konrath - FEEVALE

Profa. Dra. Marília Veríssimo Veronese - UNISINOS

Profa. Dra. Tânia Maria Rechia Schroeder - UNIOESTE

Profa. Dra. Tonantzin Ribeiro Gonçalves - UNISINOS

A Deus, pela energia e motivação para que eu concluísse mais esta etapa.

Aos meus pais (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

No decorrer do curso de doutorado e percurso para a realização da pesquisa encontrei pessoas incríveis, às quais sou imensamente grata pelo apoio e incentivo. Ao definir efetivamente o tema da minha tese de doutoramento, desenhei, juntamente com minha orientadora, o caminho a ser percorrido. O desenho não previa caminhos fáceis, ao contrário, entraria numa seara desconhecida e instigante e, por isso mesmo, os agradecimentos que faço a seguir se fazem necessários.

Primeiramente agradeço a Deus, pelo amor incondicional. Mesmo quando duvidei, Ele me mostrou que os obstáculos existem para serem superados e, uma vez superados, me tornaram mais forte e melhor.

Agradeço especialmente aos meus pais, João Turatto e Zemira Broetto Turatto (*in memoriam*). Sei que me acompanham de onde estão.

À minha orientadora, professora Dra. Miriam Steffen Vieira, que, desde o início, me orientou e me conduziu com paciência e sabedoria. Muitas vezes, durante nossas inúmeras conversas, foi muito além de orientadora, compreendendo as minhas limitações e me guiando por caminhos seguros. Pelas inúmeras leituras aos meus escritos com observações críticas inteligentes que direcionavam meu trabalho de modo a não perder o entusiasmo pela pesquisa. Gratidão pela sua generosidade.

Ao reitor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), professor Paulo Sérgio Wolff, que, com sua visão de universidade, viabilizou, via convênio entre a UNIOESTE e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), o curso de doutoramento.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aos professores que fizeram parte da banca de qualificação, pela leitura crítica e sugestões: professora Dra. Miriam Steffen Vieira, professora Dra. Marília Veríssimo Veronese e professor Dr. Rogério Lopes.

Agradeço profundamente às mulheres que, nesta pesquisa, receberam os codinomes de Elizabeth, Gardênia, Linda, Marcela, Mariana e Suzana. Elas prontamente se dispuseram a contribuir com suas experiências de vida para esta pesquisa, expondo, de maneira assaz verdadeira e intimista, as suas realidades, as suas percepções e os seus sentimentos.

Aos servidores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS, especialmente à Maristela, secretária do programa que, muito além dos trâmites burocráticos, sempre resolveu prontamente – e de maneira carinhosa e eficiente – todas as minhas solicitações. Meu especial agradecimento a você!

Ao meu filho Vitor Henrique Mariga, pela oportunidade de ser sua mãe e pelo amor incondicional.

Ao Rudimar Mariga, por fazer parte da minha trajetória de vida e por me incentivar a realizar os meus sonhos.

Aos amigos e colegas de turma Alberto Ângelo Fabris, Anelise Ludmila Vieczorek, Antônia Marlene Vilaca, Cláudia Regina Felicetti Lordani, Émerson Cristofoli, Evanilde Pereira Salles Lange, Nelci Janete dos Santos Nardelli, Lizete Cecília Deimling, Marinês da Cruz Monteiro, Marinês Rute de Oliveira e Vera Lúcia Ruiz Rodrigues da Silva, que, muito além de colegas de trabalho e de turma, nos tornamos suporte uns para com os outros, trocando experiências e angústias, principalmente durante o processo de feitura da tese. Encontros de “corredor” significavam conversas sobre nossas teses e, nesses momentos, nos incentivávamos mutuamente. Gratidão.

Aos meus irmãos e, especialmente, às minhas irmãs Alete, Alurdes, Salete e Eva Maria, pelas conversas e cumplicidade. Meus sobrinhos e sobrinhas. Família imensa, tanto em número como em amor e união.

Aos meus amores peludos (gatos) pois que, no decorrer do curso e sempre que as dificuldades se apresentavam, eu me abraçava a eles e tudo parecia se acalmar: Xuxa (*in memoriam*), Meg (Branquinha), Mel (Amarelinha), Vitória (Viky), Lua e Sol.

Às amigas do coração, Carmem Regina Battisti e Marinês da Cruz Monteiro, pelos nossos encontros e papos intermináveis.

Por fim, agradeço a todos os que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que eu pudesse concluir meus estudos de doutoramento, que se concretizam com a conclusão desta tese.

Pois é...

Acabei de chegar à meia idade.
Nossa! Como passou rápido!!!
Parei e fiz uma retrospectiva!
E vi que guardo lembranças interessantes.

Antes, eu pensava...
quando chegar aos 20 anos,
Ah! Serei livre e forte.
Saberei um pouco mais...
Emoções demais, coisas demais...
Meu lema era: tenho pressa...

Aos 30 anos...
Já uma balzaquiana,
Pensava: o que dá sentido à vida
é o que fazemos com ela.
Sem muita pressa, talvez...

Quando cheguei aos 40...
Muitas coisas mudaram!
Pois a vida é um processo contínuo.
Pensava: Calma!!! O importante é viver
cada dia como se fosse o primeiro
e o último. Não tenho pressa!

E hoje... Aos 50 anos, eu sei...
O tempo é um presente para ser usado com
inteligência e não para ser desperdiçado.
O que se faz com a vida é o que dá sentido a ela.
Que não seja nem curta, nem longa demais.
Mas que seja intensa,
Enquanto durar.

Então... Cinquenta anos!!!
Para chegar até aqui, muito tempo esperei,
pois a felicidade nos coloca além
da singularidade de qualquer idade.

Ana Lúcia Serrou

RESUMO: O corpo é o meio por meio do qual o sujeito existe, interage, sente e vivencia o mundo da vida. Sendo assim, esta pesquisa teve por objetivo investigar como as mulheres experienciam o fenômeno "menopausa". Na perspectiva biomédica, a menopausa se manifesta a partir da redução da produção hormonal e ocorre com mais frequência por volta dos 50 anos de idade e é considerada como o marco do envelhecimento feminino. No campo das ciências sociais, a questão é abordada considerando as dimensões sociais e relacionais do sujeito mulher. Assim, o que importava, na pesquisa, era compreender como esse fenômeno era percebido e vivenciado na subjetividade de mulheres. A abordagem metodológica foi do tipo qualitativa e baseada na fenomenologia de Alfred Schütz como referencial teórico. Foram entrevistadas 6 (seis) mulheres na faixa etária entre 50-60 anos, sendo todas pertencentes a um extrato econômico similar e com curso superior completo. A pesquisa de campo foi realizada no período de junho a outubro de 2018 mediante a realização de entrevistas com base num roteiro semiestruturado de questões que enfocavam a experiência da menopausa e também mediante anotações e observações feitas no decorrer das entrevistas. Os questionamentos visaram compreender como esse fenômeno foi percebido e vivenciado por essas mulheres, considerando as singularidades de suas experiências, que foram desde um sentimento de negação, ao perceberem o envelhecimento físico, até uma ressignificação de suas vidas e existências.

Palavras-chave: Mulheres. Menopausa. Fenomenologia. Envelhecimento.

ABSTRACT: The human body can be seen as a vehicle on which an individual exists, interacts, feels and experiences the world of life. Thus, this research aimed at investigating on how women experience the menopause phenomenon. Based on biomedical perspective, menopause expresses itself when there is a decrease on hormonal production. This usually occurs nearly the 50's and it is considered the beginning of female aging. According to social sciences, this issue is approached considering the female individual's social and relational dimensions. Thus, this research highlighted on understanding how this phenomenon was perceived and experienced on women's subjectivity. The methodological approach was qualitative and based on Alfred Schütz's phenomenology as the theoretical guiding reference. Six (6) women who are going through menopause, from 50 to 60 years old, were interviewed, all of them belonged to a similar economic extract and are college graduated. This field research was carried out from June to October, 2018. The interviews were based on a semi-structured script of questions that focused on the menopause experience and on notes and observations obtained during the interviews. Those questions aimed at understanding on how this phenomenon was perceived and experienced by these women, considering peculiarities of their experiences, which ranged from a feeling of denial, when their physical aging was observed, until a re-signification of their lives and existences.

Keywords: Women. Menopause. Phenomenology. Aging.

RÉSUMÉ: Le corps humain est le moyen par lequel un individu existe, interagit, ressent et fait l'expérience du monde de la vie. Ainsi, cette recherche visait à examiner comment les femmes vivent le phénomène de la ménopause. Sur le point de vue biomédical, la ménopause s'exprime lorsqu'il y a une diminution de la production hormonale et survient le plus souvent vers l'âge de 50 ans et est considérée comme le moment du vieillissement féminin. Selon les sciences sociales, cette question est abordée en ce qui concerne les dimensions sociales et relationnelles de l'individu. Ainsi, l'important dans la recherche était de comprendre comment ce phénomène était perçu et vécu dans la subjectivité des femmes. L'approche méthodologique était qualitative et basée sur la phénoménologie d'Alfred Schütz en tant que référence théorique de cette recherche. Six (6) femmes qui vivent la ménopause, âgées de 50 à 60 ans, ont été interrogées, toutes appartenant à un extrait économique similaire et ayant obtenu un diplôme universitaire. La recherche a été menée de juin à octobre 2018 en menant des entretiens basés sur un script semi-structuré de questions sur l'expérience de la ménopause, ainsi que sur des notes et des observations faites au cours des entretiens. Les questions visaient à comprendre comment ce phénomène était perçu et vécu par ces femmes, en considérant les particularités de leurs expériences, qui allaient du déni à l'observation de leur vieillissement physique jusqu'à la réinterprétation de leur vie et de leur existence.

Mots-clés: Femmes. Ménopause. Phénoménologie. Vieillesse.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil das mulheres entrevistadas	74
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEDALUS	Banco de Dados Bibliográficos da USP
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
OMS	Organização Mundial da Saúde
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo
TRH	Terapia de Reposição Hormonal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ENVELHECIMENTO	21
2.1 Envelhecimento Feminino e Menopausa	27
2.2 Menopausa na Contemporaneidade	35
3 CORPO E CIÊNCIAS SOCIAIS	41
3.1 O Corpo como Fenômeno Social Segundo David Le Breton	42
3.2 O Corpo Político Segundo Michel Foucault.....	46
3.3 Fenomenologia e os Sentidos da Corporeidade Segundo Maurice Merleau-Ponty e Thomas Csordas	50
3.3.1 A Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty	50
3.3.2 Os Sentidos da Corporeidade em Thomas Csordas	54
4 A FENOMENOLOGIA COMO REFERENCIAL TEÓRICO FILOSÓFICO ORIENTADOR DA PESQUISA.....	60
5 EXPERIÊNCIAS DE MULHERES DA MENOPAUSA	73
5.1 Sobre a Percepção Subjetiva do Fenômeno Menopausa e sua Relação com o Envelhecimento.....	77
5.2 Sobre Práticas de Cuidados de Si	85
5.3 Sobre o Uso de Medicamentos	88
5.4 (Re)construção do “Eu” na Perspectiva de Um Novo Corpo	91
5.5 Percepção do Envelhecer em Relação ao Cônjuge.....	95
5.6 Percepção do Envelhecer no Meio Profissional.....	97
5.7 Percepção do Envelhecer no Meio Social.....	100
5.8 Da Nostalgia do Corpo Perfeito à “Mulher Livre e Solta”	102
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
7 REFERÊNCIAS.....	115

1 INTRODUÇÃO

Assim que ingressei no curso de doutorado em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, na cidade de São Leopoldo/RS, e após várias incursões em outros temas, optei por investigar, a partir de uma aproximação com uma bibliografia antropológica, as percepções de mulheres sobre o fenômeno da menopausa, considerado como o marco do envelhecimento feminino (MARTIN, 2006; MENDONÇA, 2004; VALENÇA et al., 2010). Meu interesse pelo tema se deu, também, porque estava passando pela experiência da menopausa e que estava me afetando significativamente, dadas as mudanças corporais observadas.

Na abordagem biomédica, a menopausa é considerada como um processo biológico pelo qual todas as mulheres vão passar e está carregada de significantes biopsicossociais e relacionada a problemas de ordem física (FERREIRA et al., 2013). A visão da menopausa enquanto patologia foi reforçada a partir do trabalho de Robert Wilson (1966), que, em seu livro *Eternamente Feminina*, defendeu a necessidade de associar essa fase à terapia de reposição hormonal – TRH. O discurso biomédico contemporâneo também segue a linha de que os problemas femininos decorrentes desse processo – calores, fadiga, depressão, entre outros – são passíveis de medicalização. Essa visão patológica do fenômeno é contestada principalmente nas ciências sociais, que percebem o sujeito em suas diferentes dimensões e para as quais a abordagem do tema deve ser considerada de maneira relacional.

A menopausa e o envelhecimento não podem ser apenas observados pelo ângulo biológico, isso porque há toda uma construção socioeconômica e cultural que envolve os fenômenos. Se envelhecer pode ser considerado um processo de difícil aceitação, para as mulheres, além de difícil, tende a ser mais cruel, isso porque o componente estético tem peso preponderante em função da relevância que a juventude e a beleza têm no contexto social.

As leituras que embasaram esta investigação suscitaram interesse analítico sobre as práticas dessas mulheres e sobre as suas percepções subjetivas, notadamente em relação ao trato e cuidados com as mudanças corporais, isso porque, na contemporaneidade, a beleza é associada à juventude e vista como um importante capital social (ABOIM, 2014; GOLDENBERG, 2011).

A menopausa está relacionada ao envelhecimento cujos reflexos sobre o corpo são, entre outros, os de perda da capacidade reprodutiva e da beleza física, entendida

como jovialidade. A beleza do corpo, principalmente no feminino, tem papel culturalmente preponderante (MENDONÇA, 2004; PERROT, 2007). Nesta pesquisa, tenho o interesse em analisar o modo como as mulheres percebem o fenômeno e como se sentem diante dessa exigência cultural numa faixa etária em que o envelhecimento físico é significativo e progressivo.

Delimitei a faixa etária para a análise entre 50-60 anos porque o envelhecimento feminino se dá mais acentuadamente a partir da menopausa, que é quando ocorre a “[...] interrupção fisiológica dos ciclos menstruais, devido à cessação da secreção hormonal dos ovários” (HOUAISS et al., 2009, p. 1273) e que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2011), pode ser também responsável por alterações significativas no corpo da mulher, como o aumento de peso, principalmente pela adiposidade central e também apresenta indícios de diminuição na força muscular e da capacidade cardiorrespiratória, de problemas ósseos, entre outros.

Foram entrevistadas seis (6) mulheres, servidoras públicas, com titulação mínima de graduação. A faixa salarial das entrevistadas é muito similar, variando apenas em relação à titulação. As entrevistas foram individuais e previamente agendadas e a escolha do lugar da entrevista obedeceu ao desejo da entrevistada. O período de realização do trabalho de campo foi de junho a outubro de 2018.

Para apreender a percepção de mulheres do fenômeno menopausa e após feitas as leituras teóricas, no roteiro das entrevistas foram inscritos os temas considerados mais relevantes e que buscam abranger o máximo possível do contexto do mundo da vida de mulheres. Assim, os temas previamente determinados foram: percepção subjetiva do processo da menopausa; percepção social e profissional e percepção familiar; práticas culturais de cuidados de si e projetos de vida futura. Com essas abordagens procurei abranger o entendimento dessas mulheres do universo vivido por elas.

Não foi pretensão e não se trata aqui de realizar um inventário completo sobre as percepções das mulheres do fenômeno menopausa, mas de trazer uma contribuição para ampliar os conhecimentos sobre mulheres que avançam para outro ciclo da vida. Quando me propus a investigar esse tema pensei que, de maneira prática e simples, poderia objetivar e descrever as percepções sobre esse fenômeno. Diferentemente, no entanto, esse tema se mostrou complexo e abrangente, dadas as especificidades vivenciadas por elas nos diferentes contextos.

Assim, a partir de uma abordagem da fenomenologia compreensiva sociológica, na perspectiva de Alfred Schütz (2003, 1979, 2015), este estudo tem por objetivo geral investigar como mulheres percebem o fenômeno da menopausa, notadamente, as transformações corporais decorrentes, sendo que, de acordo com Le Breton (2007), a pessoa se constrói a partir do corpo e que as pessoas se sentem representadas socialmente pelo corpo. Então, portanto, o corpo é a sua identidade primeira, é o seu cartão de visitas.

Quanto à estrutura deste texto de tese, ela está organizada em seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução, que visa levar o/a leitor/a a uma iniciação do assunto tratado ao longo da pesquisa.

O segundo capítulo contém uma revisão teórica cujas referências conceituais se aproximam dos temas pautados no envelhecimento e, mais especificamente, no envelhecimento feminino e na menopausa, procurando elucidar como esses fenômenos são tratados e como afetam a vida de mulheres na contemporaneidade.

No terceiro capítulo, intitulado “*Corpo nas ciências sociais*”, faço um breve percurso pelos teóricos David Le Breton (1995; 2004; 2007; 2009; 2011), Michel Foucault (1979; 1985; 1987; 1988; 2006), Maurice Merleau-Ponty (1975; 1999; 2003) e Thomas Csordas (2003; 2008; 2013) acerca do entendimento, do significado e dos sentidos do corpo, de acordo com as suas respectivas abordagens teóricas. Quanto a isso, cabe inicialmente, informar que a abordagem do tema corpo por Le Breton traz uma perspectiva do corpo social enquanto instrumento de pertencimento e de autoafirmação do sujeito. Michel Foucault focaliza um corpo sob a perspectiva do poder e do controle. Maurice Merleau-Ponty e Thomas Csordas apresentam a fenomenologia dos sentidos e da corporeidade, afirmando que o corpo se constitui num templo onde se inscrevem e se situam as experiências e os sentidos vividos pelo sujeito no mundo da vida.

O capítulo quatro é relativo à teoria fenomenológica compreensiva de Alfred Schütz (1979; 2003; 2015). Nele se estuda a ação e a experiência que conferem intenção e consciência ao sujeito, o que, por sua vez, atribui significado à experiência vivida. A fenomenologia possibilita o acesso à consciência do sujeito pesquisado e à sua relação com o fenômeno vivido. Assim, buscamos na fenomenologia os significados, a essência e o sentido que é dado a algo, ou seja, os fundamentos que se ocupam da realidade cognitiva que é incorporada às experiências humanas subjetivas, o aporte teórico para a compreensão e a estruturação deste estudo.

No quinto capítulo, intitulado “*Experiências de mulheres da menopausa*”, delimito o percurso metodológico percorrido para a realização desta pesquisa e analiso os conteúdos das narrativas de mulheres entrevistadas, ou seja, as suas percepções nos diferentes temas pesquisados do processo da menopausa e do envelhecimento no contexto vivido por cada uma delas.

Por fim, o sexto capítulo traz, em resumo, as considerações finais e apresento uma reflexão acerca das percepções e dos sentidos das experiências vividas por elas.

2 ENVELHECIMENTO

"A velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito ou numa noção".

SIMONE DE BEAUVOIR (1970b, p. 5)

Simone de Beauvoir, filósofa existencialista e ativista feminina que lutava pela igualdade de gênero e contra o papel e a opressão da mulher numa sociedade dominada pelo homem, já afirmava que a velhice, além de biológica, é um fato cultural, e que a sociedade constrói a inservibilidade da pessoa considerada velha, notadamente no que se refere às mulheres. Nesse sentido e, numa perspectiva ocidental, a autora escreveu, na década de 1970, o livro *A Velhice*, que tece uma crítica à desumanização da velhice e do velho e da percepção que se tem dele enquanto elemento incômodo e inútil, um estorvo social no contexto capitalista. A sociedade capitalista valoriza o sujeito enquanto força de trabalho, produtor de riqueza e capaz de suprir suas próprias necessidades, atividades para as quais, supostamente, os velhos perderam a competência. Um dos pontos levantados pela autora é o de que, na relação com os velhos, os sujeitos os veem como meio para prover as suas próprias necessidades, quer dizer, priorizam o próprio bem-estar em detrimento das necessidades deles (os velhos). No segundo volume do livro, a autora faz uma exposição mais interiorizada da velhice e de como esse sujeito velho é tratado e se sente, uma vez que permanece com as mesmas aspirações e os mesmos desejos de quando jovem. Segundo a autora, o velho sofre exclusão do governo, das instituições, da sociedade e da família, pois não tem atendidas as suas necessidades mais básicas e a única maneira de melhorar essa condição se dá a partir de uma mudança nos valores e nas estruturas sociais.

Ainda de acordo com Simone de Beauvoir (1970a), a velhice foi, por muito tempo, considerada um assunto incômodo, trans-histórico e com valor e sentido atribuídos de acordo com as diferentes sociedades. Ao envelhecimento se atribui o declínio do corpo e compreende uma subjetividade pessoal que nem sempre se coaduna com a visão social.

A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar (p.6) [...] como uma desgraça: mesmo entre os indivíduos considerados bem conservados, a decadência física por

ela acarretada patenteia-se à vista de todos, pois é na espécie humana que são mais espetaculares as alterações provocadas pelos anos. (BEAUVOIR, 1970a, p. 9-10).

Na academia, de acordo com Britto da Motta (2010), o tema velhice passou a ser objeto de estudo nas ciências sociais entre as décadas de 1980 e 1990. Essa atenção à velhice ocorreu devido ao rápido crescimento do número de idosos nas sociedades e também a uma maior longevidade, fatores que acabaram por se tornar um “problema social” (p. 233). A passagem para uma outra fase da vida, ou seja, envelhecer, muda a posição do sujeito no seu grupo de pertencimento e significa “[...] o fazer-se estrutural de uma dimensão da vida social que é, contrariamente, tecida com afetividade e relações de poder” (p. 226). Nesse sentido, a sociedade estruturada em critérios de idade, sexo e gênero, como elementos de organização e de participação social desenvolveu, ao longo do tempo, outras formas de exclusão, de marginalização e de discriminação não só baseados na questão de sexo/gênero, mas também no tocante à idade.

Ainda segundo a autora, os sujeitos vivem em simultâneo com várias gerações, porém não experienciam as mesmas experiências nem suas trajetórias de vida, quer dizer, “Todas as pessoas convivem com pessoas da mesma e de diferentes idades [...]. Mas, para cada uma, o mesmo tempo é um tempo diferente [...]” (Mannheim, 1928: 124 citado por BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 230).

Proporcionalmente, há mais idosos que crianças, isso porque o número de velhos aumentou devido ao ganho de longevidade. Permanece atual a fala de Veras, (2009, p. 549), quando afirmou que o Brasil é um “jovem país de cabelos brancos”, pois já em 2009 havia 50 mil novos idosos a cada ano e eram, em grande maioria, portadores de doenças crônicas ou de limitações funcionais. O aumento do número de idosos está associado a diversos fatores, dentre eles se podem citar: os avanços na abordagem médica, na ciência e na tecnologia; a queda da natalidade e da mortalidade infantil; e melhorias na qualidade de vida, no saneamento básico, e na implementação de políticas públicas. Como essa população é cada vez mais numerosa, se faz necessário compreender e atribuir significado a essa fase da vida, uma vez que “[...] todos querem viver mais, mas ninguém quer ser velho” (GOLDMAN, 2008, p. 21). Ademais, viver mais não é, necessariamente, sinônimo de viver melhor.

A vida moderna e contemporânea tem sido guiada pela concepção fordista de administração empresarial, concepção segundo a qual a produtividade e a

subordinação social ao capital econômico são a tônica dominante. Nesse processo de subordinação, “Três segmentos foram claramente demarcados: a juventude e a vida escolar; o mundo adulto e o trabalho; a velhice e a aposentadoria” (DEBERT, 1999, p. 75). Assim, na passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade que se configurou com uma visão capitalista, a pessoa mais velha, que tinha o *status* de guardiã das tradições e de sabedoria, perdeu seu espaço para o jovem, pelas suas habilidades e força física, e, em especial, para o adulto produtivo. Nessa *nova* sociedade contemporânea capitalista, a pessoa passa a ter valor pela sua produção; ela deixa de *ser* para *ter* (PERUFO, 2014). Nesse processo, as pessoas mais velhas são consideradas inaptas e não mais produtivas, o que implica em sua exclusão e marginalização social.

A ideia de velhice desqualificada passou a ser instituída a partir do processo de assistência social de Bismarck¹ quando fornecia uma pequena ajuda financeira aos trabalhadores maiores de 70 anos. Esse modelo de assistência social, que posteriormente se transformou no modelo de aposentadoria formal, mudou a percepção em relação ao que é ser idoso, pois o fator determinante para a aposentadoria passou a ser a idade e não mais a incapacidade do indivíduo, embora, em muitos países a aposentadoria já não seja mais considerada como um período de incapacidade, ao contrário, “[...] é cada vez mais percebida como uma época privilegiada de renovação pessoal, lazer e satisfação com a vida” (BRASIL, 2015, p. 37).

A partir da percepção de que a aposentadoria é uma fase de lazer e satisfação, foi elaborado o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (BRASIL, 2003), mudando o foco para uma perspectiva voltada mais para os cuidados e a prevenção ao longo de todo o percurso da vida e, nessa perspectiva, cabe ao Estado oferecer políticas públicas que garantam um acompanhamento no curso da vida, mas, também, sinaliza ao sujeito a sua responsabilidade no cuidado de si. Esse novo ponto de vista corrobora o entendimento de que os sujeitos são resultado de sua condição histórica socioeconômica e culturalmente construída.

O quadro nostálgico que se tem da velhice é o que Debert (2012, p. 186) chamou de “idade de ouro da velhice”, onde os velhos eram as pessoas mais respeitadas e valorizadas no contexto familiar, configurando-se a velhice, assim, numa

¹ O primeiro sistema de seguridade social foi instituído pelo Chanceler Otto von Bismarck em 1883, na antiga Prússia, atual Alemanha, e tinha como finalidade ganhar a simpatia dos trabalhadores. (OLIVEIRA, 2018, p. 71).

fase da vida em que o sujeito gozava de felicidade e de prestígio. No mundo contemporâneo institucionalizado, a visão do idoso está atrelada a senilidade, a doença e a morte. Muito embora essa seja a visão social do idoso, a autora relata, em seu livro, que, em pesquisa realizada com idosos, eles afirmam que se apoderaram de uma certa liberdade e independência como valores positivos para a vida e que dão novo sentido e “[...] redefine o que é envelhecer” (DEBERT, 2012, p. 185).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é possível perceber uma nítida necessidade de rescindir esse conceito da velhice enquanto dependência, doença e incapacidade. O novo paradigma é o de uma velhice plena, positiva e de solidariedade integrada entre as gerações, num claro entendimento de tornar o envelhecimento mais suave, muito embora nesse caminhar os sujeitos se deparem com “[...] questões referentes às doenças, à morte, à solidão e à relação com a família são recorrentes indicando que o frequente enfrentamento de tais situações [...] faz parte de suas experiências de envelhecimento” (SIQUEIRA; VICTORA, 2015, p. 234).

No livro *A Reinvenção da Velhice*, Debert (2012) faz uma reflexão sobre a velhice e o velho não apenas como um problema social ou político, mas que o velho não é um ser abstrato porque a velhice não é abstrata, ou seja, ela é real, sentida e vivida em todas as suas nuances e é plausível que se crie um novo olhar, distanciado da perspectiva de velho solitário, pobre e doente. A autora faz, no entanto, também uma crítica sobre as consequências das imagens excessivamente positivas que se constroem dessa fase, notadamente porque isso implica, muitas das vezes, em maquiagem os problemas e, ainda, traz implícita uma "reprivatização" da velhice, em que

As técnicas de manutenção corporal com ênfase no corpo jovem transformaram a meia-idade em uma espécie de platô que pode ser eternamente mantido. [...] (assim) o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. (DEBERT, 2012, p. 227).

A geração que envelheceu no final do século XX e que está envelhecendo no início do século XXI foi beneficiada pela expansão do emprego, pelo acesso à educação e pela expansão do Estado de Bem-Estar Social, entre outros fatores positivos (DEBERT, 2012). Além disso, é inegável que o acesso a novas tecnologias e a uma maior variedade de serviços e de informações influenciou também novos comportamentos e, conseqüentemente, uma nova perspectiva de vida. Mesmo assim,

no entanto, a sociedade moderna ainda aparenta dar à velhice uma atenção que de fato não existe.

Para Debert (1998, 2012), a institucionalização e a burocratização das diversas fases da vida estão presentes na esfera familiar, na educação, nas políticas públicas, no mercado do trabalho, no mercado de consumo e no sistema produtivo, tornando as diferentes idades segmentos específicos de mercados de consumo. Para a população em processo de envelhecimento, o mercado em ascensão é o que considera o corpo como “pura plasticidade” (DEBERT, 1999, p. 78), buscando um convencimento de que é perfeitamente possível manter-se jovem, ou seja, uma sofisticação da negação do envelhecer. Nesse sentido, cobra-se da mulher uma aparência jovem, muito embora, para a mulher consciente de que essa fase faz parte do processo de envelhecimento, a idade é meramente abstração, aparência, porque a eterna juventude está viva em seu íntimo.

Para Britto da Motta (2002), as idades se configuram como partes do passar do tempo, estações que ditam os ritmos e os ciclos da natureza que vão imprimindo sinais nos corpos – corpos esses, analisados e classificados sob o olhar social que responsabiliza o idoso e, especialmente a mulher, pela sua condição.

As mulheres sempre foram reduzidas ao determinismo da “natureza” como viés de dominação e de controle do corpo. Existem, no entanto, outras dimensões ou nuances sociais que não dizem respeito apenas ao gênero e, que numa análise mais aprofundada, não se pode deixar de observar o aspecto das relações de poder social. Britto da Motta (2002) cita, como exemplo, as idades/gerações onde podem existir disputas por mercado de trabalho e, também, preconceitos em relação às competências físicas e à proximidade da morte, de que, nesse caso, os velhos estariam mais próximos. Nesse sentido, a aparência do corpo é sinalizada como doença e decrepitude e essa naturalização da velhice pode ser percebida entre os próprios idosos, que assimilam essa concepção cultural e social da condição do idoso.

Britto da Motta (2002), em pesquisas² realizadas, observou, também, que muitos dos idosos se queixaram da diferenciação que se faz entre corpo e mente,

² Alda Britto da Motta trabalhou na documentação e na análise das atividades de diversos programas ou grupos de convivência de idosos jovens (até 75 anos), de ambos os sexos, na cidade de Salvador, com foco no modo de vida das pessoas, como as propostas de organização dos grupos e a forma como os idosos se situam neles e, também, acompanha individualmente, em suas casas, num movimento exploratório, os mais velhos com idades superiores a 80 anos, para permitir uma base comparativa entre a condição social e existencial dos mais “jovens” e a dos de idade mais avançada.

sendo que o decaimento da aparência e das condições físico-funcionais não significam que o indivíduo deixou de ter sentimentos ou de se perceber e pensar como um jovem. Dessa forma, há uma grande dificuldade na construção da identidade do idoso, isso em vista do diferente compasso entre “[...] a aparência ‘desgastada’, seu funcionamento não totalmente sincronizado e a mente – ou a essência dos sentimentos – ‘jovem’” (BRITO DA MOTTA, 2002, p. 42).

Naturalmente o corpo envelhece, no entanto, culturalmente, o envelhecimento é visto como um mito, um problema do outro. Muitas pessoas não se veem e não gostam de ser chamadas de velhos. A própria palavra “velho”, de acordo com Ferreira (1993), é carregada de conotações negativas, como desgastado, antigo, desusado, obsoleto, ultrapassado, descartado, fora de moda, entre outros adjetivos – todos negativos.

Fernandes e Garcia (2010), em seu estudo de natureza qualitativa e considerando a perspectiva de gênero, cujo objetivo era analisar a percepção e vivência de mulheres idosas acerca de seus corpos, realizado junto ao grupo de convivência de idosos Juventude Acumulada em Cruz das Armas, no município de João Pessoa, na Paraíba, entrevistaram 18 mulheres e encontraram sujeitos com uma visão negativa, mulheres que percebem os seus corpos como frágeis, doentes e feios. Encontraram, no entanto, também mulheres que transgridem essa visão negativa do envelhecer, reagem e se autoafirmam, atribuindo beleza ao corpo envelhecido, exteriorizando a beleza interna de si mesmas.

De acordo com Mesquita (2014), a velhice parece limitar as pessoas a determinada faixa etária, a um conjunto de signos, a perdas de espaços sociais, realocando-os a espaços nunca imaginados. Schneider e Irigaray, ao estudarem³ os aspectos do envelhecimento humano na atualidade, afirmam que

As medidas de idade cronológica, biológica, psicológica e social são relevantes e importantes para a compreensão do processo de envelhecimento, mas não para a sua determinação, pois a velhice é apenas uma fase da vida, como todas as outras e não existem marcadores de seu começo e do seu fim. (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 592).

³ Esta pesquisa apresenta uma revisão de literatura com o objetivo de analisar os aspectos envolvidos no processo de envelhecimento e a importância do contexto social na determinação da idade da velhice.

Dessa maneira, pretende-se estudar a percepção do processo de envelhecimento entre mulheres a partir da experiência da menopausa.

2.1 Envelhecimento Feminino e Menopausa

"A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências".

MICHELLE PERROT (2007, p. 49)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE (2016), do total da população brasileira, 51,3% são mulheres e 48,7%, homens. No ano de 2000, para cada 100 mulheres idosas havia 81 homens. A estimativa é que, para o ano de 2050, essa relação seja de 100 idosas para 76 idosos. Dados do Fundo de População das Nações Unidas (2012) também demonstram que as mulheres idosas são em maior número no mundo todo, sendo que, para cada 100 mulheres com 60 anos ou mais, existem 84 homens e, para cada 100 mulheres com 80 anos ou mais, existem apenas 61 homens.

Estatisticamente, as mulheres vivem mais que os homens e, em decorrência disso, há um número maior de mulheres idosas em relação aos homens. O processo de envelhecimento feminino ocorre mais acentuadamente a partir da menopausa, que se dá entre os 45 e os 55 anos de idade (DEBERT, 2012; KANTOVISKI; VARGENS, 2010; FELTRIN; VELHO, 2016; MARTIN, 2006; MENDONÇA, 2004; PERROT, 2007; VALENÇA et al., 2010). A menopausa determina o fim da vida fértil, no entanto, concepções ainda vigentes consideram que ela determina, também, o fim da feminilidade, da sexualidade e da sedução (PERROT, 2007), ou seja, uma mulher que alcançou a menopausa é considerada velha e, como tal, vazia de sentimentos e de vontades. Apesar de existir toda uma conotação negativa em torno desse processo, ele significa, para muitas mulheres, transpor um mundo de regras e de deveres, quando as perdas indesejadas podem, porém, libertá-las e lhes oportunizar criar as suas próprias normas (DEBERT, 2012; VALENÇA et al., 2010).

De acordo com Feltrin e Velho, nas sociedades industriais ocidentais, a biomedicina se encarregou de consolidar a “visão oficial” (p. 153) sobre o corpo feminino, marcado pela diferença entre os sexos, gênero, cultura e hierarquia de

poder. Tal discurso se incorporou como verdade no seio social, notadamente no que se refere à inferioridade feminina, cujo corpo foi “[...] problematizado em todos os níveis, desde o nível cromossômico e celular até o fisiológico, anatômico ou comportamental” (FELTRIN; VELHO, 2016, p. 154).

A visão predominante que se tem da mulher é que seu corpo é governado pelos hormônios e, nesse contexto, a menopausa é entendida como doença cuja patologia deve ser tratada e a justificativa para a medicalização decorre da diminuição considerável do nível dos hormônios e dos sintomas associados, no entanto, remete, também, à concepção política da medicina numa sociedade capitalista. Nessa perspectiva, o que se enfatiza são as deficiências e o lado negativo da idade, como a falta de saúde, a redução da capacidade física, a dependência e a baixa autoestima (FELTRIN; VELHO, 2016; KANTOVISKI; VARGENS, 2010; ROHDEN, 2001; 2007; VALENÇA et al., 2010).

Muito embora a menopausa seja um fenômeno comum às mulheres de todo o mundo e os sintomas sejam considerados universais, ela deve ser contextualizada e compreendida como uma construção cujos aspectos socioculturais variam de maneiras distintas (FELTRIN; VELHO, 2016; MENDONÇA, 2004; ROHDEN, 2001; VALENÇA et al., 2010), como revelaram, por exemplo, pesquisas realizadas por Avis et al., citado por Separavich (2010), com diferentes grupos étnicos caucasianos, afro-americanos, chineses, japoneses e hispânicos dos Estados Unidos e que atribuem, entre outros, a hábitos alimentares os diferentes sintomas. Já a pesquisa⁴ realizada por Lobo (2007) concluiu que essa fase é, também, permeada por experiências fragilizadoras e por transformações não só de ordem biológica, mas sociais e psicológicas que levam a mulher a uma perda de suas referências simbólicas e a uma desconstrução da sua subjetividade e que essas transformações podem se configurar como gatilhos sintomáticos de depressão e de desorganização de sua imagem.

Nesse contexto, a menopausa desenha um cenário social sombrio para a mulher. Sobre isso, Perrot (2003) descreve a visão contemporânea que a sociedade tem da mulher nessa fase:

[...] a menopausa ocorre numa semiclandestinidad. Na visão comum, a mulher no climatério já não é mulher, e sim uma velha, eventualmente dotada

⁴ Em sua pesquisa, Jorgina Teixeira Lobo entrevistou 12 mulheres entre 50 e 60 anos, residentes no Rio de Janeiro, todas tendo cursado o 3º grau completo e que ainda trabalham em órgãos públicos. O objetivo da pesquisa era destacar as representações das mudanças e as experiências por elas vividas e as repercussões na subjetividade e na autoestima feminina.

de mais poderes e liberdades, porém privada de fecundidade e, em consequência, de sedução. A própria palavra é uma injúria ou uma zombaria. Daí o mutismo sobre esse momento vivido como um exílio: da juventude, do glorioso período da maternidade. A atenção à menopausa, a vontade de retardá-la ou de suprimi-la, é um fenômeno bem recente. (PERROT, 2003, p. 16).

A menopausa é interpretada como um marco entre o fim do frescor da juventude, da feminilidade, da reprodução e o início da velhice, e essa vinculação negativiza essa experiência (MARTIN, 2006; MENDONÇA, 2004; VALENÇA et al., 2010). Para a sociedade contemporânea, a beleza feminina está intimamente ligada à juventude e é um capital social muito valorizado (ABOIM, 2014), tanto no mercado de trabalho como no mercado afetivo (GOLDENBERG, 2011). A beleza feminina, a partir do século XX, se constituiu no primeiro mandamento para a mulher e, com o discurso quase que unânime de que todas as mulheres, indistintamente, podem ser belas, a beleza feminina se transformou em um importante segmento no mercado, com produtos e tecnologia direcionados (DEBERT, 1999; MENDONÇA, 2004; PERROT, 2007).

Para Le Breton (2007), a aparência submete o sujeito ao olhar apreciativo e esse olhar automaticamente o classifica socialmente consoante a sua apresentação. Então é nesse estereótipo, socialmente construído, que se fixam os estigmas e as marcas, que podem ser fatais:

O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente matril, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros. Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas. (LE BRETON, 2007, p. 78).

Nesse processo fenomenológico da estética, Le Breton (2007) comenta que, na década de 1960, surgiu um novo imaginário do corpo decorrente da crise social e dos movimentos como o feminismo, a revolução sexual, o *body-art*, entre outros – imaginário de um corpo luxuriante do qual ninguém escaparia. Entretanto, esse corpo jovem e perfeito, tido como ideal social contemporâneo, também sucumbe ao passar dos anos e que proposições do marco teórico do envelhecimento dizem respeito a que os ganhos e as perdas no processo de envelhecimento deixam a balança sempre negativa e que esse desequilíbrio transparece tanto nos estereótipos sociais como na avaliação subjetiva.

Cotidianamente somos bombardeados por imagens de uma plasticidade perfeita e que culturalmente constroem o significado e a definição do feminino, atribuindo qualidades e atributos característicos. De acordo com Debert (1999), a sociedade contemporânea percebe, em detrimento das qualidades do sujeito, a beleza do corpo como um meio para conquistas sociais. Então, as imperfeições do corpo são vistas como não naturais nem imutáveis, mas como sinais de *lassitude moral* que merecem ser cuidados de maneira mais incisiva a fim de se eliminar tais imperfeições, devendo-se lançar mão desde cosméticos até raios *laser*, ou seja, como dito anteriormente, nesse processo de “[...] mudanças culturais que redefinem a intimidade e a construção das identidades, o corpo tende a ser percebido como pura plasticidade” (DEBERT, 1999, p. 78).

Segundo Perrot (2007), a atenção dada à beleza feminina tem, ao longo do tempo, focado diferentes partes do corpo. Até o século XIX, o rosto e o busto detinham o foco principal. Posteriormente, o olhar se desloca para a parte inferior do corpo, com trajes mais justos à cintura e desnudando os tornozelos. Já no século XX, as pernas longilíneas entram em cena, seguidas da esbeltez quase anoréxica e que dá a tônica da beleza moderna, suplantando, definitivamente, as formas arredondadas da mulher voluptuosa.

De acordo com a antropóloga Emily Martin (2006), homens e mulheres eram tidos como idênticos até o século XVIII, quando então passaram a ser vistos como cientificamente diferentes, não apenas em sua conformação, mas, também, pelos papéis sociais correspondentes e, no caso da mulher, o corpo foi regulado pela negatividade patológica, pois, sendo a mulher considerada um sistema produtivo, a menstruação e a menopausa são considerados desvalorizantes, porque nesses períodos a mulher não é (ou não era considerada) produtiva. Nesse sentido, os hormônios passam a ter importância fundamental para a mulher como retroalimentadores de um sistema que reduz a mulher a cérebro-hormônios-ovário e, nesse sistema funcional-(re)produtivo, a menopausa cessa a produção pelo cansaço da máquina; decreta a falência ou a morte do sistema; da sua serventia social.

No livro, *A Mulher no Corpo*, publicado inicialmente em 1987, Emily Martin (2006) percebe as mulheres como portadora de experiências unas e alicerçadas em seus corpos. A autora entrevistou 165 mulheres de diferentes idades, etnias e camadas socioeconômicas, residentes na cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, e sua pesquisa versou sobre os processos culturais que afetam as mulheres,

notadamente sobre representações corporais oriundas dos discursos e das práticas da medicina feminina (ginecologia/obstetrícia). Segundo a autora, o discurso médico-científico concebe a menopausa como a decadência feminina, porém, muito embora tenham assimilado muitos dos conceitos que a negativizam, as mulheres entrevistadas apontaram a menopausa como libertadora de um ciclo menstrual incômodo, pela possibilidade de não mais procriar e, também, libertadora em relação a possibilidades de novas mudanças de perspectiva de vida (MARTIN, 2006).

Sofia Aboim (2014), em pesquisa realizada em Portugal, no ano de 2014, sobre a percepção do envelhecimento, apreende das narrativas de mulheres, não sem nostalgia, uma aceitação do processo de envelhecimento e das mudanças corporais observadas no confronto com o espelho. Essa pesquisa, a partir de uma perspectiva microssociológica, envolveu 10 mulheres e 20 homens com mais de 65 anos. O objetivo do estudo foi o de analisar, de maneira exploratória, o discurso de homens e de mulheres confrontados com o seu próprio processo de envelhecimento, buscando as suas próprias percepções do “ser velho” e as principais dimensões associadas à velhice. A autora ressalta, no entanto, que muitos dos discursos conformistas podem ter conexão com a amargura da “[...] fatalidade biológica do envelhecimento” (ABOIM, 2014, p. 216).

De forma similar, estudo já citado anteriormente e realizado por Fernandes e Garcia (2010), de natureza qualitativa e considerando a perspectiva de gênero, e com o objetivo de analisar a percepção e vivência de mulheres idosas sobre seus corpos, também observou, nos depoimentos delas, sentimento de resignação frente a uma imagem de difícil assimilação, onde o corpo se metamorfoseia numa espécie de “maracujá murcho” (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 882).

Até o século XIX, a medicina compreendia a mulher a partir de uma dicotomia entre o mundo natural e o mundo doméstico – fundamentalmente feminino – e a partir de uma fragmentação da pessoa, em que o corpo era visto como essencialmente biológico, como uma máquina que poderia ser consertada, ignorando-se toda a sua dimensão relacional. Segundo Martin (2006), esse discurso biológico, essa alienação científica do modo de pensar o feminino, está intimamente ligada à objetividade e a valores basicamente masculinos, quer dizer, as mulheres são reprimidas em seus conhecimentos e se localizam onde incidem as diferenças (MARTIN, 2006).

Essa diferença ou a construção dela é explicitada no livro *Uma Ciência da Diferença* da antropóloga Fabíola Rohden (2001). A autora reconstruiu a trajetória da

medicina feminina (ginecologia) no Brasil e nos traz toda uma compreensão dos significados e da experiência social e cultural, bem como, dos mecanismos utilizados ao longo do tempo para a construção ideológica dessa ciência da diferença. De acordo com a autora, os escritos da área médica trazem, ao longo do tempo, uma noção de que os profissionais médicos entendiam como imperativo que as intervenções fossem ajustadas de maneira a contemplar as diferentes razões para a existência de homens e de mulheres e pelas necessárias e condizentes prescrições inerentes aos gêneros e aos sexos, ou seja, o entendimento era de que as mulheres seriam naturalmente diferentes, não só biologicamente, mas, também, em seus atributos morais e psicológicos, bem como nas suas funções sociais. Assim, portanto, gênero e sexo incluiria, fundamentalmente, uma relação entre cultura e natureza, e ambas determinariam a construção e o funcionamento social. Então, pertencer à categoria feminina significava necessitar ser consertada pela medicina e sofrer passivamente o controle, tanto da família quanto do Estado, onde o desejo igualitário ainda é um ideal a ser alcançado.

O controle do corpo, segundo Michel Foucault (1979), estrategicamente se iniciou com a aliança entre disciplina e medicina em favor de uma sociedade capitalista. Muito embora esse controle visasse a manutenção da saúde da classe operária para que permanecesse apta ao trabalho, ele podia também ser verificado no feminino, atendendo aos mesmos objetivos de mantê-las produtivas:

O capitalismo desenvolveu-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1979, p. 80).

De acordo com Rohden (2001), nos escritos médicos analisados durante sua pesquisa havia uma acentuada preocupação com o feminino, com a possibilidade de um rompimento dos limites sociais estabelecidos a partir do mau funcionamento dos órgãos reprodutivos, cujos sintomas mereciam atenção e que poderiam ser detectados a partir de uma “[...] manifestação de revolta, de exagerada inteligência, desapego em relação à maternidade ou aos filhos e de desejo sexual fora dos padrões tidos como normais [...]” (ROHDEN, 2001, p. 21). Dessa preocupação decorria a

aplicação de tratamentos desde cirurgias de extração de ovários a internações em hospitais para dementes.

O corpo feminino era visto como mero instrumento reprodutivo e, portanto, a beleza da mulher era admirada por suas ancas proeminentes e por seios avantajados que favoreciam a procriação, ou seja, para o que ela servia, em função da sua natureza. Segundo Rohden (2001), a mulher era considerada inferior e incapaz de assumir responsabilidades sociais, além do que, as que lutavam por posição social eram indesejadas e consideradas “[...] ‘espécies híbridas’, ‘não-sexuadas’, ‘mulheres homens’, ‘degeneradas’, ou então descritas como incapazes de conseguir um marido e manter uma família, além de ‘vampiras’ ou ‘assassinas’” (p. 41). Assim, o estereótipo criado pela ciência da diferença tinha como certo que “[...] os homens seriam sérios e pensativos e as mulheres, frívolas e emotivas” (p. 224).

Esse corpo feminino que, no discurso biomédico, é concebido como máquina (re)produtiva e pensado como exclusivamente biológico, está ancorado numa dimensão material de mundo e, para Tadeu (2009), essa confluência entre o humano e a máquina, na pós-modernidade, se mistura e se generaliza numa confusão entre “[...] ciência e política, entre tecnologia e sociedade, entre natureza e cultura” (TADEU, 2009, p. 11).

Ainda sobre a vinculação entre natureza e cultura, Judith Butler (2000), filósofa pós-estruturalista que discute gênero, argumenta:

A relação entre cultura e natureza, pressuposta por alguns modelos do gênero como construção, supõe uma cultura ou uma agência do social que age sobre uma natureza, a qual é, ela própria, pressuposta como uma superfície passiva, fora do social [...] (p. 156). [...] feministas têm argumentado que o próprio conceito de natureza precisa ser repensado, pois o conceito de natureza tem uma história e a descrição da natureza como uma página em branco e sem vida, como aquilo que está, por assim dizer, quase sempre morto, é decididamente moderna, vinculada talvez à emergência dos meios tecnológicos de dominação. (BUTLER, 2000, p. 157).

Além de a mulher sofrer toda forma de dominação e controle, a avaliação social acerca da aparência do corpo também incide diferentemente sobre o sexo/gênero (FELTRIN; VELHO, 2016). Essa diferença também pode ser vista na obra de Aboim (2014), que afirma que, para as mulheres, a perda dos atributos físicos e da aparência é o indicador de transição para a velhice e, para os homens, é a perda da força física e da atividade.

A pesquisa realizada por Vanessa Martins Cepellos, de abordagem qualitativa e numa perspectiva interacionista simbólica de Charmaz (2009), teve o objetivo de explorar como as mulheres executivas experimentam o processo de envelhecimento. Nessa pesquisa foram entrevistadas 58 mulheres de 40 anos ou mais e que exerciam posição executiva em organizações no Brasil. O resultado mostrou que o significado de envelhecimento para elas alia aspectos positivos e negativos, sendo positivos as experiências, o amadurecimento e a maturidade trazidos com a idade, e, os negativos, a decadência do corpo com a chegada da menopausa, o fim da vida social, da carreira, entre outros, ou seja, “[...] o processo de envelhecimento é reconhecido como o prenúncio de mortes simbólicas” (CEPELLOS, 2016, p. 219).

As mulheres sofrem mais com o processo de envelhecimento, isso porque lhe são direcionadas com mais ênfase as referências sobre o envelhecimento (ABOIM, 2014; FELTRIN; VELHO, 2016). Notadamente, a mulher é analisada pela sua beleza física, mas essa beleza é efêmera, se esvai à medida que o tempo passa. A percepção da imagem corporal compreende aspectos subjetivos: como se sente, como se imagina e como age sobre si mesma, ou seja, seus pensamentos e sentimentos acerca das dimensões do seu corpo. A mulher pode superestimar ou subestimar a sua imagem consoante as suas características subjetivas positivas ou negativas que apresenta. No Brasil, por ser um país tropical, os corpos ficam mais desnudos e, de maneira geral, a população deseja uma aparência do corpo de acordo com determinados padrões estéticos. Essa cobrança é lançada principalmente sobre as mulheres, onde a busca do corpo ideal pode significar, também, o medo ou a negação do envelhecer (FERREIRA et al., 2013; GOLDENBERG, 2011).

À mulher sempre lhe foi cobrada uma estética atraente e considerada adequada aos padrões do contexto social. Ao longo do tempo, as amarras do espartilho foram substituídas por outras, como, por exemplo, as amarras sociais e culturais do estereótipo criado em torno do corpo perfeito e que têm levado as mulheres ao limite físico e psicológico no sentido de atender a essa expectativa:

A mulher velha é retratada, nos contos de fadas, “como bruxa, feiticeira, invejosa, feia e má”, e é “posta em confronto com mulheres jovens, belas e boas (...) Tais imagens impregnam o imaginário popular e reforçam estereótipos negativos sobre a velhice em geral e, especialmente, a velhice da mulher”. Deste modo, velhice feminina e beleza tornar-se-iam inconciliáveis. (LIMA, 2008, p. 13).

Muito embora o cenário social para o envelhecimento feminino seja um tanto sombrio, percebe-se aflorar um novo movimento com ressemantizações em busca de um novo lugar “[...] um processo de renascimento simbólico [...] a possibilidade de uma nova vida” (CEPELLOS, 2016, p. 221). Esse novo olhar, em termos de uma revisão de estereótipos, pode ser visualizado na pesquisa etnográfica desenvolvida, em dois momentos, por Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita (2014), quando frequentou diferentes espaços urbanos destinados aos maiores de 60 anos na cidade de Fortaleza/CE e entrevistou 9 mulheres com idades entre 60 e 70 anos, com formação mínima de 3º grau. A pesquisadora observou que esses espaços de lazer surpreendem pelo movimento e pela despasteurização dos idosos que ali se encontram. Dentre os espaços citados pela autora, destaco o Mercado dos Pinhões e o Bar Flórida, onde, segundo a pesquisadora, a conversa flui naturalmente, os comportamentos são livres, as paqueras e os beijos são espontâneos e o clima é de leveza e alegria. Essas atitudes e comportamentos quebram as estruturas sociais que naturalmente incorporam sanções e proibições e reafirmam a necessidade de o idoso se reconfigurar como sujeito de sua história, pois “a corrida não acabou” (MESQUITA, 2014, p. 45) e esse período precisa ser objetivado, vivido, sentido, rejuvenescido, “[...] uma etapa pródiga de prazeres possíveis, dantes inimagináveis” (OLIVEIRA, 2014, p. 35).

Entretanto, corroborando o entendimento de Debert (1998, 2012), Mesquita (2014), chama a atenção para o perigo da excessiva proliferação da imagem de uma velhice positiva, conforme mencionado no início do texto, pois os aspectos negativos inerentes a essa fase da vida podem ser escondidos ou maquiados ou, ainda, essa imagem pode vir a responsabilizar os que nela não se encaixam, por se considerar que não se esforçam o suficiente.

2.2 Menopausa na Contemporaneidade

O tema menopausa tem sido pautado em inúmeras pesquisas recentes. O termo "menopausa" teve origem no artigo *La menopause*, escrito em 1816 por Charles Pierre de Gardamme. Esse autor constitui o termo mediante a soma de duas palavras do grego antigo, com significado de mês/regras e fim/parada, segundo Mucida (2006). Neste tópico busco expor a menopausa nas perspectivas da

biomedicina e da sociologia e, por outro lado, busco compreender, em meio a esses discursos, a perspectiva da mulher enquanto sujeito que, culturalmente, compreende esse período como marco de passagem para o envelhecimento. É importante esclarecer que não serão analisadas as teorias que embasam tanto a biomedicina como as ciências sociais na respectiva área, mas, sim, os resultados das pesquisas realizadas e que mostram a visão contemporânea do tema. Não se tratou de uma revisão exaustiva, mas da busca da identificação dos estudos que contribuíssem para a compreensão dessas perspectivas e da percepção de mulheres a respeito da menopausa como iniciadora do processo de envelhecimento.

As pesquisas no campo da saúde apresentam um olhar medicalizado, tanto para a menopausa quanto para o envelhecimento, como pode ser verificado nas teses e nos artigos científicos pesquisados para o estado da arte dessa temática neste trabalho. A biomedicina vê a menopausa como marco entre as fases produtiva e não produtiva da vida humana, ou o equivalente a um rito de passagem para a velhice, como um problema e um período em que a maioria das mulheres sofrerá de algum tipo de distúrbio (alimentar, depressão, inacurácia, entre outros) em relação ao corpo, além de sofrimento psíquico, que pode ser sempre fundamentado pela via patológica (AZAMBUJA, 2015; BARAZZETTI, 2013; COELHO, 2015; MENDONÇA, 2004; MUCIDA, 2006; SORPRESO, 2010; VALENÇA et al., 2010). A menopausa deixou de ser um fator natural e se transformou em enfermidade quando da transformação dos signos em sintomas, o que deixou as mulheres vulneráveis à medicalização, que, por sua vez, é feita, muitas vezes, desprovida de informações e onde tudo é atribuído à idade e à generalização do conceito de mulher velha e queixosa (MENDONÇA, 2004).

Entretanto, a medicalização da menopausa como necessária, que é disseminada pelo discurso biomédico, pela mídia e pelos laboratórios farmacêuticos, visa a um público-alvo formado por mulheres social e economicamente privilegiadas, com recursos e tempo disponíveis para cuidados mais apurados e rituais de beleza, onde se incluem desde cremes específicos, vitaminas e suplementos, a exercícios físicos supervisionados. Essa percepção da menopausa e do consequente envelhecimento é vista como universal, englobando todas as mulheres, ignorando-se, assim, sua individualidade e contexto socioeconômico e cultural e, nessa situação, desloca o olhar da mulher do fenômeno natural e biológico para um período temido de depreciação e de falência e, por conseguinte, para uma perspectiva existencial

negativa (FELTRIN; VELHO, 2016; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008; SILVA, 2000; TRENCH; SANTOS, 2005; VALENÇA et al., 2010).

Essa visão negativa da menopausa, que afirma o declínio do feminino de forma grotesca e quiçá desrespeitosa, pode ser observada em Almanack do Urudonal (1930), citado por Trench e Santos (2005, p. 93), quando afirma que “Certas mulheres são ‘desfeminizadas’ aos 35, 36, 38 anos. Outras não o são senão passados os cinquenta (*sic*). Como explicar estas anomalias bizarras?”. Robert A. Wilson foi o pioneiro da Terapia da Reposição Hormonal – TRH. Ele expôs, claramente, a sua visão da menopausa enquanto enfermidade, como pode ser visto em um fragmento de sua obra *Eternamente Feminina*:

Usando uma analogia grosseira, você poderá comparar a menopausa a uma doença semelhante a diabetes. Ambas são causadas pela falta de certa substância química orgânica. Para curar a diabetes suprimimos a substância ausente com insulina. Uma lógica similar pode ser aplicada à menopausa: os hormônios que faltam podem ser substituídos. (WILSON, 1966, p. 20).

Esse entendimento da menopausa como um fenômeno bizarro e patológico, um período de falência, de perda da feminilidade, da beleza e do desejo sexual, consolidado no meio médico, é interiorizado e manifestado também nas falas das próprias mulheres, que, nesse período, procuram se distanciar, evitando o preconceito e o estigma social.

[...] uma mulher me disse ter vergonha de ter esses ‘calores’ [...] e que isto se devia à menopausa – ela costumava mentir para evitar o constrangimento, dizendo que seu calor tinha outro motivo [...] a incapacidade das mulheres de controlarem as funções do corpo durante a ‘crise’ (comprometimento da concentração, sono, suores e ‘rubor’ no rosto), afetando a sua imagem perante os outros pelo fato de ficar evidenciado que estão na menopausa – um estágio relacionado à velhice, à perda da sensualidade, à vitalidade, etc. (FELTRIN; VELHO, 2016, p. 170).

Historicamente, a menopausa sempre foi um “não evento” (TRENCH; SANTOS, 2005, p. 95), isto porque ela acontece no invisível social, diferentemente das outras fases por que passam as mulheres. Essa é, no entanto, a fase mais temida, pois nela é decretado o fim da fertilidade, da feminilidade, da sexualidade e o início do envelhecimento (FERREIRA et al., 2013; TRENCH; SANTOS, 2005).

Autores como Rodolfo (2015) e Valença et al. (2010) já apontam a necessidade de um olhar mais holístico e menos biologicista e proporcionar à mulher que se reconheça como sujeito, bem como a necessidade de abrir espaços de intersubjetividades no campo da assistência à saúde, possibilitando a troca de

conhecimentos, de novas abordagens e perspectivas, isto porque o reducionismo da abordagem do tipo “[...] consulta/solicitação de exames/prescrição [...]” (RODOLFO, 2015, p. 26) reforça o imaginário feminino da menopausa como patologia do envelhecimento. Na verdade, o sistema de saúde vigente carece de informações sobre a percepção e as necessidades das mulheres nessa fase, privilegiando apenas a assistência curativa e a medicalização.

No campo das ciências sociais, o tema é abordado visando as dimensões sociais do sujeito e tece uma crítica ao olhar biomédico. Os estudos da área da antropologia buscam compreender como as mulheres pensam a construção da autoimagem e como a menopausa significa o limiar do envelhecimento; como esse processo representa a necessidade de uma ressignificação de sua alteridade e subjetividade, compreendendo que o corpo não pode ser traduzido enquanto moeda ou capital de troca (GOLDENBERG, 2007), nem quais os modelos corporais que influenciam esse processo (BERGER, 2006). Na visão da sociologia, a relação do sujeito com a velhice e com a menopausa decorre de uma construção social e relacional com o corpo, como afirmam Costa e Gualda (2008). Para essas autoras, as mulheres são sujeitos socioculturais, agem, pensam e decodificam a menopausa a partir de suas interpretações de mundo e das relações sociais estabelecidas nos ambientes de convivência. Outros estudos (FERREIRA, 2010; MARCELJA, 2012; TRINCA, 2008; SAMARÃO, 2007) abordam, de maneira geral, as convenções, as imagens, as representações e o culto ao corpo, e, também, como esse corpo midiático é visto e compreendido pela cultura contemporânea capitalista, que vive uma cultura da mulher ilustrativa, obcecada pela magreza e pelo corpo “[...] musculoso, ‘perfeito’, isento de qualquer descuido ou preguiça. A mulher deve ter um corpo plasticamente perfeito, à prova de velhice, um corpo que se torna, cada vez mais, um objeto de *design*” (SAMARÃO, 2007, p. 50).

Para obter esse *design* tão cobiçado, o corpo é submetido a todo tipo de controle. Sobre isso, Michel Foucault (1987), na obra *Vigiar e Punir*, faz uma análise da disciplina e do controle do corpo ao longo do tempo e afirma que as maneiras de simular e controlar o corpo ocorriam por meio de sistemas disciplinares nas escolas, nas fábricas, nas delegacias, nas penitenciárias, nos hospitais, nos manicômios e, mais recentemente, nos domicílios e em todos os lugares pela mídia. Na sociedade contemporânea, a disciplina e o controle estão ligados à construção estética e à higiene do corpo.

Para Soares (2013) e Garces (2012), o envelhecimento também pode se configurar como um momento de “empoderamento”, de liberdade e de conhecimento de suas implicações, representando contribuição essencial para o fortalecimento desses sujeitos enquanto protagonistas de suas trajetórias de vida. Mosquera e Stobäus (2012) afirmam que a questão fundamental para o bom envelhecer, principalmente em tempos atuais, diz respeito a que as questões emocionais positivas fazem com que o envelhecer se torne mais agradável e, quanto mais agradável, melhor qualidade de vida e mais eficiente se faz o controle do estresse e dos problemas relacionados a essa fase da vida.

Sob a perspectiva da enfermagem, mas, com interfaces em outras áreas, estudo de revisão de literatura sobre o conhecimento que as mulheres têm da menopausa, elaborado a partir de artigos publicados em língua portuguesa entre os anos de 2000-2014, nas bases do Banco de Dados Bibliográficos – DEDALUS da Universidade de São Paulo – USP, Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online – MEDLINE e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS, Souza e Araújo (2015) concluíram que a menopausa faz parte do complexo fenômeno do envelhecimento feminino e está diretamente associada a sintomas biopsicossociais subjetivos que podem comprometer o bem-estar de mulheres. Concluiu, também, que essa fase ocorre no invisível social, visto que esse assunto não é discutido e, muitas vezes, nem percebido pelo círculo familiar e social de convívio. Ainda, segundo as autoras, a menopausa é definida e fundada em concepções mais negativas que positivas, cuja fase complexa marca a mulher por mudanças físicas, fisiológicas e subjetivas ainda pouco estudadas, necessitando seu estudo de uma maior interface com outras áreas de conhecimento afins.

Para Mendonça (2012), as mulheres que estão na menopausa se encontram num limbo social invisível entre juventude e velhice, classificadas pelo estereótipo não-jovem e não-velho, sendo que, em seu imaginário permanece um corpo jovem e magro. Por outro lado, percebe-se a busca por um envelhecimento positivo, período em que as percepções e as representações desse rito de passagem não são tão “[...] descolado da realidade [...] e que se abrem novas formas de perceber o feminino e o envelhecer feminino, como algo inelutável e absolutamente natural” (MENDONÇA, 2012, p. 77).

Nesse contexto, este trabalho visa focalizar o fenômeno da menopausa e como mulheres percebem e vivenciam esse fenômeno no seu cotidiano. A bibliografia estudada mostra que o discurso biomédico o enfatiza como uma patologia que negativiza essa fase da vida, desvalorizando o feminino, sendo que, muitas vezes, esse discurso faz com que se acentue, ainda mais, a baixa autoestima de mulheres. Por outro lado, o fenômeno pode significar, também, o marco de libertação, de revisão de estereótipos e de autoaceitação em nova fase existencial.

No próximo capítulo apresento autores que pensam o corpo social em suas diferentes abordagens no processo histórico e sociocultural e como o sujeito se relaciona com o seu corpo e a sua intersubjetividade, e, enfim, como esse corpo o representa no seu grupo de pertencimento.

3 CORPO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

A temática “corpo” foi desenvolvida, nas ciências sociais, primeiramente pelo antropólogo francês Marcel Mauss (1872-1950), que a concebeu sob a forma de “técnicas corporais”. O autor considera as técnicas corporais como fenômenos sociais que são apreendidos ou pela observação e imitação ou pela educação de acordo com o grupo social, ou seja, cada sociedade ou grupo de pertencimento possui diferentes modos de utilizar o corpo. Embora o foco seja para as bases sociais e culturais em torno das técnicas corporais, numa matriz de pensamento que separa natureza e cultura, Mauss (2003) não irá deixar de considerar as dimensões fisiológicas e psicológicas em seus textos sobre técnicas corporais, como sobre a expressão obrigatória dos sentimentos e sobre a noção de pessoa. Conforme o autor comenta no texto sobre a noção de pessoa, “[...] é evidente, sobretudo para nós, que nunca houve ser humano que não tenha tido o senso, não apenas de seu corpo, mas também de sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo” (MAUSS, 2003, p. 371).

Ainda de acordo com o autor, o ser humano criou sociedades e culturas, destacou-se no conjunto da natureza modelando-se a si próprio por meio de técnicas e artes e, também, que, de alguma maneira ao longo do tempo e em seus mais diferentes grupos sociais, elaborou, paulatinamente, “[...] não o senso do 'eu', mas a noção, o conceito que os homens das diversas épocas criaram a seu respeito” (MAUSS, 2003, p. 371).

Apresento, a seguir, as fontes bibliográficas que orientaram a realização desta pesquisa, iniciando pela perspectiva desenvolvida por Le Breton, do corpo social enquanto instrumento de pertencimento e de autoafirmação social. Na sequência, a perspectiva de Foucault sobre o corpo enquanto instrumento de poder, perspectiva segundo a qual a disciplina e o controle habitam, sutilmente, os hábitos e as atitudes do cotidiano. Por fim, a dimensão da fenomenologia da percepção a partir de Merleau-Ponty e de Csordas, dimensão segundo a qual o corpo é um templo de sensações e de experiências. Essas diferentes dimensões serão consideradas na análise a seguir sobre a experiência da menopausa.

3.1 O Corpo como Fenômeno Social segundo David Le Breton

"Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo".

DAVID LE BRETON (1995, p. 65)

Para Le Breton, o corpo significa o enraizamento do sujeito no mundo e, quando o sujeito vê, escuta ou experimenta algo, joga com o corpo o jogo da vida. O corpo é o lugar das emoções e o instrumento da comunicação, um catalizador de sentidos, um observatório do contexto social e um meio pelo qual se podem perceber as diferentes construções sociais.

De acordo com Le Breton (2007), o sujeito se relaciona no seu mundo social por meio do corpo, pela mediação da corporeidade construída e pela atividade perceptiva desenvolvida. O corpo, pelas suas ações tece a trama social, privada ou pública, que lhe permite ver, ouvir, sentir, tocar e alocar significações precisas no mundo que o cerca. Assim, o corpo é uma construção social em constante transformação, pois que é resultado dessas relações sociais que modulam a existência de acordo com o ambiente de convivência.

O corpo é o vetor semântico entre o sujeito e a sociedade e seu uso depende de um sistema de signos e de tipificações simbólicas que propagam essas significações e que fundamentam as relações sociais, quer dizer, o corpo é o eixo da relação do sujeito com o mundo, o lugar e o tempo onde a existência se concretiza e onde sua fisionomia o torna singular.

Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais e comunitárias, o "corpo" é o elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo. O corpo como elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista, nas quais os atores estão separados uns dos outros, relativamente autônomos com relação aos valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa. (LE BRETON, 2007, p. 30).

Então, o sujeito se constrói a partir do corpo e é o corpo que o representa socialmente. O corpo é, portanto, a sua identidade primeira e o é na valorização da aparência e na singularidade com que busca diferenciar-se. O corpo é visto como a sua marca pessoal distinta, um lugar de prazer e que, por isso, o sujeito investe nele,

para afirmá-lo e reafirmá-lo como seu, como sua identidade individual que pode ser construída e que essa individualização, essa centração no eu, é fruto do processo de transformação sociocultural e da necessidade de se distinguir do outro, de estar em evidência. O corpo é um objeto manipulável e suscetível a metamorfoses consoante os desejos do sujeito que o habita. Se anteriormente era visto como destino final, atualmente pode ser visto como um projeto a ser melhorado, modificado, recuperado, de maneira a se tornar, efetivamente, o instrumento de afirmação e de representação pessoal (LE BRETON, 2004).

A construção corporal é uma maneira de afirmação da singularidade do sujeito e, longe de ser considerado modismo, muda o ambiente social e se torna um fenômeno cultural. Desse modo, a modificação corporal é uma maneira difusa da qual o sujeito nutre uma identificação relativa com determinada comunidade e é muito mais um símbolo de beleza do que de estigma.

O corpo torna-se simultaneamente arquivo de si e decoração. A superfície cutânea acolhe as marcas de uma relação amorosa, de um aniversário (os vinte, os vinte (e) cinco, os trinta anos, etc.), o nascimento de uma criança, o êxito de um projeto, etc. O sinal é memória de um acontecimento, da abertura pessoal duma passagem na existência, da qual o indivíduo não quer perder a lembrança. Sob uma forma ostensiva ou discreta, participa duma estética da vida quotidiana, jogando com o segredo segundo o seu lugar e o grau de familiaridade com o outro. Muitas vezes, com efeito, o seu significado permanece enigmático e o lugar mais ou menos acessível ao olhar na vida corrente. (LE BRETON, 2004, p. 11).

Nas sociedades ocidentais, a moderna visão do corpo é feita por meio do conhecimento biomédico, pela “anatomofisiologia” (Le Breton, 2007, p. 25), pela concepção individual do sujeito que o faz dizer “meu corpo” de acordo com o modelo de posse, cuja estrutura individualista tem a intenção de fazer do corpo seu refúgio, seu espaço de liberdade, seu objeto de construção e de dominação. Essa visão individualista fez com que o corpo fosse percebido como separado do mundo em que está inserido e que lhe dá significação, bem como, separado do sujeito ao qual dá forma. Essa noção moderna do corpo é uma quebra da solidariedade da teia entre o sujeito, o coletivo e o cosmos, ou seja, vê o sujeito separado do cosmos, separado dos outros sujeitos e de si mesmo.

Há, no entanto, sociedades onde o corpo, o sujeito e o cosmos são indissociáveis, como na comunidade dos *Canaques*⁵, na qual o corpo recebe as

⁵ Habitantes das ilhas da Nova Caledônia, na Malásia, pesquisados por M. Leenhardt.

mesmas características que um vegetal. O próprio nome *Karo* designa o corpo do sujeito e batiza também o corpo da noite, o corpo do machado, o corpo da água; *Kara* indica tanto a pele do sujeito quanto a casca da árvore; *Pié* denomina tanto os músculos e a carne quanto a polpa ou caroços de frutas, os intestinos são comparados aos cipós emaranhados, e assim, sucessivamente, para todos os demais órgãos do corpo. Assim, não há fronteiras entre esses domínios; o corpo é uma forma vegetal ou se considera o vegetal uma extensão natural do corpo (LE BRETON, 2007; 2011).

As representações do corpo e seus saberes sociais derivam de determinado estado social, de determinada visão de mundo e de uma individual e determinada definição enquanto sujeito: “O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si” (LE BRETON, 2011, p. 15), daí que cada corpo é singular, inabitual e incomum, consoante seu pertencimento a determinado espaço sociocultural.

O corpo é uma falsa evidência, não é inequívoco, é o efeito de uma elaboração social e cultural, é socialmente construído tanto nas teorias que explicam seu funcionamento, como em suas ações e relações que mantém com o sujeito que o encarna. Longe de se estabelecer como uma unanimidade, a caracterização do corpo nos diversos grupos sociais se revela de difícil compreensão e suscita inúmeras questões epistemológicas (LE BRETON, 2007). O autor escreveu sobre o que é o corpo, de que corpo se fala e da relação ambígua e complexa entre o corpo e o sujeito que o habita:

As pesquisas sociológicas privilegiaram, sobretudo, as ações do corpo. Mas o próprio referente “corpo” é pouco questionado. Uma expressão ambígua, dualista, designa algumas vezes essas abordagens: sociologia do corpo. Mas, de que “corpo” se trata? Esquecemos com frequência o quão absurdo é nomear o corpo como se fosse um fetiche, isto é, omitindo o homem que o encarna. É preciso ressaltar a ambiguidade que consiste (em) evocar a noção de um corpo que só mantém relações implícitas, supostas, com o ator com quem faz indissolivelmente corpo. Qualquer questionamento sobre o corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende. O próprio corpo não estaria envolvido no véu das representações? O corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se veem corpos. Nessas condições, o corpo corre o risco de nem mesmo ser um universal. E a sociologia não pode tomar um termo como se apresenta na doxa para fazer dele um princípio de análise sem antes apreender sua genealogia, sem elucidar os imaginários sociais que lhe dão nome e agem sobre ele, e isso não só em suas conotações (a coleta dos fatos analisados pelos sociólogos é rica nesse domínio), mas também na denotação raramente questionada. O corpo não é uma natureza incontestável objetivada imutavelmente pelo conjunto das comunidades humanas, dada imediatamente ao observador que pode fazê-la funcionar como num exercício de sociólogo. O “atalho antropológico” (G. Balandier) nos faz lembrar a existência efêmera desse objeto, aparentemente tão real, tão acessível à descrição. (LE BRETON, 2007, p. 24).

Na obra *Sociologia do Corpo*, Le Breton (2004) faz uma análise do corpo mais voltada aos usos sociais e culturais e de suas representações e dimensões simbólicas e entende que o corpo é o canal por meio do qual as relações sociais são vivenciadas. Ainda segundo Le Breton (2007), a partir do século XIX, o corpo passou a ser objeto de reflexão da sociologia sob três perspectivas distintas. A primeira diz respeito a *uma sociologia implícita do corpo* e contém duas vertentes: uma afirma que o homem é produto da sua condição social, ou seja, a condição física do sujeito claramente mostra sua condição social. Dito de outra maneira, segundo o autor, para se conhecer a miserável condição da classe trabalhadora, basta olhar para as suas condições físicas e morais, cujas péssimas condições de moradia, de exploração e de vulnerabilidade às doenças denunciam as suas reais condições. A outra vertente é a de que são suas características biológicas que determinam sua condição social, ou seja, “[...] naturalizar as diferenças de condição justificando-as por observações ‘científicas’: o peso do cérebro, o ângulo facial, a fisionomia, a frenologia, o índice cefálico, etc. [...]” (Le Breton, 2007, p. 17), quer dizer, estabelecer uma ordem social hierárquica no mundo a partir das características físicas dos sujeitos.

A segunda perspectiva, o autor a denomina *sociologia em pontilhado*, mais focada nos *usos sociais do corpo*, ou seja, impõe-se-lhe as regras da sociedade. Então o corpo aos poucos se aniquila em favor dos costumes da civilização, que regulam os gestos, as maneiras à mesa, as relações sexuais, as manifestações de violência, o pudor, etc., ou seja, a civilização dos costumes é que passa a regular os movimentos e o comportamento do sujeito social. A terceira perspectiva, a de *uma sociologia do corpo*, está voltada mais para o corpo e as lógicas sociais e culturais que o afetam. São inúmeros os saberes culturais que ainda dão um “corpo ao homem” (LE BRETON, 2007, p. 25), ou seja, têm uma visão dissociada do sujeito e de seu corpo, uma visão biomédica, em que se vê a realidade objetiva como o corpo em si mesmo. Ao contrário, quando se dá “carne ao homem” (LE BRETON, 2007, p. 25), então não há distinção entre sujeito e corpo. Exemplo disso é a medicina popular, segundo a qual qualquer elemento mineral ou vegetal pode curar, pois têm na forma, na analogia, na cor, entre outros fatores, semelhanças com o órgão ou com o corpo afetado. Outras culturas, por exemplo, cultuam tradições acerca da fisiologia simbólica das mulheres em relação ao meio ambiente e então, durante o período menstrual e por estarem em períodos não férteis, elas não interagem com ambientes onde

sementes e alimentos são armazenados e não participam da sua preparação, pois poderiam interferir no processo de transformação e fecundação (LE BRETON, 2007).

O sujeito se traduz em infinitas possibilidades, mas “[...] realiza-se somente na cultura que o acolhe” (LE BRETON, 2009, p. 16) e tem no corpo o instrumento por meio do qual se evidenciam as relações que são construídas com o mundo e, sendo emissor ou receptor, produz sentidos que inserem o sujeito de maneira afirmativa em determinado espaço social e cultural (LE BRETON, 2007, 2013). Então, compreender a verdadeira natureza humana é compreender que as sensações, a percepção, os gestos e o desenvolvimento corporal decorrem do ambiente social e que o corpo singular é, na verdade, coletivo (LE BRETON, 2009).

O corpo que Le Breton nos apresenta é um “corpo instrumento” por meio do qual o sujeito se insere e se apresenta. Sendo assim, é modificado ou adornado de acordo com os desejos e os interesses do sujeito que o habita e do meio em que vive.

3.2 O Corpo Político segundo Michel Foucault

"E se é verdade que o poder político acaba a guerra, tenta impor a paz na sociedade civil, não é para suspender os efeitos da guerra ou neutralizar os desequilíbrios que se manifestaram na batalha final, mas para reinscrever perpetuamente estas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos".

MICHEL FOUCAULT (1979, p. 176)

Foucault estuda o corpo a partir das perspectivas da arqueologia (saber) e da genealogia (poder), com o entendimento de que, segundo ele, não há divisão entre essas fases. Na primeira, o saber-poder está regulado dentro do discurso e, na segunda, a relação poder-saber está nas práticas discursivas por meio das quais se exerce o poder. Assim, o autor afirma que o corpo é vítima de manipulação e de controle social que o modelam e o adaptam com a finalidade de atender às suas exigências e de torná-lo útil, impondo-lhe uma docilidade objetivando um “controle disciplinar” (FOUCAULT, 1987, s/p). O corpo, segundo entende Foucault, não se atém somente às concepções orgânicas, mas se constitui num campo de forças onde se operam diferentes dispositivos e diversas concepções em constante combate:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 1987, s/p).

Segundo Foucault, em qualquer grupo social, o corpo está preso no interior de poderes restritos que lhe impõe obrigações, limitações e proibições, formando um conjunto político de coerções, um trabalho de manipulação calculado que define gestos e comportamentos, quer dizer, o corpo mergulha numa arquitetura de poder que o enquadra, o desconstrói e o redesenha. Entretanto, o corpo se rebela e escapa a esse controle imposto pelo poder que, por sua vez, também se modifica e cria novas maneiras de controle e de repressão. Exemplo disso é o antigo controle moral, médico ou de exploração econômica, que foi substituído pelo controle do corpo erotizado: “Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1979, p. 147).

O poder sobre o corpo também era exercido por meio das práticas e dos cuidados de si. Foucault (2006) nos mostra que as práticas e os cuidados de si, com o corpo e com a existência do sujeito, são muito antigos, bem antes de Platão e Sócrates e nelas se enraizavam o modo, os tipos e as modalidades de experiências que formavam todo o suporte histórico do sujeito. Essas práticas eram fundamentais porque se acreditava não ser possível acessar a verdade sem esse conjunto transformador e qualificador do modo de ser do sujeito. Dentre as muitas práticas citamos três consideradas esclarecedoras: i) os “ritos de purificação”, amparados nas ideias de que o sujeito sem a devida purificação não poderia ter nenhum acesso à verdade apreendida pelos deuses; ii) a técnica da “concentração da alma”, pois era preciso evitar que ela fosse exposta aos perigos do exterior, isso porque a alma era considerada algo móvel e ela não poderia, no momento da morte, estar dispersa; e, por último, iii) a técnica do “retiro compreendido” ou “uma ausência visível”, que consistia em desligar-se do mundo, ausentar-se sem sair do lugar, não mais sentir as sensações, “Permaneça-se ali, é-se visível aos olhos dos outros. Mas se está ausente, alheado” (FOUCAULT, 2006, p. 59-60).

Desde os gregos antigos, os cuidados de si ou a estética não está relacionada apenas aos sentidos e às sensações do corpo, mas, também, ligada à ética. Nesse sentido, a estética constituiu numa relação com a lógica e com a moral, com o cuidado de si, em que a beleza do corpo não se situa apenas no visível, mas num cuidado bem mais amplo, para além do corpo, num cuidado da alma, do espírito:

O cuidado de si é uma obrigação permanente que deve durar a vida toda. [...]. Se tomarmos, em *Epicuro*, todo o começo da carta a *Meneceu*, leremos: “Quando se é jovem, não se deve hesitar em filosofar e, quando se é velho, não se deve deixar de filosofar. Nunca é demasiado cedo nem demasiado tarde para ter cuidados com a própria alma. Quem disser que não é ainda ou não é mais tempo de filosofar assemelha-se a quem diz que não é ainda ou não é mais tempo de alcançar a felicidade. Logo, deve-se filosofar quando se é jovem e quando se é velho, no segundo caso [...] para rejuvenescer e no contato com o bem, para a lembrança dos dias passados, e no primeiro caso [...] a fim de ser, embora jovem, tão firme quanto um idoso diante do futuro”. (FOUCAULT, 2006, p. 108).

A preocupação com o corpo não está inscrita apenas no cuidado individual, mas abrange toda a existência do sujeito e está inserida num projeto político, pedagógico e social, e isso, de certa maneira, representa uma ruptura, um desafio estético e individual de primeiro governar-se a si próprio para então agir em relação ao outro:

[...] o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é, em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constitui assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber. (FOUCAULT, 1985, p. 50).

O corpo que Foucault nos apresenta é afastado da visão naturalista explicada a partir da fisiologia. Ele nos apresenta um corpo como uma superfície de experiências, como uma inscrição corporal em que está materializada uma ordem discursiva reguladora e disciplinadora, abarrotada de biopoder. Nesse sentido, o corpo, segundo entende Foucault, é um corpo construído a partir da ordem sociocultural, histórica e política.

Esse poder, essa ordem reguladora e disciplinadora a que o sujeito é exposto em suas relações cotidianas se dá em todas as esferas da vida social, econômica e política. Assim, o sujeito é controlado e normatizado por múltiplos processos de poder, desde o adestramento para a docilização do corpo, até um controle econômico e

biológico por meio de políticas normativas de intervenção. O autor salienta ainda que o poder não é apenas uma manifestação do Estado, mas está entrelaçado nas relações que permeiam toda a teia social:

Dizendo poder, não quero significar “o poder”, como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais". (FOUCAULT, 1988, p. 88-89).

Foucault mostra que não são as estruturas, mas as microrrelações sociais que determinam as relações de poder, ou seja, o sujeito exerce o poder por meio da prática social constituída historicamente. Afirma, também, que o poder não é algo que deva ser visto apenas como repressor, que aniquila e anula, mas também como criador de verdades e saberes; um jogo que compõe o sujeito, um elemento de controle dos gestos, das atitudes e dos discursos, quer dizer, o sujeito é, em si, poder.

Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1979, p 183-184).

O corpo é, segundo Foucault (1987), um objeto-alvo do poder, pois que é manipulável, obediente, treinável, sendo, por um lado, útil e inteligível, e, por outro, uma redução materialista da alma, uma teoria geral do adestramento e nesse intermeio reina uma noção de corpo dócil, analisável, manipulável. Em toda e qualquer sociedade, o corpo está preso a poderes muito adstritos que lhe impõem limitações, proibições e obrigações. Esse poder não se refere somente a cuidar do corpo em sua superfície, mas exerce sobre ele um controle, um constante governo, a fim de mantê-lo ao nível mesmo do manipulável.

Assim, Foucault constrói seus escritos sob uma arqueologia do saber e do poder que se entrelaçam e nos oferecem uma análise do controle do corpo não mais baseada em leis biológicas, mas em leis institucionais. O corpo é, na verdade, um campo de forças que não se apropria do poder, mas é atravessado por ele; é um ponto de interseção entre o discurso do saber (arqueologia), do poder (genealogia) e, também de uma ética/moral, onde o exercício do controle, da disciplina e do poder estão sutilmente embrenhados nos hábitos e nas atitudes do cotidiano do sujeito.

3.3 Fenomenologia e os Sentidos da Corporeidade segundo Maurice Merleau-Ponty e Thomas Csordas

Neste item interessa destacar a fenomenologia e os sentidos da corporeidade segundo os entendimentos de Merleau-Ponty (1975; 1999; 2003) e de Csordas (2003; 2008; 2013). No entender desses pensadores, o corpo é o meio para a produção e apreensão dos sentidos e dos símbolos da interseção social e a percepção é uma experiência corpórea.

3.3.1 A Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty

"Não há mais essências acima de nós, objetos positivos, oferecidos a um olho espiritual, há, porém, uma essência sob nós, nervura comum do significante e do significado, aderência e reversibilidade um a outro, como as coisas visíveis são as dobras secretas de nossa carne de nosso corpo, embora este também seja uma das coisas visíveis".

MAURICE MERLEAU-PONTY (2003, p. 117)

Na fenomenologia de Merleau-Ponty, o sujeito nasce e sente em sua corporeidade e o sujeito é o centro de qualquer discussão sobre conhecimento. Em sua primeira obra, *A Estrutura do Comportamento* (1942), o filósofo busca um diálogo da relação entre corpo e espírito. Já na obra *Fenomenologia da Percepção* (1999), o autor faz uma crítica à existência do sujeito cartesiano, pois, segundo ele, o sujeito se faz presente pelo seu corpo, pela experiência e pelos movimentos transcendentais, bem como pelas expressões e pelas significações perceptivas e simbólicas que o revelam e o constituem. Em *O Olho e o Espírito* (1975), o autor assinala que o corpo

está entre o vidente e o visível, entre o tocante e o tocado, que o “[...] corpo móvel conta com o mundo visível, faz parte dele, e por isso posso dirigi-lo no visível. Mas, também, é verdade que a visão depende do movimento. Só se vê o que se olha” (MERLEAU-PONTY, 1975, s/p).

De acordo com a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, para se compreender a percepção é preciso antes compreender a sensação, pois a sensação é a experiência instantânea, natural e pontual que afeta o sujeito. Assim, a percepção é uma interpretação transitória e inconclusa e só é compreendida plenamente se se compreender primeiro a sensação.

O “algo” perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um “campo”. Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não pode ser dada a *nenhuma percepção*. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. Portanto, a pura impressão não apenas é inencontrável, mas imperceptível e, portanto, impensável como momento da percepção. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24).

Para Merleau-Ponty (1999), é por meio do corpo que apreendemos os sentidos, quer dizer, por meio da visão ou do toque o sujeito pode conhecer determinado objeto como dono de um determinado corpo ou textura, sem, no entanto, ter contado seus lados ou familiarizar-se com determinada fisionomia, sem jamais ter percebido a cor de seus olhos. A teoria da sensação nos apresenta objetos isentos de equívocos, puros, absolutos, e a percepção tem relação com a atitude corporal, com a apreensão e com a criação dos sentidos pelo corpo. A percepção é entendida como uma ação do corpo, como algo que emerge de um corpo em movimento onde os sentidos dos acontecimentos afloram na corporeidade:

Uns e outros, próximos ou agastados, estão, em todo caso, justapostos no mundo, e a percepção, que talvez não esteja “em minha cabeça”, não está em parte alguma a não ser em meu corpo como coisa do mundo. Parece, doravante, impossível, limitarmo-nos à certeza íntima daquele que percebe: vista de fora, a percepção desliza por sobre as coisas, e não as toca. (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 21).

Para Merleau-Ponty (1975), o corpo se distingue pela visão e pelo movimento e se encontra em constante interação com o mundo e com outros sujeitos. À visão cabe a percepção e a cognição, pois tem como função mostrar os objetos no espaço e, também, capturar o corpo a partir do visível. Já o movimento auxilia a visão e se situa no visível e é inerente ao corpo e ao mundo. O mundo em que o corpo está imerso é anterior ao próprio corpo, porém ele não se apropria de seus objetos, apenas

os apalpa e os sente de uma maneira indissociável por meio da percepção. É a partir do corpo que o sujeito se percebe, existe, cria e se expressa, é a partir do corpo que se percebe como ser no mundo.

O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o “outro lado” de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa seja o que for assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do senciante ao sentido – um si que é tomado, portanto, entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro... (MERLEAU-PONTY, 1975, s/p).

Segundo o autor, a percepção é a experiência corpórea fundamental em que o corpo não é o objeto, mas o sujeito e a cultura não se situa somente nos objetos e nas representações, mas, também, nos processos corpóreos e nas representações que se formam. O sujeito é espelho para o sujeito, então seu corpo pode permitir frações de outros sujeitos, sendo que toda técnica é “técnica do corpo” (MERLEAU-PONTY, 1975, s/p). Ao pensar, o sujeito ensaia, age, transforma, ou seja, experiencia um fenômeno que pode, em correspondência, ser vivido por outro sujeito. A pintura pode tornar possível essa representação, pois ela apresenta em sua projeção, como o objeto é na realidade e nos mostra o espaço sem ter espaço (MERLEAU-PONTY, 1975).

No campo da fenomenologia, o corpo não serve somente de suporte para o sujeito e tampouco como um instrumento de suas atividades cognitivas e valorativas. A fenomenologia, que percebe o mundo como não puro, mas a partir dos sentidos da experiência, da subjetividade e da intersubjetividade, percebe o corpo e o sujeito como uma única unidade, uma única estrutura, um sistema em que todas as partes atuam de maneira integrada, que interage no mundo da vida de acordo com os acontecimentos e se inter-relaciona subjetivamente com seus semelhantes num espaço temporal finito.

A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty entende ser o corpo o núcleo de sua própria reflexão e que é o corpo que expõe como o sujeito percebe o mundo e a si próprio. Quem manifesta a presença do sujeito no mundo é o corpo e são as experiências vividas do corpo que criam uma hierarquia segundo suas necessidades e circunstâncias.

Segundo Merleau-Ponty (1975, s/p), a expressão “o pintor emprega seu corpo” quer dizer que o pintor usa seu corpo para interpretar o mundo e o faz de maneira única, integrada, não fragmentada, onde a visão e o movimento estão continuamente em interação com o outro e é essa visão que se transforma numa pintura cuja perspectiva de mundo é única, privada, singular e nunca igual, nem para ele mesmo. Tudo o que se vê está ao alcance do olhar num “eu posso” e o corpo, que está imerso nesse visível, não se apropria do que vê, apenas o explora pelo olhar, e o movimento decorre do amadurecimento ou de uma extensão desse olhar.

Não é possível que se faça demarcação de uso limitado do que se vê e tampouco dos usos possíveis da linguagem. O olho nada mais é do que restituir ao nível do visível o impacto de uma visão de mundo, às vezes, imperceptível. Merleau-Ponty (1975, s/p) comenta que “Essa visão devoradora, para além dos ‘dados visuais’, dá acesso a uma textura do ser da qual as mensagens sensoriais discretas são apenas as pontuações ou as cesuras, textura que o olho habita como o homem sua casa”.

Segundo Merleau-Ponty (1999), todos os movimentos do corpo têm uma significação, mas os diferentes segmentos do corpo são conhecidos apenas pelo seu valor funcional e sua coordenação não é apreendida. É por isso que, num primeiro momento, “[...] as crianças não olham a mão, mas o objeto [...]” (p. 206) que vão alcançar. Em um outro exemplo, pode-se citar que o sujeito sentado à sua mesa pode visualizar as partes do corpo que ela esconde ou, ainda, que, ao contrair o pé no sapato, pode visualizá-lo, daí a afirmação de que o corpo não está primeiramente no espaço, ele é o espaço e a espacialidade do corpo, é seu próprio desdobramento e a maneira como se realiza como corpo:

Não contemplamos apenas as relações entre os segmentos de nosso corpo e as correlações entre o corpo visual e o corpo tátil: nós mesmos somos aquele que mantém em conjunto esses braços e essas pernas, aquele que ao mesmo tempo os vê e os toca. O corpo é, [...] a “lei eficaz” de suas mudanças. Se ainda se pode falar, na percepção do corpo próprio, de uma interpretação, seria preciso dizer que ele se interpreta a si mesmo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 208).

Seguindo o entendimento de Merleau-Ponty (1975), vemos que a consciência passa de poder absoluto para uma instância que é fundamentada na experiência vivida e é pela ação proveniente dessa consciência que o sujeito se relaciona com o mundo. Então, pensar o corpo, para o filósofo, significa compreendê-lo nas suas

formas primitivas de ser, do seu mundo anterior a qualquer experiência, de uma motricidade antiga como sendo seu motivo, destino ou vocação natural, quer dizer, resgatá-lo na instância anterior à objetivação do mundo, e adotá-lo em seu estado bruto, selvagem, defini-lo antes que seja moldado pela consciência e pelo pensamento.

A reflexão de Merleau-Ponty (1999) acerca da estrutura do comportamento o levou a investigar a percepção, a compreender que a estrutura não é um fato físico, mas um elemento do ato perceptivo. A diferença entre a percepção do corpo em si e a percepção de um objeto é a de que um objeto pode ser visto de acordo com a face que se mostra e pode ser observado de diferentes ângulos, porém nunca os diferentes ângulos podem ser vistos ao mesmo tempo. Assim, portanto, um objeto “em si” consiste em uma síntese de todas as visões possíveis de seus ângulos. Diferentemente, no entanto, o “corpo próprio” não se permite a observação como a um objeto, pois o corpo existe, ele é o sujeito que sente, percebe e pensa.

A fenomenologia da percepção afiança que, ao se tentar apreender a sensação, na perspectiva dos fenômenos corporais, o que se localiza não é um sujeito psíquico, mas uma formação já ligada a um sistema dotado de sentido que se distingue, em diferentes graus, das percepções mais complexas e, portanto, “Não há definição fisiológica da sensação e [...] não há psicologia fisiológica autônoma porque o próprio acontecimento fisiológico obedece a leis biológicas e psicológicas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 31).

3.3.2 Os Sentidos da Corporeidade segundo Thomas Csordas

“[...] o corpo é um ponto de partida produtivo para analisar a cultura do sujeito”.

THOMAS CSORDAS (2008, p. 145)

Ainda sobre a percepção, essa temática pode ser entendida numa perspectiva da antropologia fenomenológica. Nessa perspectiva, a abordagem da corporeidade é realizada por meio da fenomenologia cultural e de uma análise sob o ponto de vista da chamada “incorporação”. Thomas Csordas (2003, 2008) nos apresenta uma teoria metodológica multidisciplinar para o estudo da corporeidade. Nessa teoria, o olhar

sobre o corpo é o de quem observa um templo cultural para além da dicotomia sujeito-objeto, mente-corpo, explicação-compreensão, signo-significação e distancia o corpo da visão enquanto mero objeto, quer dizer, nessa nova perspectiva, nela o corpo é o sujeito corporificado, o sujeito da cultura em cujo modo de ser se constrói culturalmente.

Csordas nos apresenta então o conceito de corporeidade ou incorporação, que explica e dá sentido à participação do corpo na produção dos sentidos e dos símbolos na interação social. A abordagem da corporeidade que o autor adota “[...] parte da premissa metodológica de que o corpo não é um *objeto* a ser estudado em relação à cultura, mas é o *sujeito* da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura” (CSORDAS, 2008, p. 102). Ainda de acordo com o autor, a corporeidade é um campo metodológico indeterminado, aprisionado num discurso, pois que é definida e compartilhada pela percepção individual e particular do sujeito, consoante sua inserção social e onde o corpo é considerado “[...] uma entidade orgânica discreta” (CSORDAS, 2013, p. 292).

No culto religioso de cura, as manifestações do imagético, tanto visual quanto cinestésico, constituem um emaranhado de percepções sensoriais em estreita conexão e nos apresenta uma “[...] noção de corporeidade como a base existencial da cultura e do sujeito” (CSORDAS, 2008, p. 125). Essas manifestações sensoriais podem ser consideradas como técnicas do corpo em cuja corporificação o sujeito experiencia um repertório pré-existente e que revela o *habitus* do ritual religioso.

Durante o processo do ritual de cura espiritual e por meio do registro das técnicas corporais visualizadas, o autor busca compreender como os sujeitos objetificam e percebem as sensações corpóreas a partir das características de um conhecimento cultural compartilhado. O culto carismático de cura é um fenómeno cultural e, por meio dessa fenomenologia, busca-se compreender como se opera e se elabora o “[...] paradigma da corporeidade que se caracteriza pelo colapso das dualidades entre corpo e mente, sujeito e objeto” (CSORDAS, 2008, p. 104), e de como se percebem e se constroem objetos culturais sociais por meio dessa experiência religiosa. Nesse sentido, ao se analisar a cura, consideram-se não apenas as questões postas, mas toda uma amplitude existencial da vida onde se inserem as experiências vividas e os seus sentidos, o modo de pensar e toda uma gama de objetos culturais (CSORDAS, 2003; 2008).

Quando o sujeito objetiva uma experiência em que manifesta uma alteridade objetivada por uma percepção espontânea como um critério fenomenológico divino ou demoníaco, por pensamento ou intuição, e, quando positivo, manifesta que “[...] isso não vem de mim [...] deve ser do Senhor” ou, quando negativo, que “[...] este não sou eu, estou sendo atacado por um demônio” (CSORDAS, 2008, p. 138), nessa dualidade – corpo e mente – ele as trata como alheias a ele mesmo. Ocorre que essa distinção entre corpo e mente é muito incerta, uma vez que “[...] a fenomenologia insiste numa realidade objetiva *indeterminada*” (CSORDAS, 2008, p. 144).

Essa experiência de incorporação, segundo Csordas (2003), não guarda unicamente comportamento nem somente essência, mas, sim, experiência e subjetividade, e compreender essa experiência e essa subjetividade exige uma interpretação da ação por meio de diferentes modalidades de expressões que ocorrem em diferentes linguagens. A fenomenologia cultural, do ponto de vista da incorporação, demonstra, no estudo desses fenômenos, uma singular implicação sensorial que define uma forma de percepção e de atenção intersubjetiva.

Para o autor, a incorporação é uma condição existencial em que o corpo é uma fonte subjetiva e o campo intersubjetivo da experiência. Então, a fenomenologia cultural da incorporação não diz respeito ao próprio corpo, mas, sim, à cultura e à experiência de ser no mundo, e, quando se pensa o corpo como ser no mundo, percebe-se não ser ele o mais interessante, mas a incorporação enquanto condição existencial e, ainda, estudar a incorporação “[...] não significa estudar qualquer coisa de nova ou de diferente, mas voltar a argumentos familiares – a cura, as emoções, o gênero, ou o poder – de um outro ponto de vista” (CSORDAS, 2003, p. 24, tradução nossa).

O autor busca interpretar os sentidos enquanto ser sujeito. A sua esperança é que essa interpretação dê conta de explicar os significados do vivido, do refletido, da cultura e do compartilhado para além da linguagem e da experiência corpo e mente, sujeito e objeto – entendendo que a corporeidade é uma condição fundamental para a existência e para o estabelecimento das relações sociais. Argumenta, ainda, que questões ou mesmo experiências relacionadas a curas muitas vezes são abordadas no âmbito do “imaginário” ou do “ilusório” (CSORDAS, 2013, p. 301) e que, quando se colocam questões culturais no nível do simbólico, então se estabelece um obstáculo para a interpretação do sentido da experiência. Para ele, é preciso que as análises das experiências sejam localizadas a partir da percepção (começo) onde os objetos

não são culturalmente finitos, mas se apresentam como perspectivas renováveis da realidade (CSORDAS, 2008).

A fenomenologia de Csordas descreve cientificamente os princípios existenciais e não os produtos culturais constituídos. O mundo no qual o sujeito está inserido é um mundo completo e que, portanto, não é desprovido de sentido. A fenomenologia cultural da corporeidade busca compreender o *self* que é culturalmente construído, ou seja, o eu, a partir da compreensão do corpo como “[...] estando-no-mundo, e requer o reconhecimento de que os nossos corpos são, ao mesmo tempo, a fonte da existência e o local da experiência” (CSORDAS, 2013, p. 292).

Desde essa perspectiva da fenomenologia da percepção não é possível separar corpo de subjetividade e sensações, uma vez que as experiências vividas são sentidas e percebidas pelo sujeito por meio de seu corpo. A compreensão do fenômeno se dá a partir dos sentidos e da experiência, da subjetividade e da intersubjetividade, onde corpo e sujeito são uma unidade integrada. Nesse entendimento, a análise do fenômeno menopausa é apresentada a partir das experiências e sensações vividas e sentidas pelas mulheres.

O tema corpo é, sem dúvida, complexo e rico e os teóricos que elegemos para estudar o assunto conceituam, teoricamente, a sua visão de corpo. Assim, Mauss percebe o corpo como um objeto, uma ferramenta técnica e eficaz em seu funcionamento. Para ele, os fatos sociais são coisas e o corpo é uma junção de fatos e hábitos sociais e, também, que se pode explicar o corpo a partir das técnicas corporais que são as maneiras como o sujeito usa o corpo.

Na obra de Le Breton temos uma visão do corpo enquanto uso social, um corpo que é construído socialmente de acordo com cada sociedade ou grupo social em determinado espaço sociocultural. Um corpo como vetor entre sujeito e sociedade que se dá consoante os signos e as tipificações simbólicas que expressam essas significações e que estruturam as relações socioculturais. Assim, o corpo é a identidade primeira do sujeito, campo de sua singularidade, cuja aparência o diferencia e o liga ao lugar e ao mundo e onde vivencia todas as experiências corpóreas. O corpo é, portanto, um instrumento fundamental para o sujeito, pois é por meio dele que se apresenta e interage socialmente, sendo assim, o sujeito tende a moldar seu corpo buscando maior aceitação e pertencimento. O estudo de Le Breton

é fundamental para esta pesquisa, pois analisarei, à luz da sua teoria, como mulheres se percebem e lidam com esse novo corpo que se morfoseia constantemente, não só com o passar do tempo, mas, especialmente, a partir do fenômeno menopausa, que, como vimos, causa alterações físicas significativas.

Michel Foucault discute o corpo a partir das microrrelações cotidianas, tanto profissionais, domésticas ou sociais, que, em seus discursos e práticas, de algum modo exercem poder sobre o corpo. A partir de uma visão arqueológica, ele afirma que o corpo é vítima de manipulação e é submetido a uma disposição de poder e controle a fim de modelar cada sujeito visando uma obediência dócil de maneira a que ele – o corpo – se torne benéfico aos interesses sociais. O autor nos apresenta, também, um corpo como foco de resistência e um desejo de cuidado de si e de se governar; um *locus* de resistência às estratégias e às práticas sociais que executam um “esquadrinhamento disciplinar”. A partir desse autor, analisaremos, nas narrativas de mulheres, as suas práticas de cuidados de si e, também, se e como manipulam ao seus corpos no sentido de se “enquadrarem” a determinados padrões estabelecidos.

A percepção e o sentido do vivido pelas mulheres será analisado à luz das teorias de Merleau-Ponty e de Csordas. Merleau-Ponty nos assinala que o corpo está imerso em um mundo que é pré-existente e que esse corpo não se apropria dos objetos existentes, apenas os sente e os percebe e que é por meio do corpo que o sujeito apreende os sentidos e se percebe como ser-no-mundo. O autor elabora a corporeidade a partir da percepção e busca transcender a dualidade sujeito-objeto, pois entende que o corpo não é o objeto, mas o sujeito que se realiza pelo seu corpo e em cuja percepção corpórea, que é entendida como uma ação do corpo, vivencia as experiências fundamentais enquanto sujeito. O autor estabelece, então, uma ideia de corpo a partir da concepção de corporeidade questionando a visão cartesiana, percebe o corpo e o sujeito como uma unidade, uma estrutura única, um sistema integrado que se inter-relaciona subjetivamente com seus semelhantes no mundo da vida.

Para Csordas, o corpo é o sujeito histórico-cultural em cujas inscrições se situa todo um conhecimento histórico e cultural compartilhado pelo seu grupo social. Para o autor, o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, uma vez que é o corpo o sujeito da cultura, a base existencial da cultura. O olhar depositado sobre o corpo é o de um lugar onde se inscrevem e se situam todas as experiências vividas e em cujas percepções se podem compreender as rupturas dicotômicas entre sujeito-

objeto, corpo-mente, signo-significado e compreensão-prática. Sendo a corporeidade algo herdado, aprendido a partir das experiências e a partir de sentidos e significados que lhe são atribuídos, pode-se dizer que essa experiência corpórea intersubjetiva é o modo como o sujeito se percebe como ser-no-mundo.

É preciso compreender como esses fenômenos são incorporados na realidade cognitiva de cada sujeito, como essas experiências subjetivas são elaboradas a partir da corporeidade em suas diferentes abordagens.

Embora os teóricos descrevam o corpo pelas suas diferentes perspectivas e interfaces, percebe-se que todos consideram o corpo como o elemento por meio do qual o sujeito se apropria de uma pluralidade de sentidos e se percebe ser no mundo. O corpo é o *locus* da construção do sujeito, da cultura, dos valores éticos e morais, de saberes e discursos, da produção de normas e de subjetividades, é onde se vive e se inscrevem todas as experiências vividas no mundo da vida.

Para se estudar as percepções de mulheres a respeito do fenômeno menopausa, importa conhecer como a teoria aborda o tema corpo e os sentidos que perpassam esse corpo e como a própria mulher sente e se percebe nas diferentes abordagens e nos diferentes contextos de interação social.

Dessa maneira, quando se estuda a percepção do fenômeno menopausa, busca-se acessar a consciência e a intersubjetividade de mulheres, sabendo, no entanto, que esse fenômeno se manifesta por meio do seu corpo, corpo esse que traz inscrito as marcas, não só do fenômeno estudado, mas das experiências vividas ao longo do tempo, que se confundem e se fundem num só fenômeno. Assim, para essas mulheres, falar de percepções, de intersubjetividade e de experiência é falar também do corpo, que manifesta e deixa evidente a relação e o sentido da experiência vivida no cotidiano e dela consigo mesma.

4 A FENOMENOLOGIA COMO REFERENCIAL TEÓRICO FILOSÓFICO ORIENTADOR DA PESQUISA

"O teorizar científico – e no que segue os termos teoria, teorizar, entre outros, serão usados exclusivamente nesse sentido restrito – não serve a nenhum propósito prático. Seu objetivo não é dominar o mundo, mas observá-lo e, se possível, compreendê-lo".

ALFRED SCHÜTZ (1979, p. 254)

Para compreender o fenômeno menopausa, buscamos, na fenomenologia de Alfred Schütz (1899-1959), orientação teórica para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo o autor, os fundamentos da fenomenologia se ocupam da realidade cognitiva que é incorporada às experiências humanas subjetivas. Toda experiência é sempre uma experiência de alguma coisa e todas as experiências produzidas por seres humanos são experienciadas no seu mundo da vida.

De acordo com Schütz (2015), a fenomenologia não estuda os objetos em si, senão que está interessada em seus significados, está centrada no estudo das essências, no sentido que é dado a algo, no entendimento comum do fenômeno estudado. Schütz centraliza as suas reflexões nas noções de ação e experiência, conferindo intencionalidade ao sujeito consciente e atribuindo significado à sua experiência. Assim, o método fenomenológico possibilita ao cientista acesso à consciência do sujeito pesquisado que vivencia o fenômeno; interpretar sua intencionalidade e a como o sujeito se relaciona com o fenômeno. O campo de preocupação de Schütz é o campo da fenomenologia social do mundo da vida cotidiana, campo em que os sujeitos vivem os seus problemas diários em intersubjetividades – sendo que a intersubjetividade é o ponto central do pensamento Schütziano e considerada como categoria ontológica da existência humana.

No entendimento de Schütz, cada sujeito integra um mundo em curso de assuntos cotidianos e cujo ser essencial se pressupõe em sua maior parte, ou seja, o mundo cotidiano do viver e do executar pressupõe todos os demais estratos da realidade humana, sendo que a característica central e mais sutil do mundo pressuposto é a de “ser pressuposto”. Como sujeitos de senso comum, que nascem e vivem em um mundo cotidiano, toma-se como certo que existe um mundo que todos compartilham, um mundo de domínio público onde todos se comunicam, trabalham e vivem suas vidas. Pressupõe-se, naturalmente, que, nesse mundo, todos tenham uma história, um passado e que terão um futuro e que o presente no qual se encontram

lhes é dado de igual maneira a todos. Então, por meio de todos esses elementos, de todas essas formas e rotinas de existência, todos se limitam a tomar como premissa, a pressupor, a dar por certo, que o mundo cotidiano, onde têm lugar todas essas atividades, está à disposição e, talvez, somente em casos especiais sejam suscitadas dúvidas a respeito da veracidade ou do significado do mundo cotidiano (NATANSON, 2015).

O mundo do senso comum, o mundo da vida diária, o mundo cotidiano, são maneiras ou expressões que indicam o mundo intersubjetivo que é experimentado pelo sujeito, isso dentro das premissas do que Husserl denominava de “atitude natural”. Esse é o palco natural de nossas ações e é também o *locus* de resistência à ação. Não só atuamos dentro do mundo, mas também sobre ele. Então, o mundo do sentido comum é o palco da ação social onde os sujeitos se relacionam e se entendem mutuamente e consigo mesmos (SCHÜTZ, 2015).

Muito embora a realidade do senso comum forme a matriz de toda ação social, há que considerar, porém, que o sujeito situa a sua vida de uma maneira específica, de uma maneira em acordo com a sua situação biográfica, ou seja, cada sujeito interpreta o seu mundo de acordo com as suas perspectivas, interesses, motivos, desejos, aspirações, religião, ideologia, etc. Inclusive a determinação do que o sujeito pode ou não mudar influencia em sua situação biográfica. A experiência vivida influencia na interpretação de novos sucessos ou atividades. O mundo se apresenta para o sujeito de acordo com a sua situação biográfica e os elementos que lhe são significativos. Então, como ator no mundo social, o sujeito define a realidade em que se encontra (SCHÜTZ, 2015).

Ainda segundo Schütz (1979; 2015), a situação biográfica se caracteriza fundamentalmente pelo fato de que o sujeito dispõe, a qualquer momento de sua vida, de um “acervo de conhecimento à mão” (*stock of knowledge at hand*) (2015, p. 20), composto de tipificações do mundo do senso comum. As experiências são tipicamente aprendidas e interpretadas e servem de base para ações subsequentes, quer dizer, o sujeito, para enfrentar determinados problemas, busca soluções nas experiências vividas. Mesmo que o sujeito defina seu mundo a partir de sua própria perspectiva, ele não deixa de ser um ser social em uma realidade subjetiva. A interação social se dá pela interação social de pelo menos duas pessoas que se orientam uma à outra. Viver no mundo da vida significa viver em interação com outros sujeitos em complexas

teias de relacionamentos sociais intersubjetivas e o mundo da vida no qual se nasce é, desde sempre, um mundo intersubjetivo.

Assim, as atitudes humanas provenientes do mundo da vida cotidiano são governadas por motivos, ou seja, todo impulso subjetivo da ação humana se encontra na teoria da motivação e possui duplo caráter, quer dizer, as ações dirigidas para um objetivo futuro são os “motivos para” e as razões, que provocaram as ações e que se situam nas raízes de experiências passadas e na personalidade desenvolvida pelo sujeito, constituem os “motivos por que” (SCHÜTZ, 1979).

A obra de Schütz contém inúmeros e importantes conceitos que se inter-relacionam e se complementam para a compreensão do mundo vivido do sujeito e que possibilita uma análise do fenômeno de maneira contextualizada. Assim, embasada na proposta teórica de Alfred Schütz, utilizei alguns de seus conceitos para dar suporte à pesquisa, pois oferecem o aporte teórico necessário para compreender como as mulheres percebem o fenômeno menopausa e experienciam o envelhecimento feminino. No caso, "mundo da vida", "intersubjetividade", "situação biográfica", "motivos para" e “ motivos por que”, "ação", "tipificação", "relevância" e "comunicação" são alguns dos conceitos utilizados e cuja compreensão são fundamentais, pois que estruturam esta pesquisa de forma contextualizada.

Segundo Schütz, "o mundo da vida", enquanto objeto de pesquisa científica, será para o pesquisador o mundo da vida dos outros, dos seus observados. Assim, o pesquisador, em seu trabalho de observação científica, ele o fará, obrigatoriamente, a partir da visão da sua própria experiência do mundo da vida. A originalidade do interesse do autor pela estrutura da vida do senso comum e do estudo que levou a cabo acerca das formas essenciais, deveu-se a que outros filósofos, de certo modo, ignoraram esse estrato da experiência humana. Então "mundo da vida cotidiana", "mundo do senso comum", "mundo social" e "mundo da vida diária" são expressões utilizadas pelo sujeito dentro do que Husserl denominava de “actitud natural” (SCHÜTZ, 2015). Ainda segundo Schütz, esse mundo intersubjetivo já existia antes do nascimento e foi vivenciado e interpretado pelos nossos predecessores como um mundo organizado:

[...] o mundo em que habitamos é um mundo de objetos bem delimitados, com qualidades definidas, objetos entre os quais nos movimentamos, que nos resistem, e em relação aos quais podemos agir. Para a “atitude natural”, o mundo não é nem nunca foi, um aglomerado de pontos coloridos, barulhos incoerentes, regiões de frio e calor. A análise filosófica ou psicológica da constituição de nossas experiências pode, mais tarde, em retrospectiva,

descrever de que modo elementos desse mundo afetam nossos sentidos, de que modo os percebemos passiva, indistinta e confusamente, de que modo, através da apercepção ativa, nossa mente isola certos traços do campo de percepção, concebendo-os como coisas bem delineadas nitidamente em realce, contra um fundo ou horizonte mais ou menos desarticulado. A “atitude natural” não conhece esses problemas. Para ela, o mundo é, desde o início, não o mundo privado do indivíduo, mas um mundo intersubjetivo, comum a todos nós, no qual não temos um interesse teórico, mas um interesse eminentemente prático. O mundo da vida é a cena e também o objeto de nossas ações e interações. (SCHÜTZ, 1979, p. 72-73).

Esse pressuposto mundo da vida ou mundo social está agora à disposição para ser interpretado e experienciado consoante o estoque de conhecimento e de experiências acumuladas ou herdadas como um código de referências. Posto nesse mundo social da vida, o sujeito tem que encontrar o seu caminho percorrendo uma teia de relacionamentos sociais organizados por um sistema de signos e de símbolos, com estrutura e significados particulares, com formas institucionalizadas de organização social, com sistemas de *status*, prestígios e costumes que constituem como herança transmitida de geração para geração dentro de determinado grupo que estabelece um padrão e que define a sua situação. Assim, assumir o mundo da vida como pressuposto, inquestionável, implica aceitar o senso comum de que o mundo vai continuar sendo como é (SCHÜTZ, 1979).

De acordo com o autor, o mundo da vida cotidiana não é privado, mas um mundo intersubjetivo compartilhado com semelhantes. Então, se temos como “atitude natural” homens entre outros homens, não será mais questionável a existência de um mundo exterior. Nascemos em um mundo de outros onde existem semelhantes inteligentes, ou seja, o mundo da vida não é um mundo privado, mas é um mundo comum, compartilhado, vivenciado e interpretado por outros, comum a todos nós (SCHÜTZ, 1979). Esse mundo da vida é o palco e o objeto de ações e interações, uma totalidade natural e social onde se constituem as ações de reciprocidade e os limites das ações dos sujeitos, onde não só se atua dentro, mas sobre o mundo da vida (SCHÜTZ; LUCKMAN, 2003).

A noção de intersubjetividade pressupõe ações entre sujeitos, ou seja, a capacidade do sujeito de se perceber em relação ao outro. Tomando como ponto de partida o postulado da teoria weberiana da interpretação subjetiva dos sentidos, Schütz se interessa, principalmente, em compreender o sentido que o sujeito atribui à sua ação. Ele pensa na interpretação subjetiva como uma tipificação do mundo do

senso comum, ou seja, como efetivamente os sujeitos, na vida cotidiana, interpretam a sua própria conduta e a dos outros (SCHÜTZ, 2015).

Ainda, segundo Schütz (2015), compreender o mundo social é compreender o modo como os sujeitos definem a sua situação, ou seja, se definem uma situação como agradável, estimulante, fantástica, aborrecida ou perigosa, como estabelecem a posição que ela ocupa no seu mundo, pelo menos naquele momento. Isso quer dizer que os sujeitos, ao viverem a realidade eminente da vida cotidiana, se veem incorporados a determinadas situações consoante as definem no contexto das suas vidas.

A situação biográfica determinada se caracteriza, fundamentalmente, pelo fato de que todo sujeito dispõe de algum nível de conhecimento que é determinado pelo ambiente físico e sociocultural, pela sua posição em termos de espaço físico e tempo exterior, pelo seu *status* e papel dentro do sistema social e pela sua posição moral e ideológica. Dizer que essa situação é determinada em termos biográficos é dizer que ela é exclusiva do sujeito, que tem uma história, que é consolidada pelas experiências anteriores e que é organizada conforme seu estoque de conhecimento à mão. A situação biográfica que é determinada inclui possibilidades futuras chamadas de “propósitos à mão” e esses propósitos à mão é que definem quais elementos dentre todos os que o sujeito possui serão relevantes para determinada decisão. Esse “sistema de relevâncias” é que determina que elementos serão utilizados em uma tipificação generalizada, que substratos serão selecionados como características típicas e ou exclusivos e individuais (SCHÜTZ, 1979; SCHÜTZ; LUCKMAN, 2003).

Schütz afirma que dois sujeitos não vivenciam a mesma situação da mesma maneira, isto porque cada sujeito tem a sua própria situação biográfica e essa o leva a determinado ângulo de visão e o faz agir e o motiva de modo particular, ou seja, cada sujeito segue, durante sua vida, interpretando o que encontra no mundo segundo sua perspectiva, interesses, motivos, desejos, aspirações, compromissos, ideologia, entre outros fatores. A situação biográfica do sujeito localiza e interpreta, no cenário de sua ação, as possibilidades e como enfrentar os desafios. O mundo se apresenta ao sujeito de acordo com os elementos significativos de sua situação biográfica, como salienta Schütz (2015, p. 102):

A situação atual do ator tem sua história; é a sedimentação de todas as suas experiências subjetivas anteriores, que não são experimentadas pelo ator como anônimas, senão como exclusivas e subjetivamente dadas a ele e somente a ele. (Tradução nossa).

Existem dois diferentes conjuntos de conceitos para o termo "motivo": os motivos "para" e os motivos "por que". Segundo Schütz (1979; 2015), frequentemente as ações do sujeito, e no que concerne ao significado das suas ações, são comportamentos motivados. O autor distingue os dois tipos de conceitos que, normalmente, são considerados como tendo o mesmo significado. Os motivos que buscam alcançar objetivos são denominados "para" ou "a fim de" e os motivos que explicam a base dos antecedentes sobre os quais se explicam o ambiente da predisposição psíquica da ação do sujeito são denominados de "por que". Para o sujeito, o motivo é o que realmente atribui significado a sua ação e sempre é um "motivo para", uma intenção de realizar o projeto idealizado, um objetivo preconcebido.

A estrutura temporal desses conceitos é diferente, sendo que os "motivos para" dizem respeito a ações futuras e é a "[...] *'palavra de ordem'* voluntária, a decisão: 'Vamos!', que transforma a fantasia interior em desempenho ou ação que afeta o mundo exterior" (SCHÜTZ, 1979, p. 124). Diferentemente, os "motivos por que" referem-se ao tempo passado, a experiências vividas no passado e essas experiências determinam a ação do sujeito, ou seja, as ações são movidas consoante o estoque de conhecimentos que o sujeito tem à mão e o que considera relevante de acordo com a sua escala de prioridade (SCHÜTZ; LUCKMANN, 2003).

Então, quando o sujeito projeta sua ação, ele está ciente de seus "motivos para", ou seja, que objetivos busca alcançar com determinada ação e os "motivos por que" explicam a ação do sujeito onde determinados aspectos do seu projetar e as condições causais podem permanecer ocultas ou marginais à consciência do sujeito. Dada a sua diferença temporal, os "motivos por que" formam uma categoria objetiva e os "motivos para", subjetiva. Para Schütz, subjetividade remete à relação entre a ação e a consciência do sujeito e não tem nada a ver com a noção de introspecção, condições psicológicas ou atitude particular, mas, sim, com aspectos da consciência que são acessíveis à inspeção e à descrição fenomenológica (SCHÜTZ, 2015).

Toda ação racional nasce quando todos os fins da ação e todos os meios que levam a eles se apresentam de maneira clara e nítida. O termo "ação" significa a conduta do sujeito pensada de antemão e baseada em um projeto preconcebido. Já o termo "ato" designa o resultado desse processo em curso, ou seja, a ação cumprida. Toda projeção consiste em imaginar a ação futura, porém ela não é o processo em curso, apenas o ato que se imagina já cumprido e que se constitui no ponto de partida

de toda projeção. Dessa forma, o sujeito se situa imaginariamente em um tempo futuro quando essa ação já tenha sido executada. O projeto em si não antecipa a ação futura, senão o ato futuro, e o faz no tempo futuro (SCHÜTZ, 2015).

É importante lembrar que o sujeito que vivencia o processo da ação em curso tem em vista somente os motivos “para” da sua ação, ou seja, o que projeta fazer. Assim, somente voltando ao seu ato realizado ou às fases iniciais de sua ação ainda em curso, ou ao projeto antes estabelecido que prevê o ato no tempo futuro, pode compreender, em retrospectão, quais foram os “motivos por que” que o estimularam. (SCHÜTZ, 2015).

Quando o sujeito projeta, então ele antecipa uma ação futura por meio da imaginação. Projetar é, no entanto, muito mais que imaginar. Projetar significa imaginar de maneira motivada pela intenção antecipada de concretizar o projeto. Então, o sujeito baseia seu projeto no tempo futuro perfeito, no ato porvir, baseado em suas experiências tipicamente semelhantes e vividas no passado e que se constituem no seu estoque de conhecimento à mão. Esse conhecimento, no entanto, deve ser diferente daquele que o sujeito terá quando o ato projetado já tiver sido materializado. Um projeto deve ter, como característica essencial, a possibilidade de desenvolver a ação projetada dentro do cenário real do mundo da vida (SCHÜTZ, 1979).

O mundo baseado em fatos e vivido pelo sujeito é tido como típico. Então, a tipificação, no entender de Schütz (1979, p. 110), significa que “O que é tido como pressuposto é, até segunda ordem, acredita-se, algo simplesmente ‘dado’, e ‘dado como me aparece’ – isto é, como eu ou os outros em quem confio o vivenciaram e interpretaram [...]”. Em outros termos, isso quer dizer que as tipificações que esse mundo da vida apresenta são construídas pelos próprios sujeitos sociais consoante seu sistema de relevância.

Para Schütz (2015), o universal e o estável, o específico e o mutável fazem parte das tipificações e todo sujeito social tipifica o mundo e o faz a partir de sua situação social, dos conceitos e da herança de seus antecessores e ou de seus contemporâneos. As tipificações são maneiras que o sujeito encontra para se situar no mundo social, para se relacionar com objetos e com seus semelhantes e são essas tipificações que acabam por determinar os padrões de conduta e seus objetivos.

O mundo social que se coloca à experiência do sujeito é vivenciado desde o início como típico. Os objetos são tipificados como árvores (carvalhos, cedros,

pinheiros, etc.) ou como animais (cães, gatos, leões, etc.). O que é vivido como novo já é conhecido, no sentido de que lembra algo ou coisa igual já percebida anteriormente. Então, o que já foi captado, interpretado uma vez, isso traz uma tipicidade, um horizonte de experiências cujas referências correspondem à familiaridade, ou seja, a uma série de características típicas que, mesmo ainda não vivenciadas, se imagina que possam vir a ser (SCHÜTZ, 1979).

Somente uma investigação da realidade da vida cotidiana, segundo Schütz (1979; 2015), é o que possibilita ao cientista compreender um fenômeno social. Para compreender um fenômeno é preciso, a partir da compreensão e da interpretação das ações dos sujeitos consoante suas estruturas de relevância manifestadas em sua vida cotidiana, construir uma tipologia que evidencie o original e o específico do fenômeno, sendo que a tipicidade não se reduz à ação de um único sujeito, mas ao grupo que vivencia o fenômeno estudado. A tipicidade é algo que converge nas finalidades e intenções dos sujeitos e se apresenta pela estrutura única que é vivenciada e que tem valor de significação na comunicação e nas relações interpessoais.

O que a sociologia tem como “sistema”, “papel”, “*status*”, “expectativa de papel”, “situação” e “institucionalização” é vivenciado pelos sujeitos, no mundo social, de formas totalmente diferentes. Para eles, constituem-se de elementos de uma rede de tipificações de padrões, de linhas de ação, de motivos, de objetivos e de produtos socioculturais resultado de suas ações. O sujeito tipifica até determinado ponto a sua própria vida no cenário social, bem como as relações sociais com outros sujeitos e os objetos culturais. Dessa forma, o conhecimento dessas tipificações e seu uso adequado se constituem elementos da herança sociocultural que é transmitida à criança pelos pais, professores, avós e assim sucessivamente. Essa soma de tipificações é que constitui o quadro referencial por meio do qual o sujeito interpreta, não só no mundo sociocultural, mas também, no mundo físico (SCHÜTZ, 1979).

Segundo Schütz, são variados os princípios que estabelecem, para o sujeito, a sua ordem de relevância e é a partir dos seus interesses que o sujeito se motiva a pensar, a projetar e a agir; é o seu interesse que estabelece os problemas a serem solucionados pelo pensamento e os objetivos a serem atingidos pelas suas ações, quer dizer, é o interesse que divide o campo não-problemático em várias zonas de relevância, necessitando, cada uma delas, em diferentes graus, de precisão e de conhecimento. (SCHÜTZ, 1979).

É a partir do projeto ou do interesse à mão que o sujeito determina um sistema de relevância que pode ser descrito de três formas: i) o interesse à mão que determina o sistema de relevância, ii) zonas ou regiões que podem indicar áreas estanques de relevâncias no cotidiano do sujeito e iii) os sistemas de relevâncias intrínsecos e impostos.

Quanto à primeira forma, trata-se do interesse à mão que determina o sistema de relevância: na vida cotidiana, o sujeito vive numa pluralidade de sistemas, de interesses, de planos de trabalhos e de pensamentos – planos para o momento, planos para o futuro e planos para toda a vida. Esse sistema não é constante, porque, ao mudar qualquer “Agora para o Agora posterior” (SCHÜTZ, 1979, p. 112), os interesses adquirem peso e predominância diferentes. O sistema também não é homogêneo, porque, mesmo na simultaneidade de qualquer Agora, podem-se ter os mais contraditórios interesses. Os diferentes papéis sociais que o sujeito desempenha em sociedade ilustram bem essa premissa, onde os interesses de cidadão, de cristão, de profissional, etc., podem ser diferentes e até incompatíveis. A escolha estabelece o problema e o objetivo de acordo com a relevância. Então é preciso escolher dentre seus interesses e de acordo com o que a vida cotidiana apresenta (SCHÜTZ, 1979).

A segunda forma pode ser descrita como zonas ou regiões que podem indicar áreas estanques de relevâncias no cotidiano do sujeito: esses domínios de relevância são interligados, com várias interpenetrações, e os territórios vizinhos podem ser invadidos pelas “orlas” de outros, estabelecendo zonas imprevisíveis e com transições sutis.

Por fim, a terceira forma são os sistemas de relevâncias intrínsecos e impostos, que são nada mais que construções do cotidiano e que se misturam uns com os outros. As relevâncias intrínsecas resultam das escolhas do sujeito, pela sua decisão espontânea em resolver um problema a fim de atingir seu objetivo por meio da ação projetada.

O sujeito aceita as relevâncias estabelecidas, aceita a situação que é determinada pela sua estrutura interna e concorda com suas exigências, que permanecem, em uma certa medida, sob controle, uma vez que o interesse foi estabelecido por escolha do sujeito, que pode, a qualquer momento, mudar o foco e, conseqüentemente, suas relevâncias intrínsecas. Já as relevâncias impostas acontecem quando os eventos estão fora do controle do sujeito, transformando-o num

recipiente passivo e são decorrentes de interesses escolhidos e originados fora dos atos e alheios à sua vontade e não tem poder de modificá-los (SCHÜTZ, 1979).

De acordo com Schütz (1979, p. 198), “O signo usado na comunicação é sempre um signo dirigido a um indivíduo ou intérprete anônimo [...]” e somente uma parte do conhecimento do mundo é tido a partir da experiência pessoal do sujeito. A maior parte advém da interação social e ocorre com os mais diversos grupos e as mais diversas pessoas. Nessa interação, o sujeito não aprende somente a definir o ambiente, mas forma tipificações segundo o sistema de relevância aceito pelo grupo, como, por exemplo, estilo de vida, utilização de meios típicos que provocam fins típicos, entre outros. A forma de transmitir esses conhecimentos sociais é o vocabulário e a construção gramatical da linguagem cotidiana, que é basicamente uma linguagem de coisas e de eventos nomeados, em que qualquer nome contém uma tipificação e uma generalização que se reporta a um sistema de relevância que predomina no grupo linguístico interno.

A linguagem como código de interpretação e de expressão não consiste apenas nos símbolos linguísticos catalogados no dicionário e nas regras sintáticas enumeradas numa gramática ideal. Os primeiros são traduzíveis em outras línguas; as últimas podem ser compreendidas através de sua associação com regras equivalentes, ou exceções, da língua materna não-questionada. (SCHÜTZ, 1979, p. 97).

Existem várias outras situações em que a linguagem é utilizada no ambiente social, e toda palavra possui “orlas” que ligam, de um lado, elementos do passado e do futuro no universo do discurso e, de outro, valores emocionais e implicações irracionais. Há, também, em toda língua, termos com diversas conotações em que cada elemento possui seu próprio significado secundário que é originário do uso em determinado ambiente social, com valores específicos consoante a ocasião de seu uso. Há, também os jargões, dialetos e os termos técnicos, que são utilizados por grupos sociais específicos, cuja significação pode ser aprendida por alheios, porém, todo grupo possui um código próprio privado, que é compreendido apenas pelos que participaram de determinadas experiências comuns onde o código nasceu, ou da tradição a ele relacionada (SCHÜTZ, 1979).

A história do grupo linguístico se reflete na maneira como se dizem as coisas e, assim, outros elementos do grupo se refletem na literatura. Esses traços são acessíveis somente aos membros do grupo interno, pois pertencem ao código de

expressão daquele ambiente social e não podem ser ensinados nem aprendidos do mesmo modo que o vocabulário (SCHÜTZ, 1979).

De acordo com Schütz (1979, p. 99), “A marca que funciona como lembrete subjetivo é uma das formas mais puras de relacionamento de apresentação; está desligada de qualquer contexto intersubjetivo”. Essas formas são intérpretes numa referência de apresentação. Assim, o sujeito é motivado a marcar certos objetos para, mais tarde, serem úteis como “avisos subjetivos”, como, por exemplo: marcar onde se parou a leitura do texto ou, ainda, marcas que indicam a trilha correta.

No mundo da natureza não há signos, apenas indicações. A presença dessas indicações assinala objetos ou eventos que não seriam percebidos de outra maneira, como, por exemplo: “[...] o halo em volta da lua indica a vinda da chuva; a fumaça, o fogo; uma certa formação da superfície, óleo no subsolo; um certo tipo de pigmentação no rosto, doença de Addison; [...]” (SCHÜTZ, 1979, p. 101). Esse tipo de conhecimento é de grande importância porque auxilia o sujeito a transcender o mundo ao seu alcance e lhe possibilita relacionar elementos que estão ao seu alcance com elementos fora dele.

Já os signos são definidos como artefatos ou objetos-ato feitos ou usados na comunicação para passar uma ideia a outro sujeito, ou seja, carregam intencionalidade de expressão e comunicação. Essa conexão entre o signo e o código está sujeita, porém, à experiência vivida do intérprete no seu contexto de significado.

Deve-se dizer que, ao interpretar um signo, não é necessário referir-se ao fato de que alguém criou o signo, ou de que alguém o utilizou. O que interpreta precisa apenas “conhecer o significado” do signo. Noutras palavras, só é necessário que se estabeleça, na sua mente, uma conexão entre o código de interpretação adequado ao objeto que é signo e o código de interpretação adequado ao objeto que ele significa. Assim, ao ver uma placa na estrada, ele dirá a si própria “interseção à esquerda”, e não “olhe a placa de madeira” ou “quem colocou aquela placa ali?”. (SCHÜTZ, 1979, p. 103).

Com isso, o autor nos mostra exemplos de como se originam os símbolos universais da condição humana universal e que a simbolização “[...] é uma referência de apresentação da ordem superior, isto é, baseia-se em referências de apresentação já formadas, tais como marcas, indicações, signos ou mesmo símbolos” (SCHÜTZ, 1979, p. 244), e que os sujeitos para se comunicarem precisam conhecer os vários tipos de linguagens, símbolos, marcas e indicações.

Assim, cada sujeito possui uma situação biográfica específica no mundo da vida e se relaciona intersubjetivamente com outros sujeitos num enredo social. O

sujeito age consoante seus objetivos e estoque de conhecimento à mão e seu sistema de relevância. Também se comunica e tipifica a vida cotidiana de acordo com a herança deixada por seus antecessores. Ademais, influencia e é influenciado pelos contemporâneos e também pode influenciar os que ainda estão por vir.

Schütz (1979) faz uma reflexão acerca da vida, afirmando que o sujeito nasce num mundo já dado, cuja natureza transcende sua existência e cujo conhecimento decorre de seu estado biográfico. No espaço, o mundo se apresenta com horizontes infinitos e abertos e com possibilidade de alcance pelo sujeito, que, dada essa convicção, pode transformá-lo em alcance real, abrindo novos horizontes. De alguma maneira, o mundo social transcende a vida social diária do sujeito que nasceu num mundo social pré-organizado e que é compartilhado por semelhantes organizados em grupos, em um mundo de horizontes determinados no tempo, no espaço e na distância social. No tempo há uma infinita cadeia de gerações que se sobrepõem, falando ou não a mesma língua, porém sempre organizados em uma sociedade particular e em seu estilo de vida cotidiano.

Ainda segundo o autor, o sujeito transcende a natureza e a sociedade, que lhe são impostas em um duplo sentido: de um lado, ele se encontra a qualquer momento dentro da natureza e da sociedade, ambos elementos constitutivos de sua situação biográfica e, de outro, constituem o único quadro onde o sujeito pode exercer livremente suas potencialidades e, portanto, exercer infinitas possibilidades de definição de sua situação. Tanto a natureza como a sociedade não são elementos de sua situação, mas, de sua determinação e, em um primeiro momento, o sujeito pode tomá-las como pressupostos e, num segundo momento, chegar a termo com elas, porém em ambos os sentidos deve o sujeito entendê-las apesar de sua transcendência (SCHÜTZ, 1979).

Diante disso, cada sujeito tem sua história, seu plano de vida baseado em suas expectativas e referências, seus motivos e projetos de vida. Então, o estado de coisas só é compreendido quando reduzido a atividades humanas e, por sua vez, são compreendidas quando se compreendem seus motivos. Assim, portanto, para compreender um fenômeno, o pesquisador deve compreender as ações dos sujeitos e encontrar nelas as motivações por meio da busca de significações nos atos praticados quando da construção do seu mundo da vida.

Schütz (2015) afirma que todo sistema de significações que governa o sujeito é baseado na sua experiência básica e que os muitos sistemas inter-relacionados de

esperanças e de temores, de necessidades e de satisfações, de oportunidades e de riscos incitam o sujeito a dominar o mundo da vida, a superar obstáculos, a esboçar e a realizar projetos. A realidade eminente da vida cotidiana se baseia no entendimento de cada sujeito de sua própria mortalidade e a condição soberana da existência humana é que a realidade eminente transcende a vida.

Em sua teoria, Schütz centra as suas reflexões no significado, na essência e no sentido que é dado ao fenômeno e insiste em que toda experiência é vivida no mundo da vida, do viver e do executar. Então as reflexões se centram nas noções de ação e de experiência, que conferem intencionalidade consciente e significado ao vivido. Essa percepção subjetiva é, na verdade, uma tipificação do mundo cotidiano, ou, dito de outra maneira, como as mulheres interpretam o fenômeno e a partir dele sua conduta e a dos que estão à sua volta no dia a dia.

É nessa vivência e experiência subjetiva que a mulher busca atender às suas necessidades e expectativas por meio de projetos e de ações. Em suas ações sempre há um sentido intencional e é nessas experiências que o pesquisador busca a compreensão do sentido do fenômeno.

Explorar a construção e o significado cultural do fenômeno vivido, bem como os sentidos e significados do corpo, isso é fundamental para esta pesquisa, pois buscamos compreender a complexidade de ser e de estar de mulheres que experienciam o fenômeno menopausa vivido e sentido em seus corpos no seu cotidiano.

5 EXPERIÊNCIAS DE MULHERES DA MENOPAUSA

No capítulo três vimos como os teóricos percebem e interpretam o corpo e seus diversos usos e significados numa sociedade contemporânea. O corpo é visto como um “templo cultural” (CSORDAS, 2003; 2008; 2013) e de sensações (MERLEAU-PONTY, 1975; 1999; 2003), um observatório do contexto social (LE BRETON, 1995; 2004; 2007; 2009; 2011), e perpassado por normatizações, disciplinas e tecnologias de poder (FOUCAULT, 1979; 1985; 1987; 1988; 2006). Assim, o corpo é um tema complexo e rico onde cada sujeito que o habita possui uma história e referências de um passado e expectativas de um futuro, além da realidade eminente do cotidiano num dado contexto social, político e econômico.

Na perspectiva das ciências sociais, a posição biográfica e de pertença nas desiguais classes sociais diferencia a vivência dos sujeitos nas diversas fases da vida de maneira particular e subjetiva. Assim, portanto, a menopausa é um fenômeno que se manifesta de maneira diferente para cada indivíduo consoante seu histórico socioeconômico e cultural.

Equivocadamente pode-se tomar como natural que todas as mulheres sejam heterossexuais e que tenham seus companheiros, porém, a pertença a diferentes classes sociais, raça/etnia ou orientação sexual, podem influenciar na vivência e percepção do fenômeno. Assim, é importante ressaltar que o recorte para esta pesquisa é de mulheres heterossexuais e de equivalente posição biográfica e social, que lhes permite acesso à informação, a tratamentos e a terapias que podem amenizar os sintomas.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa aliada ao método fenomenológico compreensivo de Alfred Schütz (1979; 2003; 2015). O método fenomenológico considera que, para a interpretação dos fenômenos, devem ser levados em consideração a atribuição de significados, a sua dinâmica relacional entre sujeito e o seu mundo a vida ou, dito de outra maneira, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito – dimensão que orientará a análise das narrativas das mulheres interlocutoras desta pesquisa.

Neste capítulo vamos analisar as narrativas de mulheres, as suas percepções da menopausa e do processo de envelhecimento de acordo com os temas previamente estabelecidos para esta pesquisa: percepção subjetiva do processo da menopausa; percepção social e profissional e percepção familiar; práticas culturais de

cuidados de si e projetos de vida futura. A partir desses eixos analíticos foram realizadas entrevistas a partir de um questionário semiestruturado, centradas nas experiências dessas mulheres sobre menopausa, com o objetivo de apreender como elas abordam e elaboram a percepção da menopausa e do envelhecimento no seu cotidiano. As entrevistas foram gravadas e transcritas pela autora e os temas serão analisados desde a perspectiva fenomenológica de Schütz, buscando compreender como esse fenômeno é percebido e vivido na subjetividade de mulheres.

Foram entrevistadas seis mulheres que vivenciam o processo da menopausa. Nesta pesquisa, optei por delimitar o universo da pesquisa entre mulheres na faixa etária dos 50 a 60 anos de idade e dentro de um mesmo extrato social, com o objetivo de focalizar as singularidades da experiência da menopausa entre mulheres profissionais servidoras públicas. A decisão por essa faixa etária se deu em função de que a menopausa é considerada como o marco do envelhecimento feminino, e se manifesta mais frequentemente a partir dos 50 anos.

A escolha por essas mulheres se deu após verificação, dentro de um grupo de possíveis entrevistadas, de quais delas atendiam às exigências da pesquisa e, também, que se dispusessem a compartilhar as suas experiências. Num primeiro momento foram identificadas vinte mulheres com possibilidade de participarem do estudo. Depois, no entanto, após um primeiro contato com a pesquisadora sobre a disponibilidade e interesse, tanto em participar do estudo, como em falar sobre a sua vivência do fenômeno pesquisado, o grupo foi reduzido para treze mulheres. Após uma segunda conversa com essas treze mulheres, o grupo foi reduzido para seis, que foram selecionadas pela densidade das entrevistas para o tema desta pesquisa.

Todas as mulheres entrevistadas assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Antes dessa assinatura, porém, foi explicado o objetivo da pesquisa bem como que será mantida a confidencialidade de seus nomes e que os dados serão utilizados unicamente para fins científicos.

Tabela 1: Mulheres entrevistadas

NOME ⁶	IDADE	ESTADO CIVIL	Nº FILHOS	GRAU ACADÊMICO
Elizabeth	55	Casada	1	Graduação
Gardênia	55	Solteira	0	Pós-doutorado

⁶ Os nomes das entrevistadas são fictícios.

Linda	58	Casada	2	Pós-doutorado
Marcela	53	Solteira	0	Graduação
Mariana	54	Casada	0	Doutorado
Suzana	55	Casada	2	Mestrado

Fonte: elaborado pela autora

Quando da elaboração do projeto da pesquisa de tese, a decisão era pela realização de entrevistas em profundidade com apenas três mulheres. Ocorre que, durante as entrevistas, mais precisamente na segunda entrevista, percebi que a narrativa era muito diferente da primeira, pois narrava um período de sofrimento físico e psíquico muito significativo. Intrigada com tamanha diferença entre as duas narrativas – Suzana, primeira entrevistada, e Linda, segunda entrevistada –, decidi que queria saber mais a respeito do porquê de tamanha diferença para o mesmo fenômeno. Analisando as entrevistas, percebi que a narrativa de uma delas relatou a retirada do útero. Nesse momento ocorreu o questionamento sobre especificidades relativas a esse fenômeno e seus significados nessa fase da vida. Muito embora esse não seja o objetivo desta pesquisa, não poderia ignorar esse “achado”. Assim, decidi ampliar meu escopo para seis mulheres, sendo três hysterectomizadas.

As narrativas de mulheres hysterectomizadas – Linda, Marcela e Elizabeth – descrevem maior sofrimento, com sintomas mais exacerbados, e, pelas suas falas, não conseguem passar por essa fase sem a devida medicalização. No caso específico de Elizabeth, o sofrimento se agrava pelo fato de ela não poder fazer reposição hormonal por já ter sido portadora de câncer, o que a faz se utilizar de todo e qualquer tipo de “medicamento” alternativo, como óleo de Prímula, chás de folhas de Amora e de Rosa Branca, entre outros.

Antes de iniciarem as entrevistas, fiz um breve relato da pesquisa, esclarecendo que o objetivo era apreender a sua percepção em relação ao fenômeno menopausa. As questões eram abertas e foram previamente determinadas e as entrevistadas poderiam falar sem tempo predefinido. Foram feitas intervenções apenas quando as entrevistadas se distanciavam do objetivo da pergunta, enveredando por assuntos alheios à pesquisa.

Durante as entrevistas foi utilizado um diário para anotações que resultaram em novas perguntas, estas formuladas apenas para esclarecer pontos que não ficaram suficientemente esclarecidos e, também, para anotações de possíveis

expressões que auxiliassem no entendimento das narrativas das entrevistadas durante os diversos temas abordados. Nesse processo, busquei o distanciamento necessário ao pesquisador para não incorrer no erro do olhar institucional⁷ e do prejulgamento do senso comum sobre as mulheres em situação de menopausa e em processo de envelhecimento.

As entrevistas foram realizadas no período entre junho e outubro de 2018, em local determinado pelas entrevistadas, sendo que todas optaram por fazer as entrevistas nas dependências da universidade. Para algumas foram necessários dois encontros que, em média, tiveram a duração de 45 minutos cada. Tanto as perguntas-chave como as secundárias⁸ eram abertas e com foco na percepção das mulheres do fenômeno sobre si mesmas e de como se percebem nessa nova fase em seus mais diversos ambientes de convívio.

É importante destacar que, antes de se iniciarem as entrevistas, ficou previamente pactuado entre esta pesquisadora e as participantes da pesquisa que, para preservar suas identidades, seus nomes verdadeiros seriam substituídos por nomes fictícios, ficando a seu critério a escolha do nome. Esse fator se mostrou bastante importante, pois uma das interlocutoras manifestou maior tranquilidade após saber que suas identidades seriam preservadas. As entrevistadas se mostraram surpresas e até gratas com a possibilidade de escolherem o nome, pois poderiam se dar nomes de mulheres que têm significado importante em suas vidas como forma de homenageá-las.

Quando abordadas sobre a possibilidade e interesse em participar da pesquisa, as interlocutoras, em sua unanimidade, se mostraram surpresas com o tema abordado e se mostraram interessadas em participar, muito embora uma delas tenha dito não saber como poderia contribuir para o meu estudo, uma vez que nunca estivera tão bem em sua vida, nem mesmo na juventude. Confidenciou que tem sede de viver e vive intensamente todos os dias. Por outro lado, durante a entrevista com outra interlocutora pude perceber certa “aflição”, pois ela precisava se abanar e apresentava calores, cansaço e desconforto corporal e, após o término da entrevista, me conduziu

⁷ No Brasil, pesquisas recentes no campo da saúde apresentam um olhar institucional que é estatizado e medicalizado, tanto para a menopausa, quanto para o envelhecimento (MINAYO; COIMBRA JÚNIOR, 2002; SORPRESO, 2010; TRENCH; SANTOS, 2005).

⁸ Perguntas secundárias também foram feitas. Dependendo da resposta da entrevistada, foi solicitado que exemplificasse ou explicitassem os exemplos, detalhes ou, ainda, que a entrevistada explicasse melhor a sua fala.

a um espaço reservado em sua sala de trabalho para me mostrar que mantém um colchonete para se deitar quando os sintomas da menopausa se agravam. Isso nos revela como as mulheres em situação de menopausa vivenciam diferentes experiências nesse processo.

No decorrer da pesquisa pude perceber que as entrevistadas compreendiam que esse era o momento para falar sobre o que as afeta; de falar e serem ouvidas sobre um assunto que dificilmente encontra espaço e alguém que as ouça e que considere importante o que sentem e vivenciam. Falar de si e desse momento da vida em particular parecia descortinar algo que estava oculto, sendo que algumas falam mais, detalham mais suas experiências e expectativas, pontuam dimensões diferentes desse processo, evidenciando, mais uma vez, que ele se apresenta de maneira singular e subjetiva para cada sujeito.

As entrevistas com as mulheres participantes da pesquisa se deram no contexto em que todas se encontram em situação de menopausa. Para as entrevistadas falar desse tema e dos aspectos que vivenciam foi fundamental e esclarecedor, no sentido de sua contribuição para discussões dessa temática. Dentre as mulheres entrevistadas, uma se identifica explicitamente como mulher feminista e politicamente atuante e, outra, como nordestina e negra, orgulhosa de sua origem e cor. Todas as mulheres participantes da pesquisa possuem importante atuação no âmbito administrativo e acadêmico da universidade.

5.1 Sobre a Percepção Subjetiva do Fenômeno Menopausa e sua Relação com o Envelhecimento

Estudos recentes sobre as percepções da menopausa entre mulheres sugerem que a perda da juventude traz um sentimento de medo e de negação do envelhecimento por parte de mulheres (DEBERT, 1999; FERNANDES; GARCIA, 2010; FERREIRA et al., 2013; GOLDENBERG, 2011). Como se verá a seguir, as participantes desta pesquisa também observaram que o fenômeno da menopausa veio acompanhado de questões emocionais e psicológicas, e que passam a enfrentar novos obstáculos antes desconhecidos e para quais, em muitas das vezes, não estavam preparadas. Muitas vezes demonstram uma negação da menopausa e do envelhecer, porque significam que a mulher se distancia da juventude. Conforme

comenta Mariana, 54 anos, “[...] por mais que eu não aceite que sou uma pessoa de meia idade, uma senhora, as coisas mudaram, a postura mudou [...]”.

Segundo Merleau-Ponty (1975), o sujeito se constitui e se faz presente pelo seu corpo, pelas experiências vividas, pelas expressões e pelos significados perceptivos e simbólicos. Sendo assim, esse momento de significado subjetivo tão importante para mulheres marca uma fase de mudanças profundas e, quiçá, de uma redefinição de sua existência, pois que seu corpo envelhece e carrega as marcas do tempo, como rugas, flacidez, gorduras, entre outras, e é preciso que ela se reconstrua nessa nova condição.

Socialmente a mulher na menopausa é frequentemente considerada como assexuada, desfeminizada, velha e vazia de sentimentos (DEBERT, 2012; PERROT, 2007; VALENÇA et al., 2010). Nesse sentido, a narrativa de Linda explicita que, quando se percebeu em situação de menopausa, experienciou um misto de inquietação e de sofrimento psíquico, isso aliado a um sentimento de negação e de perda.

“[...] eu demorei um pouco para incorporar essa noção, essa ideia de menopausa [...] a menopausa me passa uma sensação ruim, uma sensação de perder terreno, de perder [...] até a palavra menopausa para mim ela está num contexto negativo, ela me dá uma ideia negativa”. (Linda, 58 anos).

As mulheres pesquisadas relataram, também, que essa fase traz novos desafios para os quais não estão preparadas e que precisam enfrentar e que dizem respeito não somente às transformações físicas que impactam o seu cotidiano social e sua subjetividade mas, também, que passam a enfrentar questões de ordem biológica propriamente, onde a queda hormonal traz, muitas vezes, consequências inesperadas que afetam sua saúde, como, por exemplo, a decisão sobre a reposição hormonal ou não, e seus possíveis efeitos. Nesse aspecto, destaco a forte presença do saber médico nas narrativas das mulheres, como foi o caso da Linda:

“[...] eu tive uma variação hormonal desesperadora, eu tinha esquecimento, não dormia, era um processo bem difícil. Então, lentamente ela (médica) começou a fazer uma reposição para poder equilibrar meu organismo que se desequilibrou. [...]. Aí por recomendação do oncologista não podia mais fazer a reposição hormonal, então a minha vida ficou um conflito bastante grande, por um lado queria, tinha que repor porque desenvolvi também uma doença cardíaca e o cardiologista dizia você precisa fazer a reposição

hormonal; e o oncologista você não pode fazer reposição hormonal [...]”.
(Linda, 58 anos).

Assim, as narrativas das mulheres entrevistadas corroboram, portanto, o que Rodolpho (2015) e Valença (2010) já apontaram, ou seja, a necessidade de superar o reducionismo da abordagem do tipo “consulta/solicitação de exames/prescrição” para uma abordagem interdisciplinar e intersubjetiva, de troca de conhecimentos e de experiências no campo da saúde da mulher.

Outra questão levantada pelas mulheres pesquisadas diz respeito ao fato de esse assunto – a menopausa – não ser muito discutido na sociedade, e que as mulheres ingressam nessa fase como se entrassem num mundo desconhecido onde o aprendizado se dá no dia a dia da batalha. Essa situação muitas vezes gera estresse e decisões precipitadas, uma vez que, por conta da variação hormonal e de todos os outros aspectos relacionados ao fenômeno, o estado emocional pode ficar instável e que mulheres podem sofrer com decisões e/ou atitudes tomadas nesses momentos de instabilidade emocional.

“[...] foi doloroso no sentido de que a gente nunca está preparada assim, não existe um planejamento da saúde para atender as mulheres [...] nessa fase. E eu acho que foi um período bem de irritabilidade, um período de tomar decisões precipitadas sem ter um apoio, sem entender direito, porque até essas disfunções hormonais elas impactam você [...]”.
(Gardênia, 55 anos).

Por outro lado, e, como vimos na teoria estudada, embora a menopausa seja um fenômeno biológico e os seus sintomas considerados universais, ela impacta as mulheres de modo diferente entre umas e outras, o que pode ser atribuído, entre outros fatores, a diferentes hábitos de vida, conforme pesquisa realizada por Separavich (2010). Para duas das mulheres aqui pesquisadas, a percepção do fenômeno foi e é bastante natural e tranquilo e atravessam essa fase praticamente sem nenhum impacto sobre as suas vidas cotidianas:

“[...] não me lembro muito de ter sofrido não [...] não sinto nada, só que logo que parou minha menstruação, a médica pediu que eu fizesse exercícios, porque até então eu não fazia”. (Suzana, 55 anos).

“A menopausa inicialmente não me causou dano algum. Eu não tive calorão, eu não tive sofrimento algum inicialmente, depois, em determinado

momento, e eu não sei te precisar quando, eu comecei a perder muito hormônio, meu teor de hormônio deve ter caído vertiginosamente [...] (o médico) receitou reposição hormonal [...] e daí em diante tudo certo [...]”. (Mariana, 54 anos).

Entretanto, para quatro das mulheres pesquisadas, esse tem sido um período de transformações de ordem biológica, social e de sofrimento físico e psíquico, que pode leva-las à depressão, desconstrução de sua imagem e de sua subjetividade, ou seja, é sentida como um período de sofrimento e doença e cuja medicalização, muitas vezes, se faz necessária (LOBO, 2007; SOUZA; ARAÚJO, 2015). O entendimento dessas mulheres desse período como patológico corrobora estudos como os de Feltrin e Velho (2016), de Kantoviski e Vargens (2010) e de Valença et al. (2010), que trouxeram à tona a visão predominante que se tem da mulher, cujo corpo é governado pelos hormônios e o fenômeno da menopausa sendo entendido como patologia passível de medicalização. A concepção desse corpo que precisa ser medicalizado é uma visão que percebe o corpo apartado do sujeito que o habita e do mundo que lhe dá significação. Trata-se de uma ruptura que é feita pelo conhecimento biomédico, pela “anatomofisiologia” (LE BRETON, 2007, p. 25).

Nesse sentido, nas narrativas de mulheres se apreende um estado de sofrimento, porque seu corpo não é apartado de sua subjetividade, e muitas vezes a medicalização se faz necessária, porém afeta sua subjetividade. Mulheres compreendem esse fenômeno como natural e de passagem de uma fase a outra da vida e a medicalização às remete ao discurso da mulher velha, doente e queixosa.

De acordo com Mendonça (2004), os fogachos, a irritabilidade, a fadiga, a indisposição para o trabalho, a depressão, entre outros, são sintomas visíveis da menopausa e se constituem num de seus significados, ou seja, “[...] o da mulher poliqueixosa, representação que, também, não se faz ausente entre profissionais no setor da saúde” (p. 164). Nesse sentido e, ao não se levar em consideração essas queixas, esses problemas deixam de ser considerados e, conseqüentemente, ficam negligenciadas “[...] possíveis medidas na prevenção de doenças ou promoção da saúde, bem como se atribuir tudo à idade se generaliza, o que resulta na combinação mulher poliqueixosa/mulher velha” (p. 160). Outro significado atribuído à menopausa e à mulher poliqueixosa “[...] diz respeito a que as queixas somáticas e/ou psicológicas são sinais que se transformam em signos do envelhecimento e estes trazem a marca do gênero” (MENDONÇA, 2004, p. 164).

Assim, a menopausa se transformou em uma fase onde as mulheres também “perdem o controle” sobre seus corpos, pois, além das alterações físicas, a medicalização, que transforma em enfermidade um fator natural, deixou as mulheres vulneráveis na sua condição:

“[...] eu entrei no processo de menopausa de uma forma muito abrupta [...] meu organismo reagiu de uma forma enlouquecedora, eu nunca imaginei que isto fosse deixar o meu organismo desorientado”. (Linda, 58 anos).

“Eu acho que é difícil para quem não faz a reposição hormonal, essa fase da menopausa ela tem, sim, um pouco de sofrimento, porque ela te causa desconforto. Às vezes você está na frente de pessoas que você não conhece não tem intimidade nenhuma e você começa com uma sudorese excessiva que você chega a ficar constrangida [...] no meu trabalho, eu estava fazendo uma consulta com o pessoal do exército, na frente do tenente, conversando eu comecei a passar mal [...] ele percebeu e perguntou se eu estava bem, eu tive que parar e falei para ele “você me desculpe, mas eu estou numa fase da menopausa muito forte”, e ele [...] foi atrás achar um ventilador [...] buscou um copo de água [...], te deixa numa situação tão constrangedora quando você está longe de pessoas que você conhece”. (Elizabeth, 55 anos).

A menopausa é, também, entendida como um período de “pré-envelhecimento”, quando a mulher começa a se perceber fora ou ultrapassando a fase da juventude e as mudanças corporais ocorrem com mais intensidade e em menor tempo.

Segundo Merleau-Ponty (1975), a percepção é a experiência corpórea fundamental, e essa percepção envolve aspectos subjetivos, como se sente e como age, seus pensamentos e sentimentos e das características positivas ou negativas que apresenta. Ainda segundo o autor, para se compreender a percepção primeiro é preciso compreender a sensação, isso porque a percepção é entendida como uma ação do corpo e é no corpo que os sentidos são apreendidos.

Nas narrativas de mulheres foi possível observar que percebem a menopausa enquanto uma fase de pré-envelhecimento, pois identificam os primeiros sinais no corpo, notadamente, o fim do período fértil e o aparecimento de rugas. Assim, os relatos acerca da percepção dos sintomas do envelhecimento do corpo vão desde a perda da agilidade, aumento de peso até *“[...] um sentimento de tristeza muito grande [...] (porque) eu estou envelhecendo e os sinais físicos do corpo que nunca tive [...] e de repente passei a ter [...]”* (Linda, 55 anos).

As narrativas, a seguir, sobre a percepção da menopausa e envelhecimento mostram como são percebidos os primeiros sinais que, além das marcas físicas no corpo, indicam, também, as marcas subjetivas, que são invisíveis.

“Eu percebi, lógico, que é uma passagem para um certo envelhecimento, eu senti isso em relação à própria pele, a falta de elasticidade da pele, mais no físico mesmo”. (Suzana, 55 anos).

“[...] a entrada da menopausa significa que você está saindo de uma idade de produção para uma idade mais letárgica, para não dizer que você está envelhecendo. Ela é como se fosse a margem, a entrada, para você se preparar. A menopausa é uma fase de preparação para você chegar na velhice. Ela vai te preparando, vai preparando a tua cabeça e o teu organismo”. (Elizabeth, 55 anos).

Para as mulheres pesquisadas, a aceitação das mudanças corporais decorrentes do processo de envelhecimento nem sempre acontece de maneira natural, isso porque é em seus corpos que se apresentam esses aspectos negativos e então são percebidos no contexto social em que a estética tem valor preponderante.

Segundo Le Breton (2004), a maneira como o sujeito se constrói corporalmente, para além do modismo, é uma forma de afirmação da sua singularidade cultural. Assim, o corpo é construído culturalmente e constantemente modulado buscando uma estética que atenda, não apenas a suas aspirações existenciais, mas, também, ao contexto social do grupo de convivência.

Já numa perspectiva do corpo enquanto submisso, Foucault (2006) comenta que a estética ou os cuidados de si estão relacionados aos sentidos e às sensações e têm ligação com a ética e a moral, pois a beleza não está apenas na aparência visual, mas abrange toda a existência do sujeito para além do corpo.

A percepção da imagem corporal também está carregada de aspectos subjetivos, cujas características positivas ou negativas direcionam o olhar, podendo superestimar ou subestimar a imagem, dependendo da percepção que as pessoas possuem das dimensões dos próprios corpos (FERREIRA et al., 2013; SOUZA; ARAÚJO, 2015).

Para as mulheres pesquisadas, a relevância e a importância do direcionamento desse olhar dá sentido ao seu mundo cotidiano do viver e do executar, isso porque a imagem as representa no mundo social. Então, quando perguntadas sobre como elas

constroem e reconstroem sua subjetividade corporal nesse processo, as suas narrativas demonstram claramente esses aspectos subjetivos.

Dentre as mulheres pesquisadas, Suzana afirma que nunca se percebeu bonita nem mesmo interessante e que, a partir da menopausa, essa percepção mudou, isso porque se deu conta de que viveu a vida toda em função de um estereótipo social inatingível, como comenta:

“Eu nunca, nunca me achei uma mulher bonita [...] nunca achei que eu tinha um corpo bonito [...] eu comecei a perceber que eu tenho um corpo bonito [...] e a gostar de mim [...] a minha mente mudou [...] eu passei a me sentir uma mulher bonita [...] hoje eu me amo”. (Suzana, 55 anos).

Há, também, narrativas de mulheres que percebem o corpo para além da estética social estereotipada, e o veem de uma maneira mais integrada e relacional, como um templo em que habitam e que lhes dedicam cuidado e respeito em função de sua importância e significado.

“É interessante, porque não é só o corpo, é a identidade, né?! Não é só o corpo, é a identidade, assim.... eu sou negra, é... tinha o cabelo alisado e chegou um momento da minha vida que eu disse: Chega! Eu não quero mais, eu vou assumir os meus crespos! Isso é identidade, isso é corpo, mas é corpo associado à identidade, então assim... você assume quem você é enquanto raça, enquanto mulher, mesmo com seus cabelos brancos, eu não pinto cabelo, eles são brancos por natureza, [...]”. (Mariana, 54 anos).

“Você sabe que o corpo é o primeiro lugar de inclusão da gente no mundo, então esse corpo, ele tem que ser cuidado e é uma coisa sagrada. Em relação ao corpo, eu me sinto hoje muito mais resolvida em algumas questões [...] eu estou dando preferência para os meus prazeres sem ficar me cobrando, me punindo tanto [...] eu não estou mais ligando para o que os outros estão pensando, falando [...]”. (Gardênia, 55 anos).

A representação e o sentido do corpo se refletem no subjetivo e essas mulheres expressam esse sentimento por meio de suas falas. Na cultura atual, a transformação física do corpo no processo de envelhecimento simboliza a senescência do sujeito, motivo pelo qual essa fase é tão temida pelas mulheres, dada a dificuldade em lidar com esse corpo que rapidamente se morfoseia num corpo desconhecido pelo sujeito que o habita.

Em pesquisa realizada com mulheres junto ao grupo de convivência de idosos "Juventude Acumulada", em Cruz das Almas, João Pessoa, Fernandes e Garcia (2010) comentam que há, também, mulheres que percebem seus corpos frágeis, doentes e feios. Essa percepção colide com a concepção do corpo feminino jovem e belo, tão valorizado na sociedade contemporânea capitalista. Nesse sentido, a menopausa remete as mulheres a um espaço social e temporal invisível, ao limiar da velhice, a mortes simbólicas.

Segundo Vanessa Martines Cepellos (2016), que pesquisou o envelhecimento entre mulheres executivas a partir da autopercepção, observou que as mulheres se identificam com o processo de envelhecimento a partir de mortes simbólicas, ou seja, com a proximidade da finitude, considerado aspecto principal na compreensão do fenômeno do envelhecimento. Para a pesquisadora, a finitude “[...] surge sob diferentes perspectivas: física, social e executiva” (p. 236). Assim, para as mulheres executivas, o processo de envelhecimento é reconhecido como o prognóstico de “mortes simbólicas” (CEPELLOS, 2016, p. 219).

Na narrativa de Linda se apreende que ela percebeu, efetivamente, que estava envelhecendo, quando, em decorrência da menopausa, desenvolveu um problema cardíaco e o seu corpo passou a ter desempenho mais lento e ela passou a se sentir fisicamente mais fraca. Esse processo a afastou das atividades de dança e, com a falta da atividade física aliada às questões da menopausa, ganhou peso que, mesmo com dieta e orientação nutricional, não conseguiu reduzir. Como a dança sempre fora fundamental em sua vida, desenvolveu um *“sentimento de tristeza muito grande”* e nada mais tinha sentido para ela. Ainda, segundo a entrevistada, essa fase ainda não foi totalmente superada.

Na narrativa de Elizabeth, pode-se apreender o significado e o impacto para a mulher do processo de envelhecimento.

“Nossa! Envelhecer não é fácil! Você precisa de terapia para você aprender a envelhecer. Eu tenho uma amiga que fala ‘o envelhecer é uma fábrica de monstros’. Eu acho muito difícil você se olhar no espelho, mesmo que você tem uma vida saudável e se olhar no espelho! Que a flacidez tá tomando conta do teu corpo, celulite que você se cuida com o tipo de alimentação, faz massagem e ela está ali te acompanhando, ainda mais quando ela vem de um processo genético que é difícil. A transformação do teu corpo que era mais firminho, mais durinho, é difícil. É difícil se olhar no espelho. Eu não gosto de me olhar no espelho, não. Então, eu diria que é difícil, eu não gosto, não. É difícil aceitar”. (Elizabeth, 55 anos).

De acordo com as mulheres pesquisadas, parece ser especialmente difícil habitar um corpo “desconhecido”, pois é por meio dele que se estabelecem as relações sociais, é o que as representa e é por meio dele que se apresentam socialmente. Assim, quando Elizabeth fala “*é difícil se olhar no espelho*”, demonstra que esse novo corpo, em princípio, não mais a representa e não lhe é agradável apresentá-lo.

Sobre isso, Le Breton (2007) afirma que as representações do corpo e seus saberes procedem de uma particular visão de mundo e de uma autodefinição enquanto sujeito. Sendo assim, o corpo é construído simbolicamente e de maneira singular de acordo com o grupo de convivência social do sujeito. Nota-se, portanto, que mulheres em processo de envelhecimento numa sociedade contemporânea capitalista, que valoriza a mulher a partir da sua beleza e juventude, se sentem excluídas e invisíveis.

Ao longo desse tópico abordamos, a partir das narrativas das mulheres entrevistadas para este estudo, a sua percepção subjetiva do fenômeno menopausa e do envelhecimento. Vimos que há um sentimento de negação, isso porque essa fase significa o fim do período considerado de plenitude para a mulher, passando da fase jovem e fértil para uma fase de decaimento ou de mortes simbólicas. Nota-se, também, a pouca informação que as mulheres possuem da menopausa, notadamente em relação aos sintomas e da efetiva necessidade ou não de uso de medicamento, ficando, normalmente, essa decisão a cargo do médico. Assim, a chegada da menopausa incorpora novos e desconhecidos elementos que impactam o cotidiano de mulheres e que, mesmo que se percebam num “caminho sem volta”, apresentam também, em determinados momentos, um olhar positivo para esse período.

5.2 Sobre Práticas de Cuidados de Si

Para Mauss (1979), o sujeito é um elemento complementar do grupo social, cuja convivência reflete no seu modo de ser e na sua construção social. As técnicas do corpo são apreendidas pela observação, pela imitação ou pela educação, consoante os costumes de cada grupo social.

A fenomenologia cultural da corporeidade formulada por Csordas (2008) trata de buscar a compreensão do eu a partir da compreensão do corpo e reconhece que ele é a fonte da existência e o local da experiência. Nesse sentido, apreende-se das narrativas de mulheres que elas se percebem e existem a partir de seus corpos e que deles se utilizam também por meio de técnicas corporais, para sentir, experimentar e vivenciar as diferentes experiências e sensações de maneira singular e subjetiva.

De acordo com Foucault (2006), as práticas de cuidados de si se constituem em formas de como o sujeito olha a sua existência como um todo e não apenas na sua fase jovem. Logo, o cuidado de si nada mais é do que conhecer-se a si mesmo, exercer atitude frente à vida em todas as fases e situações. As práticas de cuidados de si englobam desde a ética, a estética, os sentidos e às sensações.

Às mulheres pesquisadas, em suas narrativas, relatam que nessa fase se utilizam de várias práticas não apenas para propiciar mais prazer nas relações sexuais, mas também, para se sentirem melhor em relação ao próprio corpo. Essas práticas podem ser descritas como desde atividades físicas até o uso de determinados medicamentos e lubrificantes vaginais. De qualquer forma, no entanto, a introdução de práticas, de medicamentos ou de outras técnicas na intimidade do casal não necessariamente ocorrem sem certo constrangimento inicial, até porque é preciso compartilhar essas práticas ou técnicas com o parceiro e envolve negociações na intimidade:

*“Então, aí que está, é muito do parceiro, né. Então assim, tem parceiros que aceitam e acham legal e têm outros parceiros que não. [...] Noto que é muito do companheiro. Tem uns que são fechados, não aceitam. Os da minha idade não aceitam alguns avanços, há muito estereótipo, muito preconceito. Por outro lado, tenho alguns parceiros que você pode fazer umas invenções, danças, usar cremezinhos, óleos, entre outros. Eu sou bem aberta para esse tipo de coisa, eu não vejo nada de fora do comum”.
(Gardênia, 55 anos).*

Na narrativa de Gardênia, nota-se ainda o preconceito ou até mesmo o desconhecimento em relação às necessidades da mulher nessa fase. A narrativa de Linda também aponta no sentido de que a própria mulher também, muitas vezes, encontra dificuldades para aceitar e introduzir novas práticas no seu cotidiano:

“[...] eu demorei para entender e aceitar. É um processo, então hoje eu estou vivendo isso, eu aceito. Eu busquei porque eu quis ter uma relação mais prazerosa com meu parceiro. Então eu digo que vale a pena a gente buscar. Em primeiro lugar por mim, não pelo outro, porque, se eu estiver bem, ele também vai estar bem”. (Linda, 58 anos).

Linda continua o seu relato, afirmando que a introdução de novas práticas no relacionamento com o parceiro o tornou mais íntimo e prazeroso.

“Eu acho que ajudou muito, porque faz a gente se sentir melhor, porque, num relacionamento, o ato sexual tem que ser prazeroso, se não for prazeroso acaba sendo doloroso e vai ser ruim não só para mim, mas para o meu companheiro também”. (Linda, 58 anos).

As mudanças no corpo da mulher decorrentes do fenômeno menopausa mudam o cotidiano dessas mulheres e, a partir desse processo, se estabelecem as práticas de cuidados de si no sentido de enfrentar ou de tornar menos aparente essa “decadência física”. Esse corpo, em Foucault (1985), é constituído a partir de sua superfície que expõe as experiências vividas e que materializa uma ordem reguladora e disciplinadora da ordem social vigente.

Em suas narrativas, apreende-se, também, que mulheres não se utilizam de técnicas ou práticas de cuidados de si com o intuito unicamente de aparentarem mais jovens do que suas idades reais, mas, também, de aceitarem sua condição de pessoa em processo de envelhecimento para além do aspecto puramente estético.

“Eu não me cuido mais para que meu marido me olhe e me ache sempre bonita [...] eu me cuido para eu me olhar, para eu olhar e dizer assim: Ah, eu estou bonitona. Às vezes olho meu bumbum e percebo que já não tá lá essas coisas, mas eu ponho uma roupa e, então, está tudo bem [...]. E eu estou assim, me cuido, mas é para mim, para o meu eu”. (Linda, 58 anos).

Já Gardênia relata que o amadurecimento lhe proporcionou uma nova compreensão e significação da vida e passou a considerar e a dar valor a outros aspectos, como viver bem e com saúde em detrimento de se submeter a técnicas ou a procedimentos que poderiam afetar seu bem-estar.

“[...] eu tenho como filosofia de vida que a saúde é mais importante que a estética, então eu deixei de fazer determinados procedimentos estéticos em função da saúde que eu coloco em primeiro lugar e [...] você passa a dar valor a outras coisas aquém da estética”. (Gardênia, 55 anos).

Quanto às técnicas ou práticas corporais, mesmo que algumas não tenham o propósito de manutenção do corpo, as mulheres pesquisadas relatam que passaram a frequentar mais academias, iniciando ou intensificando os exercícios físicos, como aulas de pilates, de natação, massagens modeladoras e a ter mais critério para aquisição de bons cremes rejuvenescedores e protetores, vitaminas e colágenos, além de visitas mais constantes a dermatologistas, ou seja, há, sim, um mercado em expansão para essa faixa etária, como bem sinaliza Debert (2012, p. 227), quando afirma que “[...] o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo [...]”.

Esse mercado de consumo em ascensão propaga o convencimento de que a perfeição plástica e a jovialidade eterna são perfeitamente possíveis. Essas mulheres, no entanto, em suas narrativas deixam transparecer que, para além da preocupação com a aparência do corpo, também há uma preocupação com o cuidado das suas pessoas. Esses cuidados abrangem desde “[...] *um prato mais colorido, alegre, mais leve e menos gorduroso*” (Mariana), até investimentos em cuidados como “[...] *medicina alternativa, holística e Yoga, que ajuda a ter um equilíbrio [...]*” (Gardênia), até cursos de “[...] *inteligência espiritual [...]* *conhecimento interior, [...]* *conhecimento da morte [...]*” (Linda). Para essas mulheres, esses cuidados são importantes, pois a busca interior e subjetiva objetiva compreender que o envelhecimento é inerente ao ser humano e pode ser um momento de fortalecimento e de protagonismos de suas trajetórias de vida.

5.3 Sobre o Uso de Medicamentos

O envelhecimento é, de acordo com Simone de Beauvoir, além de biológico, culturalmente construído. Assim, com o passar do tempo e com o avanço da tecnologia e das novas abordagens médicas, a qualidade de vida dessa população tem melhorado muito em função do acesso a essas novas tecnologias. Nesse sentido, este estudo buscou, também, compreender como e se as mulheres pesquisadas que estão ou já passaram pelo processo da menopausa utilizam medicamentos e/ou outras técnicas no sentido de melhorar a sua qualidade de vida.

Em sua narrativa, Linda, 58 anos, afirma que, a partir do processo da menopausa e por orientação médica, passou a fazer reposição hormonal com o intuito, primeiramente, de restabelecer o equilíbrio hormonal do organismo e recuperar o seu bem-estar:

“[...] ela (a médica) começou a fazer uma reposição hormonal para poder equilibrar meu organismo que se desequilibrou. Afetou minha vida sexual de uma forma muito intensa e isso trouxe um desgaste no relacionamento, afetou meu humor, afetou minha alegria, entrei em depressão e cheguei a pensar em não viver mais”.

Com a queda hormonal decorrente do processo da menopausa, a mulher sofre transformações de ordem física, o que pode influenciar, negativamente, seu relacionamento com o parceiro. Nesse sentido, em sua narrativa, Linda afirma que procurou informar-se a respeito e por iniciativa própria e, atendendo ao seu próprio desejo, começou a introduzir produtos que proporcionassem melhor conforto nas suas relações sexuais. O que a preocupava dizia respeito ao olhar do parceiro para com ela enquanto mulher em situação de menopausa e como ele compreenderia essa iniciativa.

“[...] você não tem mais lubrificação como você tinha quando era jovem, então a gente tem que recorrer a determinadas técnicas que existem e existem para isso. A iniciativa não foi dele (companheiro), foi minha. Eu percebi a necessidade, busquei informações e passei a me aceitar melhor quando vi que ele não estava me vendo diferente, que eu estava me cobrando por coisas que para ele não existiam”. (Linda, 58 anos).

Nessa mesma linha, em sua narrativa, Mariana, 54 anos, relata que, em conversa com seu ginecologista, reclamou que *“[...] a pele de minha vagina ficou um papel de seda, então quando a gente transava eu não sentia prazer, eu sentia dor [...]”*. Constatada a falta de hormônio, o médico receitou reposição hormonal *“[...] e a introdução de 'bolinhas' para uma melhor lubrificação [...]”*. Relata ainda que, além de melhorar a *performance* sexual, percebeu *“[...] sensivelmente algumas mudanças físicas no órgão genital”*. Perguntada sobre que melhoras seriam essas, a entrevistada respondeu que percebeu uma melhora significativa na estética da sua vagina.

A reposição hormonal para a mulher na menopausa parecer ser uma das alternativas mais utilizadas para devolver o bem-estar para essas mulheres. Marcela,

53 anos, declara que faz uso diário de “[...] um gel para reposição hormonal, não dá para ficar sem”. A entrevistada relata ainda que, sem o uso desse medicamento, fica extremamente irritada e atribui isso ao processo da menopausa.

Das mulheres pesquisadas, apenas uma optou pela não medicalização, no entanto, o que vai determinar essa decisão é sua “posição biográfica” (SCHÜTZ, 2015), ou seja, suas decisões estão baseadas, fundamentalmente, em seus aspectos subjetivos; no conhecimento que possui naquele momento de sua vida e de acordo com suas perspectivas, interesses, motivos, aspirações, entre outros. A situação biográfica, naquele momento, determina sua opção e o que quer ou não mudar de acordo com os elementos que lhe são mais significativos e da realidade na qual se encontra.

“Eu optei por não fazer reposição hormonal devido aos efeitos colaterais que a reposição nos afeta. Tem estudos de grupos de pesquisadores das áreas Biológicas que apoiam a reposição hormonal e tem outro grupo que é mais naturalista e que não apoia essa colocação hormonal. Como eu tive distúrbios de tireoide, tenho hipotireoidismo, eu já tomo hormônio de tireoide, eu optei por não fazer para não sobrecarregar”. (Gardênia, 55 anos).

Como se pode apreender em sua narrativa, Gardênia afirma que não faz uso de medicamentos com a finalidade de reposição hormonal, isso porque acredita muito mais numa linha naturalista com foco no bem-estar e na qualidade de vida baseada na alimentação.

Para além do que prega a biomedicina acerca da necessidade de reposição hormonal enquanto mecanismo de manutenção da beleza e da feminilidade, está a compreensão desse processo enquanto momento de pensar e de ressignificar sua alteridade e subjetividade e que o corpo não é um objeto que deve ser submetido à prática da reposição hormonal apenas para satisfazer a estereótipos sociais em detrimento do bem-estar.

A partir das declarações, é possível perceber que as mulheres entrevistadas fazem uso de medicamentos e/ou de outras técnicas visando melhor qualidade de vida, mas, também, buscando uma melhora no relacionamento sexual com seus parceiros e que essas iniciativas, por questões de ordem cultural, não são isentas, pois esse assunto muitas vezes ainda é um tabu não discutido entre os parceiros.

5.4 (Re)construção do “Eu” na Perspectiva de um Novo Corpo

Como vimos na teoria, o corpo é uma construção social, mas indissociado das dimensões fisiológicas e psicológicas. Então, a construção desse novo "eu", numa perspectiva do corpo enquanto instrumento de pertencimento e de autoafirmação social, leva em consideração como essa mulher se percebe nesse novo corpo e como se (re)constrói a partir dele. A construção singular do corpo distingue o sujeito no seu de grupo de pertencimento e a construção desse corpo leva em consideração o estado social, a visão de mundo e uma particular definição do eu enquanto sujeito.

Segundo Foucault (1979), a sociedade impõe ao corpo uma série de obrigações, proibições e limitações, isso tudo para atender a uma ordem discursiva e reguladora de construção corporal de acordo com a ordem cultural vigente.

Nesse sentido, percebe-se, nas narrativas das mulheres entrevistadas, que há uma ordem social reguladora que determina uma estética socialmente aceitável, ordem diante da qual as mulheres se percebem vulneráveis, uma vez que seus corpos, nessa fase, se morfoseiam rapidamente, adquirindo aspectos diferentes daqueles do padrão:

“[...] fui me adaptando [...] você tem que escolher, ou você vai ficar só em função da beleza ou você vai procurar uma situação confortável e ser feliz, [...] você já não é uma princesa, agora você é uma rainha. Vou me comportar como uma rainha. Então, coloco essa rainha dentro de mim para me sentir feliz”. (Elizabeth, 55 anos).

Ainda sobre a construção social do corpo, Mariana, 54 anos, comenta que inicialmente se sentiu assexuada e que foi muito complicado lidar com as bruscas mudanças corporais. Diz que hoje em dia já as absorveu como sendo naturais desse ciclo da vida. Mesmo assim diz, no entanto, que seguidamente é cobrada pelas amigas de seu grupo de convivência sobre uma aparência mais adequada e socialmente aceita.

“[...] e falaram assim, ‘mas você não vai pintar o seu cabelo? Seu marido é muito mais jovem, você vai ficar com cara de velha’. Os meus cabelos não me incomodam, eles incomodam a quem os vê [...]. Quando eu disse a ele (o marido) vou pintar o cabelo, ele falou ‘não, está lindo! Eu não pinto o meu porque você vai pintar o seu’. Eu falei, é tradição feminina e ele respondeu ‘você vai seguir essa tradição só porque todo mundo faz?’ [...].

E elas (as amigas) continuam me perguntando ‘quando você vai pintar o cabelo?’ E meu cabelo está ficando todo branco e eu acho tão bonito, parece que fiz luzes”.

Segundo Mariana, o corpo é a identidade da pessoa e modificar esse corpo apenas para atender a uma estética que não necessariamente é a que se deseja, isso significa perder um pouco essa identidade. Em outro momento da entrevista, ela, no entanto, comentou que “[...] mas eu quero tentar ver se eu crio coragem de pintá-los [...]”, numa clara intenção de sucumbir ao que é culturalmente estabelecido como “tradição feminina”, muito embora esse não seja seu desejo.

Nota-se, com a fala da Mariana, que, de fato, as imagens midiáticas da mulher plasticamente perfeita determinam, no imaginário social, a definição do feminino. Então, segundo esse imaginário, as imperfeições da mulher real não são consideradas naturais, mas, sim, marcas de desleixo e de preguiça, como comenta Debert (1999, p. 78): “[...] sinais de *lassitude moral* que merecem ser cuidados de maneira mais incisiva a fim de se eliminar tais imperfeições”.

A figura feminina, admirada por seus atributos que favorecem a procriação, deve ser bela e jovem. Então a mulher na menopausa e em processo de envelhecimento, ao estar perdendo esses atributos, precisa se reinventar e, nesse sentido, essas mulheres estão se reinventando em busca de um novo olhar, de um “renascimento simbólico”.

“Tem toda uma cobrança midiática do corpo como uma mercadoria, né!? Aquela coisa de tá incluído ou tá excluído. Quer dizer, se você não tem corpo perfeito, isso e aquilo, você está excluído. [...]. As mulheres se cobram entre elas isso, e a moda e a mídia e tudo mais [...]. Eu percebi que os homens mais maduros emocionalmente, que é uma nova geração de homens, que é diferente dos homens carregados de preconceitos e tabus, esses que já conseguiram se libertar um pouquinho, eles também estão nessa waibe de que é importante viver bem, sem muita cobrança, sem se castigar muito, né”. (Gardênia, 55 anos).

A fala de Gardênia demonstra que a mulher está de fato se redescobrando e buscando um novo sentido para essa fase – um sentido deslocado do estereótipo do corpo jovem e de beleza perfeita, até porque ele se torna um ideal difícil de atingir nessa fase.

Quanto a esse corpo midiático, Marcela, 53 anos, afirma estar ressentida de não ter se cuidado mais quando jovem, porque acredita que, se o tivesse feito, estaria

numa condição física melhor: “[...] eu, quando era mais jovem, deveria ter cuidado mais da questão física, com exercícios, por exemplo [...] para agora eu estar me sentindo um pouquinho melhor. [...] a gente só tem consciência quando chega (a velhice)”.

Já Linda, 58 anos, ainda não aceitou totalmente esse novo corpo, como pode ser comprovado em sua fala.

“[...] eu não estou, digamos assim, com esse aceite total. Eu preciso compreender que meu corpo agora está assim, que dificilmente, mesmo que eu faça intervenções cirúrgicas, ele não vai voltar a ser como era antes”.

Segundo a entrevistada, ela ainda busca aceitar que seu corpo mudou e está tentando encontrar o seu lugar enquanto pessoa que está envelhecendo. Diz olhar para sua filha e amigas e as vê com corpos perfeitos e tenta compreender e aceitar que já não é jovem, que o tempo passou para ela também.

Nas narrativas de mulheres entrevistadas ficou evidenciado, também, a dificuldade em vestir esse novo corpo, pois que já não se sentem confortáveis com o estilo usado antes desse processo. A questão do vestuário também impacta diretamente na imagem dessa mulher e de como ela se apresenta.

“Eu era uma pessoa que sempre usei roupas justas e roupas decotadas e eu parei de usar roupas decotadas, eu me sinto muito exposta e parei de usar. Para ir à praia e piscina, eu comprei um macacãozinho, que assim eu me sinto confortável. Eu não me sinto bem de expor o meu corpo”.
(Elizabeth, 55 anos).

“[...] preciso comprar uma roupinha um número maior, eu vou ter que comprar, eu gostava de determinado estilo e já que não posso usar mais”.
(Linda, 58 anos).

Já nas narrativas de Gardênia e de Suzana, ambas com 55 anos, se constata que passaram a se gostar mais – Gardênia, porque se sente mais madura e, portanto, mais resolvida com questões relacionadas a mudança corporal e que, segundo ela, tem dado preferência aos prazeres da vida em detrimento de ficar se cobrando ou desejando um corpo que não possui; já Suzana relata que se descobriu uma mulher bonita e que passou a se exercitar, elevando ainda mais a sua autoestima.

O envelhecer feminino se apresenta carregado de sentimentos, sejam eles negativos ou positivos. Negativos quando a aparência muda drasticamente e um rosto jovem e liso é gradualmente substituído por um rosto enrugado e flácido; onde um corpo magro e resistente é substituído por um corpo com curvas excessivas e enfraquecido; onde a agilidade física deixa espaço para um novo indivíduo frágil. Os pensamentos e sentimentos positivos vêm quando, finalmente, essas mulheres se percebem maduras e as experiências vividas lhes permitem decidir viver e aproveitar o agora; percebem que o futuro já chegou e que, portanto, é hora de dizer “*Vou ser feliz!*” (Elizabeth, 55 anos), sem se importar com o que os outros pensem ou falem.

Outro ponto que ficou evidente nas narrativas das mulheres pesquisadas diz respeito à autoestima, que, muito embora esse seja um período de mudanças físicas e emocionais, nota-se que algumas mantêm a sua autoestima elevada, como comenta Mariana: “[...] *não é porque não pode mais parir, que não pode mais ter uma cria, que você deixa de ter utilidade, de ser prazerosa, de ter prazer e dar prazer [...]*”.

Além de Mariana, Marcela e Susana também relatam que, quando jovens, não tinham tanta autoestima quanto hoje, isso porque a maturidade lhes proporcionou segurança e confiança em si mesmas. De acordo com Suzana, ela se descobriu bonita depois da menopausa, isso porque se redescobriu como mulher e descobriu melhor o prazer de ser mulher.

Então, neste presente tópico, foi possível apreender que algumas das mulheres pesquisadas encontram dificuldade em aceitar e em lidar com o novo corpo, com a nova aparência. Essa dificuldade não é somente no tocante ao olhar social sobre esse novo corpo, mas também diz respeito à maneira como a mulher percebe, convive e cuida desse novo corpo. Por outro lado, há mulheres que compreendem a mudança corporal de maneira positiva e que, para além da aparência estética, o corpo é compreendido como o instrumento de ser e pertencer no mundo.

Observa-se que cada sujeito se constitui numa experiência particular que é construída socialmente em decorrência da teia cooperativa do processo social, e que esses contextos de experiências e de ações se constituem na base que regula cada sujeito no seu espaço intersubjetivo.

5.5 Percepção do Envelhecer em Relação ao Cônjuge

As mulheres cobram de si mesmas uma aparência sempre jovem e, então, a perda de seus atributos físicos indica o início da velhice (ABOIM, 2014). O processo de envelhecimento afeta não somente a aparência exterior da mulher, como também, seus aspectos mais subjetivos e a construção de sua autoimagem. Assim, a presença e a participação da família, em especial de seus companheiros, nesse momento tão peculiar, se mostrou importante, porque dá segurança e pode ajudar na construção de aspectos positivos e na autoestima de mulheres, como se pôde apreender de algumas narrativas sobre as relações familiares.

Para Linda, uma de suas preocupações com as mudanças relacionadas ao fenômeno diz respeito à aparência do corpo. Como fora sempre uma mulher magra, sua preocupação pousava no olhar do seu parceiro sobre seu novo corpo. Esse processo foi bastante angustiante, até ela perceber que essa preocupação era fruto de sua imaginação, como se pode verificar em sua narrativa:

“[...] eu achava que ele me olhava, mas era coisa minha, da minha cabeça, na verdade [...] eu percebo que ele nunca foi detalhista de observar se eu estava mais gordinha, ele sempre achou que eu estava bem, e quando eu comentava alguma coisa ele respondia: ‘Não, mas você está bem assim’. Era eu, não era ele”. (Linda, 58 anos).

Linda prossegue sua narrativa destacando que a intimidade do casal também foi afetada por esse processo, e que a atitude do companheiro é fundamental nesse momento.

“Ele, assim, ele é compreensivo também no sentido da parte sexual, porque a gente muda muito. Essa é uma das piores coisas que nos pega [...] não é que não tenho desejo, tenho desejo, sim! Claro que tenho! Mas, fisicamente, você não tem mais (as mesmas condições de) quando era jovem [...] eu passei a me aceitar melhor quando vi que eu achava que ele ia me ver diferente, mas ele não estava me vendo diferente, eu estava me cobrando por coisas que para ele não existiam”. (Linda, 58 anos).

Já Mariana, embora ressalte que tenha um relacionamento de muito diálogo com seu marido, inclusive sobre as questões do envelhecimento, uma vez que estão envelhecendo juntos, em sua narrativa mostra que percebeu uma mudança de comportamento de seu marido no sentido de que ele passou a respeitar mais as suas

“desnecessidades”. Perguntada sobre o que seriam essas “desnecessidades”, ela relatou que:

“[...] nós, mulheres, nos submetemos a sexos indesejados porque é necessário satisfazer ao companheiro. Eu já fiz isso, mas não faço mais e, quando eu não quero, eu digo: ‘Olha, não estou a fim!’ [...]. Isso já aconteceu, mas eu não vou mais deixar acontecer e eu acho que a maturidade me deu essa segurança de dizer isso: ‘Não, eu não estou a fim de ti, hoje não’... e eu não vou dizer que estou com dor de cabeça, eu não vou dizer que estou com sono ou que estou cansada. Vou dizer que não estou a fim, e que vai ser ruim para mim se você forçar. Então, acho que a gente infelizmente é submetida a isso. É a nossa geração, as nossas mães, os nossos pais, que ainda nos disseram que precisamos às vezes servir, estar disponível ao seu marido, e eu cheguei a uma conclusão que não. Eu vou estar disponível quando eu estiver a fim de gozar junto, senão, não” (Mariana, 54 nos).

A “visão oficial” (FELTRIN; VELHO; 2016, p. 153) do corpo feminino, que é marcado pelas diferenças entre os sexos, gênero e hierarquia de poder, enfatiza sempre o lado negativo e a inferioridade do feminino, que pode ser observada pela fala de Mariana, que nos remete a uma sociedade onde as mulheres eram (e muitas ainda são) submissas não somente aos maridos, mas ao Estado e à medicina. Fabíola Rodhen, no livro *Uma Ciência da Diferença*, trata da construção dessa diferença entre os gêneros e os sexos de acordo com as suas funções sociais e da mulher vista com o único propósito de procriação, pois que era considerada incapaz de assumir qualquer outra responsabilidade social, pois era apenas “frívola e emotiva” (ROHDEN, 2001, p. 224).

A fala de Elizabeth traça um paralelo entre o envelhecimento feminino e o masculino, notadamente no que diz respeito aos sinais no corpo. Percebe-se, pela sua fala, que a mulher se compara também em relação ao parceiro e que o olhar deste pode influenciar na percepção sobre si mesma e, conseqüentemente, como passa a lidar e a enfrentar esse processo.

“A maturidade para o homem é bem diferente da mulher, porque o homem não tem celulite, o envelhecimento do homem é visto como uma coisa normal, como se fosse criada pela sociedade. O homem fica charmoso e a mulher, não. A mulher demonstra os sintomas. A mulher, que antes tinha sempre a pele bonita e viçosa, vai começando a aparecer os traços de envelhecimento. Acho que meu companheiro percebeu naturalmente que eu envelhecia, às vezes quando eu mesma reclamava de alguma coisa que

eu estava desconfortável com meu corpo, ele falava assim: ‘... mas você está bem! A idade que você tem se você for comparar com algumas pessoas, você está bem [...]’. Nunca falou nada que me colocasse para baixo por ter envelhecido”. (Elizabeth, 55 anos).

As mulheres têm acentuada preocupação com relação à sua imagem física, isso porque há o temor de que seus corpos já não sejam atraentes e que não despertem mais o desejo em seus companheiros. Durante as suas falas, em nenhum momento se reportaram às mudanças corporais sofridas pelos seus companheiros, também em processo de envelhecimento, o que evidencia que o olhar social é, de fato, mais incisivo sobre o feminino.

Observou-se que, nas falas das mulheres entrevistadas, quando perguntadas sobre sua percepção no meio familiar, todas se reportaram, exclusivamente, aos seus companheiros, numa clara apreensão de que, nesse processo, o que mais as impacta são as mudanças que o fenômeno causa no corpo e de como esses parceiros passam a olhar esse corpo, quer dizer, se essas mudanças afetam a maneira como esse homem enxerga essa mulher enquanto parceira sexual.

Em relação ao convívio familiar com os demais membros da família, esse é um assunto do qual não se fala e, talvez, nem percebido ou, até mesmo, visto como natural do processo de envelhecimento, quer dizer, esse fenômeno, no meio familiar, acontece também no “invisível social” (FERREIRA et al., 2013; TRENCH; SANTOS, 2005).

5.6 Percepção do Envelhecer no Meio Profissional

Segundo Brito da Motta (2002), o passar do tempo imprime sinais no corpo que, por sua vez, são analisados e classificados pelo olhar social, que pode ser preconceituoso, no caso de aparência danificada ou de condições físicas debilitadas, o que é, muitas vezes, interpretado como doença ou senectude, mesmo não sendo. Essa visão estereotipada e preconceituosa da sociedade em relação ao envelhecimento da mulher é percebida por elas em suas relações profissionais, como pode ser observado na narrativa de Marcela, 53 anos, quando comenta que trabalha com pessoas mais jovens, sendo a maioria do sexo masculino e que, por cobrar seriedade no desempenho das funções, ainda ouve comentários preconceituosos.

“[...] às vezes eles ainda falam assim mal-amada, rabugenta, chata, então esse é o comentário unânime entre eles, mas a opinião deles não importa [...]”. (Marcela, 53 anos).

Muito embora Marcela afirme que esse tipo de situação não a afeta, pode-se apreender que esse cenário de comentários pejorativos, chulos e machistas remete ao imaginário social de que mulheres nessa fase perdem sua sexualidade, feminilidade e fertilidade e, portanto, a capacidade de despertar o desejo no outro, tornando-se um ser solitário, rabugento e chato.

Narrativa de Linda, 58 anos, que trabalha com público jovem, também apresenta esse distanciamento de gerações, pois percebe que os alunos preferem profissionais mais jovens e que há uma escolha por profissionais mais jovens. Percebe uma sutileza nas relações de trabalho no sentido de que estaria velha e comentários do tipo *“Logo vai se aposentar”* são muito comuns. A entrevistada atribui esse comportamento dos jovens ao fato de que, em função da menopausa e do envelhecimento, eles a percebem mais cansada e que esse cansaço transparece no seu dia a dia.

Observe-se que, de acordo com Linda, 58 anos, há uma preferência no ambiente de trabalho pelas pessoas mais jovens, e esse olhar que lhe é direcionado é entendido e assimilado como sendo de sua condição de pessoa em processo de envelhecimento e, como tal, questionada sobre sua utilidade e capacidade.

Mariana, 54 anos, em sua narrativa, fala que também ouve comentários preconceituosos direcionados a outros colegas que têm a mesma faixa etária dela, do tipo *“Tá na hora dela ir embora, pôr sangue novo, vida nova, outras pessoas”*. De acordo com Mariana, quando presencia esses comentários e *“dependendo do meu momento me finjo de surda, de burra, de porta, não escuto, não entendo, porque não estou a fim de discutir”*, no entanto, embora não seja o alvo dos comentários, sabe que esse olhar preconceituoso também lhe é dirigido. Por vezes, quando questiona esse tipo de comentário, pergunta ao interlocutor por que considera que determinada pessoa deve se aposentar, pela sua idade ou porque ela é menos qualificada ou produtiva? E, ainda, será que uma pessoa mais jovem e inexperiente garantiria maior produtividade? Mariana diz não acreditar que produtividade tenha a ver com idade, e sim com o prazer de fazer o que se faz, se sentir útil onde se está e questiona: *“O que é se aposentar? A aposentadoria deve se dar por causa da idade ou porque a pessoa*

é improdutiva?”. Neste caso, Mariana diz conhecer pessoas com 30 anos e que são improdutivas.

Na narrativa de Mariana se notam também os obstáculos a serem superados pela mulher em situação de menopausa, pois, além de superar os próprios problemas decorrentes do fenômeno, precisa lidar, também, com esse olhar social preconceituoso.

“Eu acho que a gente olha os outros e os outros nos olham com um certo cuidado, vamos dizer, é preconceito. O que ela ainda está fazendo por aqui, né? Será que ela ainda tem esse espaço garantido no trabalho? Será que não está na hora de se aposentar? [...] a mulher hoje, quando chega aos 50 anos e que ela tem que trabalhar e que ela passa pelas mudanças até de humor ao longo dos dias, por conta dessas variações hormonais, e olhar para o outro e dizer, além de eu ter que me superar eu tenho que superar o preconceito do outro, a gente precisa ter muita força de vontade”. (Mariana, 54 anos).

Já Elizabeth, 55 anos, relata que, no seu ambiente profissional e com a chegada da idade madura, ela se percebe mais pensativa e criteriosa e já não toma decisões administrativas sem antes pensar muito nos possíveis desdobramentos, o que não acontecia antes. Afirma ainda que não percebeu olhares de preconceito, apenas de brincadeiras que considera “normais” do tipo: *“Elizabeth, olha a idade que você tem, você está bem?”*.

Mesmo que Elizabeth não considere que essas brincadeiras tenham cunho preconceituoso, não significa que não reproduzam o comportamento e o olhar que a sociedade tem da mulher nessa fase, pois essa fala está carregada de significados que, como vimos anteriormente, nessa idade a mulher “naturalmente não estaria bem”, numa clara reprodução do discurso de um corpo feminino governado por hormônios que já não produz mais e, portanto, velho e patológico.

Apreende-se, das narrativas das mulheres entrevistadas, que, nessa fase, além de todas as outras questões relacionadas com o fenômeno e com as quais a mulher tem de lidar, as questões profissionais impactam sobremaneira as suas vidas, isso porque, muitas vezes, a carreira foi construída ao longo do tempo e que, quando chegam ao seu ápice profissional, se percebem injustamente preteridas por profissionais mais jovens – pois esse critério não é profissional.

5.7 Percepção do Envelhecer no Meio Social

A sociedade contemporânea considera a beleza feminina ser um meio para as conquistas sociais e o corpo jovem e bonito um ideal a ser buscado e conquistado. De acordo com Cepellos (2016), a chegada da menopausa e do envelhecimento alia aspectos negativos, embora com alguns possíveis positivos. Os negativos são, principalmente, o decaimento do corpo e, com ele, todas as mortes simbólicas representadas por aquela beleza feminina – juventude, feminilidade, fertilidade, sexualidade, entre outros. Quanto aos aspectos positivos, caso até aí a mulher tenha tido uma biografia adequada para isso, as experiências bem assimiladas, a maturidade emocional e o amadurecimento profissional.

Os aspectos positivos desse momento aparecem na narrativa de Gardênia, que considera essa fase libertadora, afirmando que o amadurecimento mudou o seu comportamento e as suas escolhas. Essa mudança de comportamento também é corroborada em pesquisa etnográfica realizada por Mesquita (2014), com frequentadores do Mercado dos Pinhões e do Bar Flórida, da cidade de Fortaleza, Ceará. O comportamento desses frequentadores rompe os costumes tradicionais segundo os quais aos “velhos” não é permitido a fazer certas coisas. Assim, o que se vê são mulheres que se permitem desfrutar a vida com mais leveza e consideração consigo próprias, com seus sentimentos e desejos, o que evidencia um caminho na contramão do que é “pré-estabelecido” ou considerado “normal” pela sociedade para pessoas que estejam nessa faixa etária.

“[...] eu percebi que eu mudei, tipo a minha percepção é que eu me afastei de determinados lugares, por exemplo: eu gostava de ir em botecos e tal, eu continuo indo, mas em outros botecos, eu gosto de ambientes mais sofisticados, papos mais inteligentes, eu não admito pouca coisa, eu fiquei intolerante com ‘nhenhêném’ com coisas banais e fúteis, fico totalmente intolerante, eu não suporto e falo ‘com licença tenho o que fazer e estou indo embora’. Eu prefiro a minha presença do que ficar tolerando certas coisas, então, assim, eu senti que é muito mais uma atitude minha frente a vida, de amadurecimento do que de preconceito. [...] eu estou mais preocupada é com o meu prazer”. (Gardênia, 55 anos).

Note-se que a atitude de Gardênia pode ser considerada um indicador de que mulheres buscam dar novo sentido para essa fase, uma redefinição do envelhecer, apropriando-se de sua própria trajetória com valores positivos, de liberdade e

independência, e a considerar a menopausa e o envelhecimento como ciclos naturais da condição feminina de ser.

Em sua narrativa, Suzana, 55 anos, afirma que seu ciclo social de amizades é bem restrito e as pessoas com as quais se relaciona são de mesma faixa etária. Então não tem percebido esse olhar preconceituoso, ao contrário, pois entre amigas costumam trocar confidências e experiências dessa fase.

Já a narrativa de Linda, 58 anos, evidencia alguns fatores que também já foram encontrados em estudos anteriores. De acordo com a entrevistada, houve um afastamento de gerações⁹, onde a convivência com pessoas jovens deixou de existir, passando a um grupo de mesma faixa etária e que nesse grupo não há abertura ou externalização das questões referentes à menopausa e ao envelhecimento. O não compartilhamento de informações e experiências dessa fase poderia ser interpretado como a comprovação de que o fenômeno efetivamente acontece no “invisível social”¹⁰, em âmbito em que, muitas vezes, nem a própria família compreende ou percebe a passagem do fenômeno na vida da mulher.

“Antes desse processo (da menopausa) a convivência era mais viva, mais dinâmica, com diferentes idades, com intervenções muito mais ativas [...] eu tenho notado o fato de eu estar envolvida socialmente com pessoas de uma faixa etária parecida, com mulheres que estão vivendo o que eu estou vivendo e que não há uma abertura, uma externalização para troca de experiências sobre esse assunto”. (Linda, 58 anos).

Ainda segundo a entrevistada, devido ao fato de a sua convivência social se dar com pessoas de mesma faixa etária e, por isso, os “problemas” serem os mesmos, não percebe esse olhar discriminatório para com ela. O que ela relata é esse olhar crítico seu para consigo mesma, por se sentir desconfortável num corpo que ainda não é totalmente aceito por ela.

O que chama a atenção na narrativa de Linda é que, segundo ela, não há abertura entre as pessoas do seu grupo de convivência social para a discussão dos problemas relacionados a essa fase da vida, numa clara indicação de que esse

⁹ Entre as idades/gerações podem existir preconceitos em relação às competências físicas, sendo a aparência do corpo entendida como doença, decrepitude e velhice (BRITTO DA MOTTA, 2002).

¹⁰ Historicamente, a menopausa sempre foi um “não evento”, isso acontecendo porque ela acontece no invisível social, diferentemente das outras fases por que passam as mulheres. (FERREIRA et al., 2013; TRENCH; SANTOS, 2005).

assunto, para muitos dessa geração, ainda é um tabu e, de fato, parece não incomodar as próprias mulheres de que o fenômeno aconteça no invisível social.

Já Mariana, em sua narrativa, é contundente ao afirmar o olhar social preconceituoso, pois sente uma intensa segregação nas relações sociais de convivência.

“(Minha cidade) é uma cidade que ela por si só é preconceituosa, ela trabalha com castas, se você é casado você tem um grupo, se você é solteiro você tem outro, se você é divorciado você tem outro, dependendo do teu nível econômico são outras pessoas com as quais você frequenta, não existe essa mistura [...]. Então, assim, com a idade eu vejo que existe esse ‘vamos deixar ela no lugar dela, porque já passou um pouco do tempo’, mas alguns poucos amigos que a gente considera meio que família aqui dentro, continuam nos convidando para as festas das crianças, e as crianças nos ligam para dizer: ‘Tia, vem para o meu aniversário. Quero você aqui’. Então aí a gente consegue conviver com as diferentes idades, mas não é todo mundo que convida, não existe isso aqui”. (Mariana, 54 anos).

Ainda que algumas mulheres não percebam esse olhar social preconceituoso em relação à sua condição de mulher na menopausa e em processo de envelhecimento, a partir da narrativa de Mariana se pode notar que há, sim, uma dissociação entre gerações e a perda de espaço de convivência social. Assim, a partir das narrativas expostas neste tópico, foi possível apreender que mulheres se sentem “acuadas” e buscam reconstruir um novo espaço social de convivência, constituído, predominantemente, de pessoas que vivenciam experiências similares, criando, assim, um novo grupo de pertencimento.

5.8 Da Nostalgia do Corpo Perfeito à “Mulher Livre e Solta”

De acordo com as narrativas das mulheres pesquisadas, nem só de aspectos negativos se apresenta essa fase. Mulheres relatam que se descobriram mais maduras, conscientes e seguras, não só de suas necessidades e de seus desejos, mas, principalmente, de que nada as demove de lutar pelos seus projetos.

Em sua narrativa, Elizabeth, 55 anos, fala com alegria que, apesar de tudo e da dificuldade de aceitar essa metamorfose, bem como da necessidade de trabalhar essa aceitação cotidianamente, está se tornando “*uma mulher livre e solta*”, que está, gradativamente, se libertando do estereótipo do corpo perfeito.

“Já não tenho angústia ou tristeza porque tive aquele corpão de moça e hoje tenho um corpo maduro [...] hoje é outro tipo de beleza. Existe dificuldade em aceitar algumas coisas, mas é um processo normal, que vai se trabalhando no dia a dia”.

Elizabeth continua a sua narrativa, afirmando que quer usar as roupas de que gosta, que quer frequentar os lugares de que gosta e que se sente segura para ir sozinha, caso ninguém queira acompanhá-la. Afirma que se sente uma pessoa autônoma e com direito e liberdade para ir e vir e que acredita que muitas mulheres que estão passando por essa fase passam pelo mesmo processo de negação, de aceitação e, por fim, de libertação.

Em sua narrativa, Linda, 58 anos, afirma que, em relação ao passado, está melhor como ser humano e como mulher, isso porque, depois de muita terapia e busca de evolução espiritual, compreendeu o processo de transformação física e aceitou a sua condição de mulher na menopausa. Afirma que o processo em si é muito doloroso, mas a *“[...] Linda de hoje está melhor do que a anterior, era mais jovem, era mais bonita, mas era mais inexperiente, então, acho que estou melhor hoje”.*

Nessa mesma linha, Gardênia, 55 anos, relata que o conteúdo e a qualidade da vida depois desse processo são estrondosos, isso porque, nesse processo, a mulher aprende a ser mais tolerante com ela mesma e a não se cobrar ou viver em função de estereótipos sociais que, na realidade, são impossíveis de alcançar até mesmo por mulheres jovens. Gardênia afirma que essa mudança no seu interior a levou inclusive a uma melhor autoestima e autoafirmação, que foi percebida e notada pelos homens, aumentando, inclusive, as suas relações sexuais.

“[...] aprendi a me valorizar muito mais, me sinto uma mulher muito importante [...] dou valor pela minha caminhada e todas as coisas que eu passei. Me sinto uma pessoa muito melhor hoje do que eu era antes, inclusive fisicamente. Eu me olho no espelho e me acho maravilhosa, me visto do jeito que eu gosto, estou sempre curtindo, fazendo mudanças no meu guarda-roupa [...] hoje transando mais [...] eu estou bem mais consciente do meu valor como mulher”.

Para Suzana, 55 anos, que relata não ter tido nenhum sintoma ou problema com a menopausa, foi um momento esplendoroso, um retorno à adolescência, livre do incômodo mensal dos absorventes. A fala de Suzana, corrobora a pesquisa

realizada por Emily Martin (2006) com mulheres residentes na cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, que também relataram a menopausa como libertadora, entre outros aspectos, do incômodo ciclo menstrual.

Já na narrativa de Marcela, 53 anos, embora afirme que gosta mais de si hoje, percebe-se uma certa angústia por entender que não aproveitou sua juventude como deveria, isso porque sua família, de origem tradicional, observou demasiadamente as regras sociais e, agora, com a idade avançando, percebe que esse tempo passou e não volta mais.

“[...] então a idade chegando você não pode vestir determinada roupa [...] mesmo que você quisesse, você não pode mais, entende? Então, quando eu era jovem eu não tinha essa liberdade comportamental e, hoje, eu tenho essa liberdade, mas já não posso porque não sou tão jovem”.

Na fala de Mariana, 54 anos, também se denotam momentos de nostalgia de um passado que não volta mais, quando, mesmo bem-humorada, ela fala *“[...] minha nega, agora só ladeira abaixo, vai viver a vida [...] porque quando a gente chegar aos 70, 80 anos vai aprender a fazer crochê”*. Mariana afirma, ainda, que não gosta que a chamem de senhora, porque lhe dá a impressão de que se está falando de uma avó, de uma bisavó, sendo que se percebe hoje como uma mulher mais jovial, decidida e realizada.

Perguntada sobre se a expressão *“aprender a fazer crochê”* não soaria como machista, ainda que dita por uma mulher, ela respondeu que o exemplo se refere a que as mulheres nunca param, e cita, como exemplo, sua mãe que, aos 86, 87 anos, ainda viajava com as amigas e fazia crochê ou tricô nos momentos de descanso.

Foi possível observar que, nas narrativas de mulheres, o processo da menopausa provoca uma reflexão sobre as suas trajetórias de vida, os caminhos que percorreram e o que querem ainda realizar. De acordo com Schütz (1979; 2015), as ações e o seu significado decorrem sempre de um comportamento motivado. Assim, os motivos “para” e “a fim de” buscam alcançar o objetivo e os motivos “por que” explicam os antecedentes nos quais se busca a predisposição para a sua realização. Assim, suas narrativas demonstram que seus projetos futuros têm sua raiz no passado e no que não foi possível realizar, e que a maturidade e a confiança de que já fizeram o possível pelos outros, permite às mulheres um certo sentimento de individualidade antes não permitido e que lhes consente realizar seus projetos pessoais.

Quando perguntei às mulheres sobre os seus projetos futuros, observei que estas se “transportavam” imediatamente para uma nova realidade futura, na qual poderiam, efetivamente, dedicarem-se a si mesmas e ao que lhes proporcionaria prazer.

Na narrativa de Elizabeth, 55 anos, fica explícita a vontade de se libertar e de realizar atividades prazerosas, num claro entendimento de que, em sua trajetória de vida, se dedicou à família e ao trabalho:

“Quero fazer mais artesanato, mais exercício físico, quero fazer de manhã e de tarde, tipo assim: uma natação, ir para uma Yoga, um pilates, uma caminhada não sei. Só pra mim. Quero ser a pessoa mais egoísta do mundo. Quero viajar, quero poder viajar. [...] passear e fazer as coisas que eu tenho vontade de fazer, coisas que não deu para fazer porque tinha horários para cumprir [...] tinha que bater ponto de manhã, de meio dia, de tarde, a maior sensação de liberdade é não bater ponto. [...] na minha aposentadoria, eu não quero ficar dormindo até mais tarde, quero acordar cedo e estar disposta a enfrentar o mundo em tudo, nas coisas que eu quero realizar”.

Nota-se que a proximidade da aposentadoria está relacionada à independência e à liberdade. Gardênia, 55 anos, igualmente comenta:

“[...] eu quero estar mais livre, mais liberta para realmente curtir a minha vida, até viajar mais [...] aproveitar melhor sem encucar, ir para algum lugar, sentar e ficar lá sentada olhando os ‘patinhos’ e tal, relaxar mesmo, eu acho que a vida tem que fluir mais tranquila daqui para a frente, sem muita cobrança”.

Outras mulheres entrevistadas também relatam o desejo de cuidar mais de si mesmas, como comenta Suzana, 55 anos: *“[...] eu quero me cuidar para que eu possa me amar cada vez mais e curtir essa minha nova ‘adolescência”.* Esse cuidado não se resume apenas no cuidado estético, mas, para além disso, um cuidado espiritual no sentido de se sentir mais completa:

“É, em primeiro lugar, manter-se sendo cuidada, eu me cuidar, nunca parar de estudar, leituras, continuação de leituras, de cursos, hoje descobri que eu quero me aprofundar nas neurociências, quero deixar um pouco o que eu faço, mas quero buscar uma área nova para complementar. Quero trabalhar menos, mas investir mais num conhecimento pessoal, viajar bastante e voltar a dançar”. (Linda, 58 anos).

Já Mariana não pretende deixar de atuar na sua área, mesmo que aposentada, pois gosta do que faz e se sente útil. Relata que seu sonho é ter liberdade financeira e condições para realizar projetos voltados para a área social, resgatando, segundo ela, um pouco a dignidade para os que não tiveram a oportunidade de estudar.

“[...] gostaria de fazer alguns trabalhos voluntários [...] eu gostaria muito de fazer um trabalho com os idosos. Meu sonho é um dia poder, sem pensar no financeiro, dar aulas para os adultos, tipo EJA, para aquelas criaturinhas que não sabem ler, não sabem escrever e que têm a autoestima baixa porque chegam no ponto do ônibus e não sabem ler o ônibus que vão pegar. [...] eu olho para elas na rua e passam tão despercebidas, tão invisíveis aos nossos olhos e penso, eu vou fazer esse trabalho por eles [...], além de viajar”. (Mariana, 55 anos).

Esse olhar voltado para novas e positivas possibilidades corrobora a pesquisa realizada por Mosquera e Stobäus (2012), que afirmam que questões emocionais positivas fazem o envelhecer agradável, melhora a qualidade de vida, afasta o estresse e muitos dos problemas relacionados com essa etapa da vida.

Apreende-se, das narrativas das mulheres pesquisadas, que a passagem pelo processo da menopausa ocasiona uma ressignificação de suas vidas a partir da reflexão das experiências vividas, mas, também, da nostalgia do não vivido, que, em alguns casos, se transforma em desejo a ser realizado, ou seja, suas ações são reflexos de suas experiências e estão ancoradas nas perspectivas futuras.

Em síntese, as mulheres pesquisadas para este estudo relatam que dedicaram praticamente a totalidade de suas vidas à família e ao trabalho, deixando em segundo plano os seus próprios projetos, desejos e aspirações e que, chegado o momento da menopausa, se perceberam em processo de envelhecimento e, com isso, uma reflexão sobre as suas trajetórias de vida, do que realizaram e do que farão daqui para frente. A partir da menopausa, o olhar se direciona para a aposentadoria, que traz consigo, por um lado, o aspecto negativo de finitude, de mortes simbólicas, no entanto, por outro lado, traz todo um significado de liberdade e de independência, no sentido de que já não se sentem responsáveis pelos familiares, e sim apenas por elas mesmas.

Quando falam de suas perspectivas futuras, essas mulheres se percebem maduras e confiantes para exercer seu direito de se priorizarem a si próprias, pois ninguém fará isso por elas. Esse amadurecimento, esse protagonismo de suas

trajetórias, de ora em diante, nasce do entendimento de que essa fase da vida lhes proporciona liberdade e poder e que isso significa um momento único para, efetivamente, realizarem os seus projetos de vida, ou seja, para realizarem um renascimento simbólico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem uma abordagem ancorada na literatura antropológica e fenomenológica e está inserida em um contexto de “feminização do envelhecimento” (CEPELLOS, 2016), que tem, como marco inicial, o fenômeno da menopausa. A partir de uma metodologia fundamentada na fenomenologia de Alfred Schütz, a pergunta que conduziu essa pesquisa foi sobre **como as mulheres experienciam o fenômeno menopausa** e, a partir dela, buscou-se compreender as percepções de mulheres do fenômeno nos diversos aspectos do cotidiano vivido por elas. Foram entrevistadas seis mulheres com idades entre 50-60 anos, servidoras públicas, que vivenciam a menopausa.

Para desenvolver essa questão de pesquisa, primeiramente explorei a literatura sobre envelhecimento na perspectiva biológica e culturalmente construída que, como vimos, o define como um período de decadência e de improdutividade e, portanto, a desqualificação da pessoa idosa e a visão desta como sendo um problema social e político e, ainda, que há uma clara tendência de atribuir ao sujeito a responsabilidade pela sua própria condição de pessoa idosa.

Em seguida, abordei o tópico do envelhecimento feminino e menopausa, que nos mostra que há, de fato, uma feminização do envelhecimento, uma vez que as mulheres vivem mais que os homens e, portanto, há muito mais mulheres idosas do que homens. Culturalmente, a menopausa significa o limiar do envelhecimento e se apresenta como um destino imposto a todas as mulheres. É preciso compreender, no entanto, que a menopausa é, sim, natural e biológica, porém é também socialmente construída e não homogênea, apresentando-se consoante o histórico socioeconômico e cultural de cada sujeito.

A visão social do corpo feminino governado por hormônios transforma a menopausa em uma patologia da mulher idosa, ou seja, que toda mulher, ao atingir a fase da menopausa, é uma mulher doente e como tal deve ser tratada, uma vez que não produz mais hormônios, sinônimos de fertilidade, de produtividade, de beleza, de feminilidade e de saúde.

A busca ou a tentativa de se manter a juventude e a beleza não têm apenas o objetivo de viver mais e com mais qualidade, mas, também, de fugir ao estereótipo criado em torno de que a menopausa significa o início de um período de decrepitude e de desqualificação. Para as mulheres, a ideia de que a menopausa é o prenúncio

da velhice que se inicia transforma a menopausa numa etapa traumática de suas vidas, isto porque culturalmente significa o fim da fertilidade e da feminilidade e, também, porque sobre as mulheres incide o olhar social acerca da aparência que tende a sofrer transformações significativas. Muito embora esse período da vida seja carregado de conotações e de conceitos negativos, aceitar um corpo envelhecido e marcado pelo tempo, isso para a mulher pode significar liberdade em relação às regras e aos deveres que socialmente lhe são impostos e a possibilidade de novas oportunidades, de novos horizontes e de novas perspectivas.

No capítulo 3, buscamos, nos teóricos David Le Breton (1995, 2004, 2007, 2009, 2011), Michel Foucault (1979, 1985, 1987, 1988, 2006), Maurice Merleau-Ponty (1975, 1999, 2003) e Thomas Csordas (2008, 2013, 2018), que estudam o corpo nas suas diferentes perspectivas e interfaces, compreender a visão social do corpo e da corporeidade. De acordo com esses teóricos, o corpo é o *locus* da construção do sujeito e o instrumento por meio do qual se apropria de uma pluralidade de sentidos e se percebe ser-no-mundo e, também, que é no corpo que o tempo deixa suas marcas, suas inscrições, os sinais visíveis e invisíveis que cada sujeito carrega, percebe e compreende de acordo com suas características subjetivas.

Como fio condutor metodológico para essa pesquisa, utilizamos a teoria fenomenológica de Alfred Schütz (1979, 2003, 2015). Para esse autor, toda experiência que se vive é sempre uma experiência de alguma coisa e que essas experiências são produzidas pelos seres humanos e experienciadas no mundo particular de cada sujeito. Assim, é na essência e no sentido da experiência e do que ela significa para o sujeito que a fenomenologia centra seus estudos, acessando a sua consciência e a sua intersubjetividade.

Das narrativas das mulheres entrevistadas, pode-se observar que há as que sofrem muito com os sintomas e com o processo da menopausa e há mulheres em que esse fenômeno ocorre de maneira branda, natural e tranquila. A diferença entre essas narrativas, ou seja, o porquê do sofrimento físico, emocional e psicológico de algumas suscitou inquietações nesta pesquisadora, que buscou aprofundar a análise das narrativas a fim de obter mais informações sobre por que a menopausa se apresenta com sintomas tão marcantes para umas e menos para outras.

Considerando que as entrevistadas apresentavam idade e condição socioeconômica e social muito parecidas, presume-se não serem esses os fatores que desencadeariam essa diferença. Percebeu-se que os relatos de maior sofrimento

físico, emocional e psicológico ocorrem nas narrativas de mulheres que fizeram a retirada do útero antes de se iniciar o processo da menopausa. Essa é apenas uma constatação de casos de mulheres que foram ouvidas para esta pesquisa, mas não observamos registros na literatura aqui utilizada, no entanto pode ser uma indicação para futuros estudos na área.

A percepção de mulheres, quando do início do processo menopausa, em muitas das vezes, é um misto de espanto e aflição, isso porque nem mesmo a mulher tem conhecimento suficiente desse processo e do que, efetivamente, acontecerá com seu corpo. Os sintomas, embora conhecidos, quando se manifestam no corpo são estranhos à mulher, que se depara com uma situação nova e para a qual não está preparada, o que pode levá-la a uma desconstrução da sua subjetividade.

Quando a mulher se percebe em situação de menopausa, há um sentimento de negação em relação à chegada do fenômeno, isso porque ele remete a uma fase de perdas e de mortes simbólicas, ademais, de término da plenitude, da juventude e da feminilidade.

A menopausa é entendida como o marco do envelhecimento, ou seja, o fim do período fértil e o início do infértil e da velhice. Por isso, entrar na menopausa é deixar a jovialidade para trás e se perceber envelhecendo. Esse é um momento de reconstrução do eu e, dependendo das características positivas ou negativas que carrega, esse pode ser um momento de tranquilidade ou de intranquilidade, de tristeza e sofrimento ou de aceitação, ressignificação e novas perspectivas.

O fenômeno menopausa causa nas mulheres um certo amedrontamento, isso porque, além de significar o fim de um período ascendente, assinala que, a partir desse momento, novos e desconhecidos desafios se colocam à frente. Há, no entanto, mulheres que vivenciam o fenômeno menopausa e compreenderam esse fenômeno como natural do feminino. Essas então se tornam mais conscientes da sua condição biológica e da sua existência enquanto sujeito. Percebe-se, também, que o amadurecimento trazido com a aceitação do processo proporciona um certo conforto a partir da compreensão de que esse é um caminho irreversível e que, portanto, é possível de percorrê-lo com serenidade, desde que buscado o entendimento entre o processo biológico e o psicológico que podem afetar negativamente as características subjetivas de mulheres.

Mesmo assim, a aceitação desse corpo que se morfoseia não ocorre sem conflitos e dilemas, pois o seu corpo é o elemento que representa a mulher no meio

social de convívio e essa metamorfose também é entendida e percebida como o fim da juventude e, portanto, a aproximação da velhice.

Reconhecer-se num novo corpo e das novas necessidades que se apresentam, isso faz com que mulheres em fase de menopausa introduzam novas práticas de cuidados de si, no intuito de retardar os efeitos e até mesmo de buscar uma vivência mais feliz e harmoniosa consigo mesmas. As mulheres entrevistadas afirmam que intensificaram a frequência às academias, aos dermatologistas e se tornaram mais criteriosas na aquisição de produtos de beleza. Essas novas necessidades, muitas das quais criadas em função da “lenda” da eterna juventude, são rapidamente percebidas e oferecidas por um mercado que está em plena expansão e que oferece uma infinidade de produtos e de serviços especialmente direcionados para esse público.

Quanto ao uso de medicamentos nessa fase, percebeu-se que os sintomas são conhecidos, no entanto as mulheres se sentem estranhas a eles quando se manifestam. Assim, as mulheres detêm pouca ou quase nenhuma informação acerca da efetiva necessidade de medicalização (reposição hormonal). Embora a biomedicina não considere que a menopausa seja uma patologia, para algumas mulheres entrevistadas nesta pesquisa a medicalização é percebida como necessária, isso porque nem todo organismo responde ao fenômeno da mesma maneira e que, portanto, alguns sintomas físicos são amenizáveis pela via medicamentosa.

Das narrativas, apreende-se que o uso de medicamentos pelas mulheres visa, também, restabelecer ou manter um relacionamento sexual mais prazeroso com o companheiro, tendo em vista que a mulher na menopausa sofre efeitos físicos importantes com a queda hormonal. A introdução de novas técnicas na intimidade do casal se apresenta como uma “novidade” ou mesmo um “tabu” e isso nem sempre acontece sem um constrangimento inicial.

A menopausa se constitui num processo de mudanças físicas e psicológicas para mulheres e as mudanças físicas decorrentes desse fenômeno se constituem numa das consequências mais desafiadoras para mulheres, isso porque o próprio olhar sobre seu corpo é de críticas e de inaceitação – uma batalha entre a realidade biológica e o desejo de permanecer jovem. Estar velho ou em processo de, isso não é agradável nem desejável para as mulheres, porque significa a morte simbólica de vários elementos considerados e valorizados pela sociedade, notadamente no tocante à juventude, à fertilidade e à feminilidade. Das narrativas, apreende-se que a ordem

social reguladora da estética socialmente aceita se coloca como um obstáculo diante dessas mulheres, que se percebem vulneráveis e com dificuldades em aceitar e em ressignificar esse novo corpo. Por outro lado, há mulheres que compreendem o processo, aceitam-no naturalmente e se redescobrem como mulheres.

Quando o fenômeno menopausa é abordado no ambiente familiar, em suas narrativas, as mulheres se reportam aos companheiros, numa clara demonstração de que o que mais as impacta diz respeito às mudanças corporais e de como esse companheiro passa a enxergar essa mulher como sua parceira sexual. A unanimidade em suas narrativas é a de que os companheiros se mostraram compreensivos e, muitas vezes, as mudanças decorrentes do fenômeno nem são percebidas por eles ou vistos como naturais do processo de envelhecimento pelo qual também passam. Essa é a percepção que as mulheres entrevistadas têm em relação à visão que seus companheiros têm delas. Mesmo assim, no entanto, esse tema poderia ser abordado, em estudos futuros, pela perspectiva do homem em relação ao processo da menopausa e do envelhecimento da mulher.

Já o ambiente profissional, de acordo com as narrativas, pode se apresentar de maneira agressiva para mulheres em processo de envelhecimento, isso porque as mudanças corporais são percebidas, muitas vezes, como o fim da capacidade intelectual e física. Essa é ainda uma herança de uma sociedade patriarcal, em que o espaço feminino se restringia ao domínio doméstico.

Muito embora mulheres relatem certas dificuldades físicas e psicológicas decorrentes dos sintomas do fenômeno menopausa, isso não significa o fim de suas capacidades físicas e intelectuais. Relatam, no entanto, que percebem esse estereótipo e preconceito enraizado em seus ambientes profissionais.

Outro fator preponderante para o enfrentamento desse fenômeno é a importância de uma convivência social onde as suas necessidades sejam compreendidas enquanto sujeito e cuja bagagem histórico-cultural que carregam sejam igualmente consideradas.

As narrativas dessas mulheres acerca dos problemas que encontram em decorrência da idade em suas relações sociais são bem diversas, como podemos observar em suas narrativas. Gardênia enfrenta a situação mudando de atitude, buscando ambientes e pessoas com contribuições positivas na sua trajetória, numa clara indicação de protagonismo e de ressignificação do sentido de envelhecer. Elizabeth e Suzana afirmam que não evidenciaram preconceito em suas relações e,

mais, Suzana afirma que é muito comum trocar confidências e experiências vividas e sentidas com seu grupo, também num claro sentido de que esse é o momento de se perceber como protagonista de vida, pois que esse período se estabeleceu e não há como ignorá-lo. Já Marcela relata que sentiu preconceito mais no início da menopausa e que, com o tempo, ou ela foi se acostumando e não prestando mais atenção à reação das pessoas ou, de fato, o preconceito cessou. Linda evidencia, em sua narrativa, que esse assunto é tabu no grupo de convivência e isso pode nos indicar que o fenômeno de fato acontece no “invisível social”, no entanto surpreende que as próprias mulheres do grupo “finjam” ou “neguem” para si mesmas que estão vivendo o fenômeno. Já Mariana é taxativa ao afirmar o preconceito social em relação à pessoa em processo de envelhecimento, onde são evidentes a segregação de grupos nas relações sociais. Nesse contexto social, evidencia-se que, de maneiras diferentes, as mulheres buscam reconstruir um novo espaço social de convivência de acordo com seus interesses.

Em relação ao passado, essas mulheres relatam que se sentem mais maduras, conscientes e seguras, tanto em relação aos seus projetos futuros como de suas necessidades e desejos. As mulheres também demonstram que, após o choque inicial e a aceitação do processo, resignificaram as suas existências de uma maneira mais profunda e completa enquanto sujeitos, libertas do vício social do estereótipo da mulher perfeita.

Em suas narrativas aparecem expressões como “liberdade”, “autonomia”, “evolução espiritual”, “aceitação”, “autoestima”, “autoafirmação”, “valorização”, “maravilhosa”, “momento esplendoroso”, “liberdade comportamental”, “bem-humorada”, “mulher mais jovial”, “uma mulher livre e solva”, entre outros. Essas expressões nos mostram claramente que, apesar da dificuldade de aceitar a metamorfose, depois que as mulheres entrevistadas compreenderam que o fenômeno é biológico e que acontece a todas as mulheres, independentemente de classe social e cultural, trabalham subjetivamente a aceitação e, a partir disso, resignificam as suas vidas e as suas existências e percebem que essa fase das suas vidas também é importante e pode ser vivida em sua plenitude, bastando apenas mudar a atitude.

Em relação aos seus projetos futuros, nota-se, em suas narrativas, que há uma reflexão em relação ao passado, ao caminho que percorreram e realizaram e ao que ficou apenas no “sonho”. Nota-se, também, que as mulheres se percebem mais maduras e confiantes em projetar e realizar seus desejos até com certo “egoísmo”,

pois nesse momento se percebem, efetivamente, responsáveis por si mesmas e não mais pelos demais membros da família. Há um forte sentimento de liberdade e de independência para realizar atividades apenas por prazer e não por obrigação.

O amadurecimento proveniente da trajetória de suas vidas, aliado ao processo de aceitação do novo eu, suscita nas mulheres entrevistadas uma reflexão e um entendimento de que o protagonismo de suas vidas depende unicamente de suas ações e atitudes. Assim, baseadas nesse novo entendimento, realinham seus projetos de acordo com suas aspirações e necessidades, buscando garantir, em primeiro lugar, atender seus desejos mais pessoais.

Esse poder e liberdade de decidir sobre seus projetos futuros, antes muito atrelados às necessidades da família ou do trabalho, decorre desse entendimento de que o fenômeno menopausa, pelo seu significado de mortes simbólicas, suscita o entendimento de que não é mais possível adiar projetos fundamentais para a satisfação pessoal, sob pena de não os realizar em tempo algum.

Considerando que a temática menopausa é atual e instigante, sugiro, para estudos futuros, diferentes abordagens para o tema, como, por exemplo: abordagem direcionada para as mulheres histerectomizadas; abordagem sobre a percepção dos companheiros em relação à mulher nessa fase; abordagem sob a perspectiva de gênero, sexo e etnia e, ainda, abordagem considerando-se as diferentes classes sociais.

7 REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. **Narrativas do envelhecimento**: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Soc.* [on-line]. 2014, v. 26, n. 1, p. 207-232. ISSN 0103-2070. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702014000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 maio 2018.

AZAMBUJA, Patrícia Passos de. **Envelhecimento ativo**: ações educativas do serviço de saúde sobre a saúde do idoso. 2015. 61 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4859>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BARAZZETTI, Lidiane. **Relação entre transtornos psiquiátricos menores e sintomas do climatério em mulheres atendidas em um ambulatório do sul do Brasil**. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4556>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**: a realidade incômoda. São Paulo: Pensamento, 1970a.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**: as relações com o mundo. São Paulo: Pensamento: 1970b.

BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. 2006. 295 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/pt-br.php>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

BRASIL. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento**: 2002. Organização das Nações Unidas. Tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. 2003. 49 f. (Série Institucional em Direitos Humanos. v. 1). Disponível em: <<file:///G:/LEITURAS%20PARA%20TESE%20ENVELHECIMENTO%20FEMININO/AUTORES%20DIVERSOS/Plano%20Internacional%20sobre%20o%20envelhecimento%20-%202002.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

BRASIL. **Relatório envelhecimento ativo**: um marco político em resposta à revolução da longevidade - Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: 2015. 119 p.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 212 p. (Coleção Antropologia & Saúde).

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**. v. 25, n. 2. p. 225-250, maio/ago.

2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922010000200005>. Acesso em: 8 mar. 2019.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado** - pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2000 (Livro eletrônico).

CEPELLOS, Vanessa Martines. **Os sentidos da idade**: morte e renascimento no processo de envelhecimento de mulheres executivas. 2016, 270 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16640>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

COELHO, Carolina Gomes. **Imagem corporal e comportamentos relacionados à saúde em adultos**: estudo longitudinal de saúde do adulto (ELSA-Brasil), 2008-2010. 2015. 107 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-ADSGF6>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

COSTA, Gabriela Maria C.; GUALDA, Dulce Maria Rosa. Conhecimento e significado cultural da menopausa para um grupo de mulheres. **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 81-89, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n1/11.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2017.

CSORDAS, Thomas J. Incorporazione e fenomenologia culturale. **Antropologia. Corpi**, n. 3, 2003. Disponível em: <<http://www.ledijournals.com/ojs/index.php/antropologia/article/view/105>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/significado/cura**. Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca e revisão de Carlos Alberto Steil e Luís Felipe Rosado Murillo (rev.). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2008.

CSORDAS, Thomas J. Fenomenologia cultural corporeidade: agência, diferença sexual, e doença. **Educação** (impresso), Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 292-305, set./dez. 2013.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: **Antropologia e Velhice**, Textos Didáticos n. 19, IFCH, 1998.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, jun./ago. 1999.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Fapesp, 2012.

FELTRIN, Rebeca Buzzo; VELHO, Lea. Representações do corpo feminino na menopausa: estudo etnográfico em um hospital-escola brasileiro. In: **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad** - ISSN 1984-6487 / n. 22. 2016 - p.

148-174. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sess/n22/1984-6487-sess-22-00148.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 35, p. 879-90, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n35/aop2510.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Vanessa Nolasco. **O envelhecimento feminino na sociedade do espetáculo**. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/labesc/files/2010/06/O-envelhecimento-feminino-na-sociedade-do-espet%C3%A1culo.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

FERREIRA, Vanessa Nolasco et al. Menopausa: marco biopsicossocial do envelhecimento feminino. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 410-419, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/18.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Envelhecimento no século XXI: celebração e desafio**. Nova York. 2012. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 288 p. (livro eletrônico).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GARCES, Solange Beatriz Billig. **Movimentação dos atores idosos na esfera pública e na sociedade civil: sociabilidades presentes no território dos idosos**. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3236/SolangeGarcesCienciasSociais.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Revista contemporânea**, Rio de Janeiro, ed. 18, ano 9, n. 2, p. 77-85, 2011. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GOLDMAN, Clara. Abertura. In: **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social / Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2008. 196 p.

HOUAISS, Antônio et al. Menopausa. In: _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1273.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2016.

KANTOVISKI, Andréia Lara Lopatko; VARGENS, Octavio Muniz da Costa. O cuidado à mulher que vivencia a menopausa sob a perspectiva da desmedicalização. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia/GO, v. 12, n. 3, p. 567-570, 2010. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n3/v12n3a22.htm>. Acesso em: 20 maio 2017.

LE BRETON, David. A síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercing e outras marcas corporais. Tradução de Tereza Frazão. Edição e distribuição limitada. 2004.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Paixões ordinárias, antropologia das emoções**: Petrópolis, RJ: Vozes. 2009. 276 p.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 405 p.

LIMA, Susana Moreira de. **O outono da vida**: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas. 2008, 194 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Curso de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais. Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/1894>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

LOBO, Jorgina Teixeira. **Sobre o tempo no corpo e na alma**: Um estudo sobre o envelhecimento feminino na contemporaneidade. 2007. 147 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira. Rio de Janeiro. 2007.

Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3388>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MARCELJA, Karen Grujicic: **A beleza como passaporte intergeracional**. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/12405/1/Karen%20Grujicic%20Marcelja.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 384 p.

MAUSS, Marcel. **Antropologia**. Tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldini Meirelles e Ivone Toscano. São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536 p., 6 ils.

MENDONÇA, Eliana Azevedo Pereira de. **Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa**. 2004. p. 751-762. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19833.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

MENDONÇA, Maria Luíza. Imagens de mulher: representações do envelhecimento feminino nos media brasileiro. **Comunicação e Sociedade**, v. 21, p. 67-78, 2012. Disponível em: <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/viewFile/700/621>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Col. "Os Pensadores". São Paulo: Abril, 1975 (Livro eletrônico não paginado).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MESQUITA, Paula Fabrícia Brandão Aguiar. **Envelhecimento feminino**: estilo de vida, afetividade e sexualidade aos 60. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9128/1/2014_tese_pfba_mesquita.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. Introdução: entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. (Org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. p. 11-24.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. O envelhecimento saudável: educação, saúde e psicologia positiva. In: FERREIRA, A. J. et al. (Org.) **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre, RS: Editora da PUCRS, 2012. p. 14-22. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/8616>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

NATANSON, Maurice. Introdução. In: SCHÜTZ, A. **El problema de la realidad social**. 3. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2015.

OLIVEIRA, Suzete Maria Ramos Cortez. **Um olhar sobre o processo do envelhecimento**: a percepção do idoso sobre a velhice em centros de convivência selecionados. 2014. 252 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. SP. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3629>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

OLIVERIA, Juliana de. Evolução histórica da previdência social: o sistema previdenciário brasileiro é estável? **Revista Brasileira de História do Direito**, Salvador/BA, v. 4, n. 1, p. 64-86, jan./jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Mulheres e saúde**: evidências de hoje, agenda de amanhã. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://www.who.int/epor-tuguese/publications/Mulheres_Saude.pdf?ua=1>. Acesso em: 17 maio 2017.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. p. 13-27.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERUFO, Kátiusce Faccin. **Dimensões do envelhecimento e sociabilidades na contemporaneidade**: um estudo em Santa Maria/RS. 2014. 212 f. Teses (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3315/Katiusce%20Faccin%20Perufo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 maio 2017.

RODOLPHO, Juliana Realce Caçapava. **É tempo de se cuidar mais**: pesquisa-ação para promover a saúde da mulher no climatério. 2015. 229 f. Tese (Doutorado em Enfermagem), Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, SP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-14102015-134543/pt-br.php>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001. 224 p. (Coleção Antropologia & Saúde).

ROHDEN, Fabíola. As marcas de gênero na ciência dos hormônios. **VII RAM – Reunião de Antropologia do MERCOSUL**. Porto Alegre, RS: UFRGS. 2007.

SAMARÃO Lilianny. O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. **Contemporânea** [Internet], n. 8, p. 45-57, 2007. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/04LILIANY.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas/SP, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHÜTZ, A., LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

SCHÜTZ, A. **El problema de la realidad social**. 3. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2015.

SEPARAVICH, Marco Antônio Alves. **Uma reflexão socioantropológica sobre o corpo na menopausa**. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770317>>. Acesso em: 14 maio 2017.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de; VICTORA, Ceres. “Quem não quer viver até os 100?”: uma análise antropológica da participação de idosos em ações de saúde de um Posto de Saúde da Família em Porto Alegre. In: MCCALLUM, Cecília Anne; ROHDEN, Fabíola (Org.). **Corpo e saúde na mira da antropologia**: ontologias, práticas, traduções. Salvador, BA: Editora da UFBA 2015. 347 p.

SILVA, Yolanda Flores e. **Cuidado de si ou violência corporal? A produção da velhice feminina na mídia**. 2000. 183 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79202/173016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SOARES, Cristiane Leal Rodrigues. **Entre viver para si e viver para os outros**: envelhecimento feminino e individualização. 2013. 291 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7307/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SORPRESO, Isabel Cristina Espósito. **Atenção integral à saúde da mulher na transição para menopausa e pós-menopausa**. 2010. 121 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ginecologia, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/8993/Publico-11842.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SOUZA, Natália Lemes Siqueira Aguiar de; ARAÚJO, Cláudia Lysia de Oliveira. Marco do envelhecimento feminino, a menopausa: sua vivência, em uma revisão de literatura. In: **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo/SP, Brasil: FACHS/NEPE/

PEPGG/ PUC-SP, v. 18, n. 2, p. 149-165, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26430>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

TRENCH, Belkis; SANTOS, Claudete Gomes dos. Menopausa ou menopausas? **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 91-100, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v14n1/10.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2017.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na cultura do consumo**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 2008. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/trinca_tp_ms_mar.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2017.

VALENÇA, Cecília Nogueira; et al. **Mulher no climatério**: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 273-285, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n2/05.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Rev. Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 548-54, 2009.

WILSON, Robert A. **Eternamente feminina**. São Paulo: Edameris, 1966.